

2º CICLO DE ESTUDOS

[MESTRADO DE MUSEOLOGIA]

Os Museus de Arte Contemporânea e o seu papel no Desenvolvimento Social do Interior de Portugal

Perceções de Impacto

Ana Isabel Montes Pérez

M

2024



Ana Isabel Montes Pérez

Os Museus de Arte Contemporânea e o seu papel no Desenvolvimento Social do Interior de Portugal

Perceções de Impacto

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Museologia, orientada pela Professora Doutora Elisa de Noronha Nascimento

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Sumário

Declaração de Honra	5
Agradecimentos	6
Resumo	7
Abstract	8
Resumen	9-10
Lista de Figuras	11
Lista de Tabelas e Gráficos	12
Índice de Apêndices	13
Lista de Siglas e Abreviaturas	14
Nota Prévia	15
Introdução	16-19
Capítulo I Quadro Teórico da Investigação.....	20
1. Enquadramento Teórico	20-21
1.1 Desenvolvimento Social: do conceito ao efeito	21-22
1.1.1 Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social, o primeiro passo oficial.....	22-24
1.1.2 Indicadores do Desenvolvimento Social	24-26
1.1.3 O Desenvolvimento Social em Contínua Discussão	26-27
1.1.4 União Europeia e o Desenvolvimento Social	27-31
1.1.5 Desenvolvimento Social em Portugal	31-33
1.1.6 Reflexão sobre o Conceito Desenvolvimento Social	33-35
1.2 Museus como Ferramenta para o Desenvolvimento Social	36-40
1.2.1 O Valor e o Impacto do Museu	40-45
1.2.2 Reflexão Final sobre os Museus como Ferramenta para o Desenvolvimento Social	45-46
1.3 Museus de Arte Contemporânea e o Desenvolvimento Social	47-49
1.3.1 O Artista e a Democracia Cultural num Museus para o Desenvolvimento Social	49-51
1.3.2 Museus de Arte Contemporânea para o Desenvolvimento Social.....	51-56

1.3.3 Reflexão Final sobre o Museu de Arte Contemporânea e o Desenvolvimento Social-.....	56-57
Capítulo II Estudos de Caso	
2. Estratégia Metodológica.....	58-62
3. Singularização do Campo de Investigação	63
3.1.1. Cidades em Estudo	63
3.1.1.1 Castelo Branco	63-66
3.1.1.2 Viseu	66- 71
3.1.1.3 Castelo Branco e Viseu, uma Visão Comparativa das Cidades.....	71-72
3.1.2 Os seus museus, uma breve descrição	73
3.1.2.1 Museu Cargaleiro, Castelo Branco	73-75
3.1.2.2. Quinta da Cruz, Viseu	75-78
4. Perceções de Impacto: O Museu de Arte Contemporânea no Desenvolvimento Social do Interior	79
4.1 Introdução à Análise das Entrevistas	79
4.2 Dimensão de Análise – Comunidade	80
4.2.1 Trabalho com os Públicos	80-82
4.2.2 Trabalho/Impacto na Comunidade	82-90
4.2.3. O Valor do Museu	91-92
4.2.4. O valor da Arte	92-94
4.3 Dimensão de Análise – Desenvolvimento Social	94
4.3.1. Impacto do Museu no Desenvolvimento Social Laboral	94-98
4.3.2 Impacto do Museu no Desenvolvimento Social Integrado	98-101
4.3.3. Relação Instituição	101-104
4.4 Reflexão sobre a Análise de Conteúdo	105-106
Considerações Finais	107-110
Referências Bibliográficas	111-120
Apêndices	121
Apêndice I	121
Apêndice II	122-126
Apêndice III	127-165

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de partes da presente dissertação, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo.

Viseu, 02 de Julho de 2024

Ana Pérez

Agradecimentos

Aos entrevistados, com quem tive a oportunidade de falar e cujas percepções e informações são o coração desta dissertação: Dr. Leopoldo Martins Rodrigues, Dra. Leonor Barata e Dra. Liliana Tavares.

Às Instituições abordadas nesta investigação, o Museu Cargaleiro e a Quinta da Cruz, assim como às Câmaras Municipais de Castelo Branco e de Viseu, que possibilitaram o desenvolvimento da dissertação fornecendo o material e informação necessária sempre com disponibilidade, entusiasmo e amabilidade.

O meu mais profundo agradecimento à Professora Doutora Elisa Noronha, orientadora desta dissertação, não só por orientar sempre com dedicação, carinho e motivação, mas sobretudo por me fazer reapaixonar e emocionar pela museologia.

Aos meus amigos do Mestrado em Museologia: Beatriz Figueirinha e Alberto Chillón, por me acompanharem e viverem comigo os momentos mais difíceis, mas também os mais bonitos que estes dois anos nos trouxeram.

À minha família, por tudo, *gracias*.

Resumo

As novas correntes, posicionamentos e discussões na museologia têm-se centrado no papel e responsabilidade social que o museu assume na comunidade e cidade onde se encontra. Esta questão tem dinamizado as atividades, serviços educativos, exposições, missões e objetivos dos museus pelo mundo. Para além disso, a necessidade de medir o impacto que as instituições museológicas exercem nos seus ambientes de interação é crescente, pelo que se têm desenvolvido diferentes ferramentas e estudos em diferentes contextos e países.

Esta dissertação apresenta um estudo de diferentes perceções de impacto no desenvolvimento social, de dois museus no interior de Portugal. Tem-se como casos de estudo a Quinta da Cruz – Centro de Arte Contemporânea, na cidade de Viseu, e o Museu Cargaleiro, em Castelo Branco. Desta forma, o estudo centra-se numa realidade ainda mais específica do interior de Portugal, a Beira Interior.

Com este estudo se procura entender que género de desenvolvimento social tais museus promovem: mais centrado no desenvolvimento social “económico” e “laboral” ou um desenvolvimento social “integrado”?

Para conseguir responde esta questão, a metodologia baseia-se na análise de dados estatísticos das cidades e em entrevistas. No que diz respeito a dados estatísticos das cidades, foram analisados relatórios de desenvolvimento, planos de desenvolvimento, diagnósticos sociais dos municípios e dados retirados do Instituto Nacional de Estatística (INP), EUROSTAT e Pordata. As entrevistas foram dirigidas aos responsáveis e dirigentes dos museus com o objetivo de traçar perceções de impacto dos dirigentes e responsáveis dos museus e foi realizada a análise de conteúdo das mesmas. Estes dois métodos permitiram criar uma perceção mais fidedigna à realidade do impacto que o museu causou.

Os resultados apontam de forma positiva que os museus impactam de forma diferente a sua comunidade tendo em conta, sobretudo, a natureza das suas coleções e localização.

Abstract

New trends, positions, and discussions in museology have increasingly focused on the social role and responsibility that museums assume in the communities and cities where they are located. This issue has driven the activities, educational services, exhibitions, missions, and objectives of museums worldwide. Furthermore, the need to measure the impact that museological institutions exert on their environments of interaction is growing, leading to the development of various tools and studies in different contexts and countries.

This dissertation presents a study on different perceptions of impact on social development, focusing on two museums in the interior of Portugal. The case studies are the Quinta da Cruz – Contemporary Art Center in the city of Viseu and the Cargaleiro Museum in Castelo Branco. Thus, the study focuses on a specific reality within the interior of Portugal, the Beira Interior region.

The aim of this study is to understand what kind of social development these museums promote: whether it is more focused on "economic" and "labor" social development or an "integrated" social development.

To answer this question, the methodology is based on the analysis of statistical data from the cities and interviews. Regarding the statistical data of the cities, development reports, development plans, municipal social diagnostics, and data from the National Institute of Statistics (INE), EUROSTAT, and Pordata were analyzed. The interviews were conducted with the directors and managers of the museums to outline their perceptions of impact, and a content analysis of these interviews was performed. These two methods allowed for a more accurate perception of the actual impact the museums have had.

The results positively indicate that museums impact their communities differently, mainly considering the nature of their collections and their location.

Resumen

Las nuevas corrientes, posicionamientos y discusiones en museología se han centrado cada vez más en el papel y la responsabilidad social que los museos asumen en las comunidades y ciudades donde se encuentran. Esta cuestión ha dinamizado las actividades, los servicios educativos, las exposiciones, las misiones y los objetivos de los museos en todo el mundo. Además, la necesidad de medir el impacto que las instituciones museológicas ejercen en sus entornos de interacción está en aumento, lo que ha llevado al desarrollo de diversas herramientas y estudios en diferentes contextos y países.

Esta disertación presenta un estudio sobre diferentes percepciones de impacto en el desarrollo social, centrándose en dos museos del interior de Portugal. Los estudios de caso son la Quinta da Cruz – Centro de Arte Contemporáneo en la ciudad de Viseu y el Museo Cargaleiro en Castelo Branco. Así, el estudio se centra en una realidad específica del interior de Portugal, la región de Beira Interior.

El objetivo de este estudio es entender qué tipo de desarrollo social promueven estos museos: si está más enfocado en el desarrollo social "económico" y "laboral" o en un desarrollo social "integrado".

Para responder a esta pregunta, la metodología se basa en el análisis de datos estadísticos de las ciudades y en entrevistas. En cuanto a los datos estadísticos de las ciudades, se analizaron informes de desarrollo, planes de desarrollo, diagnósticos sociales de los municipios y datos del Instituto Nacional de Estadística (INE), EUROSTAT y Pordata. Las entrevistas se realizaron con los directores y responsables de los museos con el objetivo de delinear sus percepciones de impacto, y se realizó un análisis de contenido de estas entrevistas. Estos dos métodos permitieron crear una percepción más precisa de la realidad del impacto que los museos han causado.

Los resultados indican de manera positiva que los museos impactan de manera diferente en sus comunidades, considerando principalmente la naturaleza de sus colecciones y su ubicación.

Lista de Figuras

Figura 1 Direitos Sociais Europeus	30
Figura 2 Atividade proposta pelo MDCl	43
Figura 3 Grupo de pedagogia que participou no MDCl	43
Figura 4 Projeto ECCo	44
Figura 5 Entrevista a Conceição Matos dentro do projeto "Histórias de Pessoas, Histórias de Resistência"	45
Figura 6 Manifestation 4 BMPT	50
Figura 7 Walk with Contraposto, Bruce Nauman	50
Figura 8 The New York Earth Room, Walter de Maria	50
Figura 9 I like America and America likes me, Joseph Beuys	50
Figura 10 Official Welcome, Andrea Fraser	51
Figura 11 A Museum Tour, Andrea Fraser	51
Figura 12 Equipa de investigação da Tate Encounters	53
Figura 13 2009 1ª edição dos Tate Encounters, publicidade	53
Figura 14 Resultado do Porto Maravilha	54
Figura 15 Protestos no dia da abertura do MAR	54
Figura 16 MassMOCA instalações do museu na antiga fábrica	55
Figura 17 Criative Campus MassMoca	55
Figura 18 Mancha urbana de Bilbao antes da construção do museu	56
Figura 19 Mancha urbana de Bilbao depois da construção do museu	56
Figura 20 Museu Cargaleiro - dois edifícios	74
Figura 21 Quinta da Cruz – instalações	77

Lista de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 População residente no concelho, 2011 e 2021.....	63
Tabela 2 Percentagem da demografia, educação e sociedade de 2016 a 2022	64
Tabela 3 População imigrante residente no concelho em 2021	64
Tabela 4 Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem em 2019, por sexo.....	65
Tabela 5 Beneficiários/as de subsídio de desemprego da Segurança Social no concelho, por sexo, em 2021	65
Tabela 6 N.º de desempregados/as inscritos/as no serviço de emprego de Castelo Branco em fevereiro de 2022	65
Tabela 7 Densidade populacional por Km2 (2011, 2019, 2020)	68
Tabela 8 Mapa de residentes estrangeiros no distrito de Viseu	68
Tabela 9 Indicadores de dinamismo comercial no concelho de Viseu	69
Tabela 10 Empresas não financeiras por atividade económica.....	70
Gráfico 1 Distribuição percentual de crianças e jovens e pessoas idosas	67
Gráfico 2 Diferença salarial por género	69

Índice de Apêndices

Apêndice I – Quadro de levantamento de museus e centros de arte contemporânea no interior de Portugal	100
Apêndice II – Guião da entrevista	101 – 105
Apêndice III – Quadro de análise das entrevistas	106 – 142

Lista de Siglas e Abreviaturas

BME – Black and Minority Ethnic

BMPT – Buren, Mosset, Parmentier, Toroni

CCUCI – Creating the Center for Cultural Understanding and Change

CEE – Comunidade Económica Europeia

CISOC – Compromisso de Impacto Social das Organizações Culturais

CMDS – Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social

CSocD – Comissão para o Desenvolvimento Social

ECCO – Environment, Culture and Conservation

HLPF – Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Social

FMI – Fundo Monetário Internacional

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – Conselho Internacional de Museus

INE – Instituto Nacional de Estatística

MACBA – Museu de Arte Contemporânea de Barcelona

MAR – Museu de Arte do Rio

MassMOCA – Museu de Arte Contemporânea de Massachusetts

MINOM – Movimento Internacional para a Nova Museologia

MDCI – Museu Didático- Comunitário do Itapuã

MNRL – Museu Nacional Resistência e Liberdade

MSF – Médicos Sem Fronteiras

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONU – Organização das Nações Unidas

RPAC – Rede Portuguesa de Arte Contemporânea

RPM – Rede Portuguesa de Museus

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

WCAR – Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Relacionada

Nota prévia:

Todos os excertos de autores estrangeiros citados no corpo do texto foram traduzidos para português (tradução livre). Em nota de rodapé encontra-se a versão original.

Introdução

Ao longo das últimas décadas, o papel do museu tem-se transformado profundamente, estando cada vez mais consciente do seu potencial e do seu papel social ao serviço da comunidade. Esta mudança na perspetiva e postura do museu tem-se traduzido num conjunto de novas correntes de pensamento museológico e conceitos, como a nova museologia, o museu total, o museu integrado, o museu interventivo, museu comunitário, ecomuseus, museu social, entre outros.

Em simultâneo, vivemos num mundo que constantemente procura o desenvolvimento, seja económico, humano, social, de infraestruturas, educativo, sustentável, tecnológico. O desenvolvimento é o máximo objetivo da sociedade contemporânea. Mas qual desenvolvimento? Em que desenvolvimento realmente está a humanidade concentrada? Para onde caminha este desenvolvimento?

De maneira sucinta, pode-se afirmar que existem dois tipos de desenvolvimento social diferentes, que se tomou a liberdade de chamar desenvolvimento social “laboral” ou “económico” e o desenvolvimento social “integrado”. O primeiro é resultado do entendimento do mesmo por parte das grandes organizações mundiais e governamentais, em que se reflete sobre o desenvolvimento social em função do aporte económico e inserção laboral dos indivíduos. O segundo é fruto das novas formas de compreender o desenvolvimento, mais centrado em valores, liberdades, escolhas, tolerância, justiça e comunidade. Alguns autores dizem que quanto mais liberdade e poder de escolha se tiver, mais próximos do desenvolvimento social a humanidade está (Sen, 1999; 2009 e Nussbaum, 2011).

Assim, esta dissertação estrutura-se sobre dois principais conceitos e uma questão de partida: museu para a comunidade e desenvolvimento social; como o museu de arte contemporânea impacta no desenvolvimento social da sua comunidade?

Uma vez que apagar as assimetrias regionais de acesso à cultura entre as cidades do litoral e o interior do país é um objetivo e desafio que Portugal tem, pareceu pertinente

assumir como contexto de estudo desta dissertação o interior do país, os seus museus de arte contemporânea e o seu impacto na comunidade. Neste sentido, foram definidos e desenvolvidos dois casos de estudo, assumindo como critérios de seleção: ser um museu ou centro de arte contemporânea; possuir uma coleção de arte contemporânea; estar localizado no interior de Portugal; pertencer a uma rede de museus e assumir o seu carácter social na sua missão ou objetivos. Foram selecionados o Museu do Cargaleiro em Castelo Branco e a Quinta da Cruz em Viseu, retratando uma realidade mais específica do interior de Portugal, a Beira Interior.

Assim, a pergunta principal que orientou o desenvolvimento dos casos de estudo foi: os museus de arte contemporânea do interior de Portugal têm impactado no desenvolvimento social das suas cidades? Partindo desta questão e assente na revisão bibliográfica realizada no âmbito desta dissertação, muitas outras surgiram, como por exemplo, que desenvolvimento social promovem? Com que comunidades o museu trabalha? Qual é relação com os artistas locais? A posição/responsabilidade social do museu influencia na sua programação? Como trabalham a exclusão social? Dão oportunidades à população da cidade? Quais esferas individual ou comunitária têm impactado? A muitas das perguntas, algumas respostas foram sendo encontradas, sobretudo, através das entrevistas.

De forma a conseguir responder a todas as inquietações, a abordagem metodológica adotada baseou-se em entrevistas semiestruturadas a dirigentes e responsáveis pelos museus/ casos de estudo e análise de alguns dados estatísticos como a população, empregabilidade, a diferença de género, migrações, atividade económica, entre outros. As fontes dos dados estatísticos utilizados nesta dissertação são do INE, EUROSTAT e Pordata, assim como a análise de documentos como relatórios de desenvolvimento, planos de desenvolvimento, diagnósticos sociais dos municípios de Castelo Branco e Viseu.

Relativamente à entrevista, utilizou-se a entrevista semiestruturada, ou seja, desenvolveu-se um guião com base nas reflexões teóricas e nas inquietações que se foram desenvolvendo à medida que se avançava na revisão da literatura. Posteriormente

realizou-se a análise de conteúdo de todo o material recolhido durante as entrevistas, que foi cuidadosamente organizado em diferentes categorias de análise, que por sua vez pertenciam a duas grandes dimensões de análise: desenvolvimento social e comunidade. Cada unidade de sentido foi enquadrada numa categoria de análise, o que permitiu uma interpretação significativa de cada museu e as suas formas de atuar e impactar.

Através das entrevistas, tornou-se evidente que as coleções e o valor da arte, assim como a localização do museu dentro de uma cidade de médias dimensões são fundamentais no funcionamento de um museu de arte contemporânea no interior de Portugal. E que, ao contrário do que num primeiro momento se possa pensar, estes museus impactam de forma positiva as suas cidades e comunidades, tanto numa esfera comunitária como a educação, os postos de trabalho, a economia local e nas transformações urbanas, mas também numa esfera individual, como por exemplo em sentimentos de orgulho e autoestima e na criação de oportunidades para a população.

A presente dissertação encontra-se organizada em dois capítulos. O capítulo I contém o desenvolvimento de um quadro teórico, onde são amplamente discutidos alguns conceitos centrais para a pesquisa e análise dos casos de estudo. O quadro teórico está subdividido em três partes, a primeira discute o desenvolvimento social e as grandes transformações que este conceito tem vivido, tanto a nível mundial como europeu e português; na segunda, discute-se o museu como ferramenta para o desenvolvimento social e apresenta-se vários exemplos de atividades realizada por museus que promovem o desenvolvimento social; o valor e o impacto do museu; e na terceira refletem-se questões como o valor da arte, a democracia cultural, o artista enquanto agente de mudança e outros exemplos de museus que através das suas atividades promovem o desenvolvimento social.

Ao longo do primeiro capítulo citam-se documentos como a Cimeira Mundial Para o Desenvolvimento Social (CMDs), as Comissões para o Desenvolvimento Social da ONU, a Mesa Redonda de Santiago de Chile de 1972, a Declaração de Oaxtepec, documentos da UNESCO, o Compromisso de Impacto Social das Organizações Culturais (CISOC) e autores como Amartya Sen (1999; 2009), Martha Nussbaum (2011), Gustafsson e Ijla (2016),

Alexander e Alexander (2008), Aida (1992), Carol Scott (2007; 2010), Richard Sendall (2002; 2003), Gomes e Cunha (2023) e Teixeira Lopes (2007). O capítulo II é dedicado aos casos de estudo, onde se apresenta a metodologia, estratégias utilizadas e dificuldades encontradas. São apresentados os casos de estudo e a síntese da análise e categorização dos dados. Todos os subcapítulos e temas abordados são acompanhados de algumas problematizações e reflexões pessoais sobre o que foi apresentado. Por último, são apresentadas as considerações finais da dissertação.

CAPÍTULO I Quadro Teórico da Investigação

1. Enquadramento Teórico

Neste capítulo encontram-se os conceitos centrais, abordagens teóricas e algumas questões que permitiram criar um marco de observação e análise do fenómeno estudado no âmbito desta dissertação. Assim, o capítulo está subdividido em três partes que abordam os conceitos que estiveram na base da reflexão, nomeadamente, o conceito de Desenvolvimento Social, já que este adquire um papel central neste quadro de análise, e a conceção do Museu como Ferramenta para o Desenvolvimento Social e o Museu de Arte Contemporânea e o Desenvolvimento Social.

A abordagem do conceito de Desenvolvimento Social será feita à luz de diferentes autores, passando pelas suas transformações e representações ao longo da história recente, pelos debates que ele desperta nas diferentes comunidades académicas e pelos seus diferentes indicadores que permitem a sua “medição” / “mensuração”. Importa referir como premissa, que o conceito de Desenvolvimento Social é complexo, por se compor de dois conceitos distintos, designadamente: o conceito de Desenvolvimento, que aparece em várias áreas do saber, desde a biologia passando pela economia até os campos mais ligados às áreas mais humanísticas e, o conceito Social que vem de sociedade ou das relações dos membros dos grupos e que tem ganho protagonismo nos discursos, posicionamentos, teorias e políticas ao longo dos últimos dois séculos.

Com a abordagem à conceção dos Museus como Ferramenta para o Desenvolvimento Social fala-se do porque e como os museus se tornam capazes de promover o desenvolvimento social, dando especial destaque aos tratados e declarações e aos conceitos de valor e o impacto do museu, que dotam esta instituição de potencial transformador. Assim como, alguns exemplos de museus e as suas áreas de impacto e trabalho na comunidade.

Na terceira e última parte, começa-se por se discutir o valor da arte e porquê é que o museu de arte tem uma natureza potencialmente transformadora. É também apresentado como noções como a responsabilidade social e a capacidade de ser uma ferramenta para o desenvolvimento é trazida para dentro do mundo artístico, ou seja, fala-se da democratização e democracia cultural tanto na parte dos museus como dos artistas e finaliza-se com exemplos de museus de arte contemporânea e o seu trabalho com a comunidade.

1.1 Desenvolvimento Social: do Conceito ao Efeito

A palavra Desenvolvimento aparece pela primeira vez associada às ciências naturais e à economia. No século XVIII, com Harvey na zoologia e Adam Smith e David Ricardo associando o conceito ao desenvolvimento económico; Baer no século XIX, na embriologia, Darwin e Spenser, na evolução e adaptação das espécies (Pérez, 2022, p. 34-35). Moricochi e Gonçalves (1994, p. 28) explicam que não houve preocupação em formular uma teoria “geral” do desenvolvimento, este sempre aparecia fragmentado.

Apesar do conceito de Desenvolvimento se ter transformado continuamente, este ficou durante várias décadas associado ao desenvolvimento económico e compreendê-lo desta forma, deixou fortes desigualdades nas dimensões sociais, ambientais, culturais, simbólicas, afetivas, éticas e estéticas de um país (Ferreira e Caramelo, 2015, p.112). Em Portugal, e com maior evidência, no interior, a desvalorização de outros fatores de desenvolvimento provocou desequilíbrios no espaço nacional, gerando processos de desertificação, envelhecimento demográfico, empobrecimento generalizado do interior, desigualdades sociais, problemas no ordenamento territorial, agressão ambiental e polos industrializados e urbanizados (Núcleo da Rede Social, 2002, p. 13).

Apenas depois da Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento aparece como campo de estudo da sociologia e o seu entendimento alterar-se, aparecendo novas propostas de atuar e pensar o desenvolvimento de forma holística e não apenas económica, industrial ou tecnológica (Amaro, 2009, p. 109).

A partir dos anos 80 do século XX deram-se os primeiros passos para o aparecimento do conceito de “desenvolvimento social”. Governos e a Organização das Nações Unidas (ONU), através de projetos, tomaram diferentes medidas para diminuir a taxa de desemprego, a pobreza e a exclusão, promovendo os valores, identidades, culturas e saberes. Procuravam valorizar e incentivar a realidade local e a participação da comunidade no diagnóstico das suas necessidades e soluções (Amaro, 2009, p. 108). É desta forma que se começam a fortalecer e estabelecer os conceitos de desenvolvimento social, desenvolvimento local e desenvolvimento comunitário, estando sempre relacionados.

Ao longo das décadas de 80 e 90 do século XX, foi-se debatendo o desenvolvimento social, os seus indicadores e possíveis soluções.

1.1.1. Cimeira Mundial Para o Desenvolvimento Social, o Primeiro Passo Oficial

Apesar da discussão do desenvolvimento social se ter iniciado depois da Segunda Guerra Mundial e estar em forte discussão desde a década de 80 do século XX, dá-se especial importância à Cimeira Mundial Para o Desenvolvimento Social (CMDS), e se assume como um ponto de viragem na conceptualização e discussão do desenvolvimento social tal como o entendemos na atualidade.

Em março de 1995, em Copenhaga, dá-se a primeira Cimeira Mundial Para o Desenvolvimento Social, que se inscreve numa série de conferências e cimeiras em capitais das Nações Unidas, com o objetivo de alertar a necessidade de uma profunda transformação nas lógicas políticas e económicas que os países promoviam (Núcleo da Rede Social, 2002: 13). Nomeadamente, a Conferência sobre o Ambiente e o Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992, a Conferência de Viena sobre os Direitos do Homem em 1993, a Conferência Mundial do Cairo sobre População e Desenvolvimento (1994) e a Conferência Mundial sobre as Mulheres em Pequim, no ano 1995 (Comissão Europeia, MEMO/95/7).

Nesta Cimeira, foram discutidos vários problemas, princípios e possíveis soluções a ser implementadas a nível global, tendo-se identificado como principais problemas a marginalização social, a pobreza e o forte desemprego, entendendo que era vital discutir e trabalhar para um desenvolvimento sustentável, composto por três elementos: desenvolvimento social; desenvolvimento económico e proteção do meio ambiente (Nações Unidas, 1995, p. 5). É também explanado no relatório da Cimeira que a paz, a democracia e a segurança são pilares essenciais para o bom desenvolvimento social e bem-estar das populações, assim como o apoio da comunidade internacional para países com taxas mais elevadas de pobreza, desemprego, isolamento social ou países que vivem um momento de transformação social, política ou económica (Nações Unidas, 1995, p. 8-9).

Segundo o seu relatório, a contínua globalização da economia e o progresso tecnológico teve fortes impactos nos países, tanto positivos, como por exemplo, uma grande mobilidade humana, progressos nas comunidades, aumento do comércio, novas oportunidades de crescimento económico e desenvolvimento da economia mundial. Como negativos, tais como a polarização de operadores económicos, grandes centros de desenvolvimento, que contrastam com regiões que se afundam na pobreza. Isto resultou em acentuadas diferenças de riqueza e pobreza entre a população e território (Comissão das Comunidades Europeias, 1996: 1).

A colaboração e relações internacionais entre os países são fundamentais para se cumprir os objetivos do desenvolvimento social. Nesta cimeira, são listadas as principais fontes de transtorno social a nível global: “a fome crónica, a má nutrição, os problemas de drogas ilícitas, a delinquência organizada, a corrupção, a ocupação estrangeira, os conflitos armados, o tráfico ilegal de armas, o terrorismo, a intolerância e incitação ao ódio por questões de raça, origem étnico, religioso e outros motivos, a xenofobia e as doenças endémicas, transmissíveis e crónicas” (Nações Unidas, 1995, p. 9).

Atendendo aos problemas identificados ao longo da Cimeira, assim como aos princípios de colaboração, cooperação internacional, paz, igualdade, respeito pela diversidade cultural e religiosa, democracia, responsabilidade, foram também definidos objetivos

claros (Nações Unidas, 1995, p. 12). Tendo em conta que o desenvolvimento social é promovido de forma integral ao desenvolvimento económico e ambientalmente sustentável, é possível organizar os objetivos/ metas em três grupos: económicos, ambientais e sociais. Sendo que o grupo social integra a grande maioria dos objetivos (Nações Unidas, 1995, p. 10 – 12).

1.1.2. Indicadores do Desenvolvimento Social

Antes da CMDS de Copenhaga em 1995, o conceito de desenvolvimento social já estava a ser discutido, tanto como formas alternativas de intervenção, mas também de compreensão do próprio desenvolvimento de comunidades e países (Amaro, 108-113). Neste sentido, alguns investigadores desenvolveram teorias sobre formas de medir e selecionar indicadores do desenvolvimento social.

Franchette (1974), ao longo do seu artigo “Social Indicators: problems of definition and of selection”, explora diferentes formas de medir o desenvolvimento social, os indicadores, métodos e variáveis do ponto de vista matemático. O autor explica que existe um vasto espectro de indicadores, uns podem ser enquadrados como designações gerais de “social”, sendo os normativos que fazem a distinção entre indicadores de meio e indicadores de resultados. Existem também os “estruturais”, caracterizados pelas suas inter-relações no interior de uma parte ou conjunto de um sistema social. Por último, indicadores que não se enquadram em nenhum sistema e que são classificados como indicadores de desempenho, relatórios sociais, inteligência social, etc. O autor considera que os indicadores sociais se encaixam em três grupos pela sua função descritiva enquanto indicador, descrevendo estados sociais e tendências de mudança social; as suas interligações, que sugere uma abordagem sistémica e ferramentas analíticas, que podem ser para um planeador social para a monitorização da mudança social (Franchette, 1974, p. 7).

Franchette organiza os indicadores, a forma de os medir e de retirar dados fidedignos, por níveis. O nível 1 trata-se dos dados estatísticos, os sistemas, índices e formas de medir. O nível 2, refere-se à taxa de desemprego mensal e a taxa de mortalidade infantil.

Nos níveis 3 e 4, encontram-se as estatísticas sobre a administração e investigação sobre a educação pública e níveis de riqueza; e os níveis 5 e 6, diz respeito a estatísticas mais complexas e subjetivas, procura a relação entre as variáveis e fenómenos de interesse, por exemplo, estado de saúde; educação; realizações; felicidade conjugal, entre outros.

Johnson e Carley (1981, p. 244 – 253), no artigo “Social Measurement and Social Indicators. The Annals of the American Academy of Political and Social Science”, explicam que há três áreas que devem ser tidas em consideração no desenvolvimento de indicadores: os problemas técnicos na avaliação social a partir da construção de indicadores específicos; a variedade de problemas e realidades sociopolíticas e problemas de comunicação. Assim definiram cinco categorias de indicadores:

1. os indicadores informativos, onde se descreve objetivamente as condições ou percepções subjetivas de condições ou reações de ditas condições;
2. indicadores “previsivos”, que preveem possíveis resultados atendendo às tendências e comportamentos observáveis;
3. indicadores orientados para problemas, desenvolvidos para identificar problemas específicos;
4. indicadores da evolução do programa, ou seja, indicadores desenhados para monitorar progresso e eficiência
5. indicadores delineadores de objetivos, estes identificam públicos ou áreas geográficas ao que o estudo pode servir (Johnson e Carley, 1981, p. 241 – 244).

Apesar do impacto dos estudos e teorias sobre os indicadores do desenvolvimento social, na contemporaneidade, os indicadores mais consensuais têm como base a discussão da Cimeira 1995. O índice de desenvolvimento social mede-se avaliando diferentes aspetos e acessos das populações dos países: a escolaridade obrigatória dos países, quem tem acesso à educação e como; a esperança média de vida/ expectativa de vida ao nascer; taxa de empregabilidade; igualdade de género; a paz; a democracia; o acesso a serviços básicos relacionados com o saneamento, serviços de saúde e água potável; taxa de pobreza; taxa de alfabetização; taxa de homicídios/ crime/ perturbação social; taxas de

suicídio; níveis de corrupção; liberdade de imprensa; direitos civis da criança, adolescente e da mulher (Thompson, 2023) .

1.1.3. O Desenvolvimento Social em Contínua Discussão

Apesar desta discussão se ter formalizado há quase trinta anos, o tópico do desenvolvimento social é um pilar nas lógicas de pensamento contemporâneas e tem aparecido associado a outros fatores de desenvolvimento, como o desenvolvimento local, comunitário, populacional, tecnológico, entre outros.

Anualmente, as Nações Unidas reúnem-se, numa lógica de sessões e comissões, para discutir o desenvolvimento social – Comissão para o Desenvolvimento Social (CSocD). Através da leitura dos relatórios das sessões de 2015 até 2023, foram identificados diferentes temas. Em 2015 e 2016, discutiu-se o desenvolvimento social associado ao mundo contemporâneo, formas de repensá-lo e fortalecê-lo. A partir de 2017 e 2018, o tema das comissões foram as propostas de estratégias e sistemas de proteção para irradiar a pobreza. Em 2019, os temas foram vários, sendo o principal, as desigualdades e os obstáculos na inclusão social através de políticas sociais, fiscais e de proteção social, assim como, o empoderamento das pessoas afetadas por desastres naturais e provocados pelo ser humano a fim de reduzir as desigualdades sociais dentro da Nova Aliança para o Desenvolvimento de África. No ano de 2020, a Comissão para o Desenvolvimento Social discutiu a problemática da habitação e proteção social dos sem abrigos e em 2021, o foco mudou para as tecnologias e o desenvolvimento social e uma transição justa ao digital. A partir de 2022, devido à pandemia COVID-19, as duas comissões, a 60ª e a 61ª, centraram-se na recuperação das nações (Naciones Unidas, 2015; 2016; 2017; 2018; 2019; 2020; 2021; 2022: 2023).

Em paralelo, têm-se criado ramificações da ONU que promovem um desenvolvimento equilibrado, fortalecendo o desenvolvimento social: o Fundo de Populações das Nações Unidas e o Fórum Urbano Mundial, Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Sustentável (HLPF). No entanto, fora do seio das Nações Unidas também se debate os desenvolvimentos social. Conferências, fóruns, organizações, manifestações e debates

promovem e refletem sobre o desenvolvimento social. Alguns exemplos de referência podem ser a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Relacionada (WCAR) em 2001, em Durban, África do Sul; o Fórum Social Mundial, com sessões desde 2001 realizadas em diferentes países do mundo; a Conferencia Internacional sobre a População e o Desenvolvimento, que tem conhecido várias edições de 1994; o Fórum Económico Mundial, que se reúne anualmente em Davos na Suíça; a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), com sede na França em Paris, entre outros.

1.1.4. União Europeia e o Desenvolvimento Social

Começaram a aparecer organizações que protegiam o ser humano, que zelavam pela paz e por um mundo mais unido como a ONU, o MSF (médicos sem fronteiras), Action Against Hunger depois da Segunda Guerra Mundial, quando a humanidade tomou novas consciências e decisões.

Em 1957 temos o primeiro passo europeu para uma rede, o Tratado de Roma. A partir deste documento, a CEE defendeu a livre circulação de bens, capital, mercadoria e pessoas. Este foi um grande passo para a Europa, uma vez que promoveu unidade europeia e integração cultural e social entre cidadãos dos diferentes países membro, abolindo a discriminação entre eles (CEE, 1975, p. 51 – 53). Estas propostas de livre circulação de mercadoria, bens e pessoas e os objetivos de promover sentido de unidade entre os países membro, tinha como objetivo que as condições de trabalho melhorassem, influenciando diretamente, no que hoje entendemos como, indicadores de desenvolvimento social.

Em 1974, a CEE desenvolve um Programa de Ação Social que tinha como objetivo promover o desenvolvimento harmonioso entre a economia e a comunidade, focando-se no trabalho e a vida laboral das pessoas (Conselho das Comunidades Europeias, 1974). Na década de 80, debate-se as condições de segurança e saúde para os trabalhadores no Tribunal de Justiça Europeu e é lançado o Ato Único Europeu. No fim da mesma década, é publicada a Carta Comunitária dos Direitos Sociais Fundamentais dos Trabalhadores.

Nos anos 1990, a questão da exclusão social volta a ser o centro da discussão da União Europeia e no fim da década é lançada a Estratégia Europeia para o Emprego (Eurocid).

Ainda na década de 90 do século XX, como resposta à Cimeira Mundial para o Desenvolvimento, a União Europeia entendeu como objetivo principal “a promoção de um progresso económico e social equilibrado e sustentável” (Artigo B das Disposições Comuns do TUE cit in Comissão das Comunidades Europeias, 1996: 1). Tendo como princípios a democracia, o respeito pelos Direitos Humanos, a integração de políticas sociais em políticas económicas e a abertura dos mercados e ação de concorrência. Assim, a União Europeia definiu uma série de objetivos específicos para os seus Estados-Membros: era vital que os países definissem um grau de desenvolvimento atendendo à nutrição, à instrução primária, à habitação, ao acesso à água potável e infraestruturas de saneamento básico, à educação, à saúde, ao emprego, ao acesso ao mercado e recursos produtivos, ensino superior, formação contínua e sistemas de segurança social e desenvolvessem um plano com objetivos concretos e intervalos de tempo. Também como objetivos principais, definiu-se a redução das desigualdades, especialmente a de género e a promoção de políticas de cooperação e assistência, de políticas sociais nas instituições internacionais como o Banco Mundial e o FMI e a livre circulação do mercado baixo um quadro jurídico (Comissão das Comunidades Europeias, 1996: 3 – 4). Ao longo das últimas décadas, a União Europeia tem produzido um conjunto de leis, diretrizes e direitos sociais que promovem o desenvolvimento social, sempre tendo como centro a igualdade de oportunidades, o acesso ao mercado de trabalho, condições justas de trabalho e proteção e inclusão social.

Como consequência da Conferência de Ministral sobre os Direitos do Homem em 1990, em 1991, os países membros do Conselho da Europa, desenvolve a Carta Social Europeia. A mesma foi revista pelos Estados-Membro em 1996 em Estrasburgo, após a Primeira Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social. Esta carta tinha como objetivo sublinhar e preservar o carater de todos os direitos do ser humano, civis, políticos, sociais, culturais e económicos (Conselho Europeu, 1996: 1).

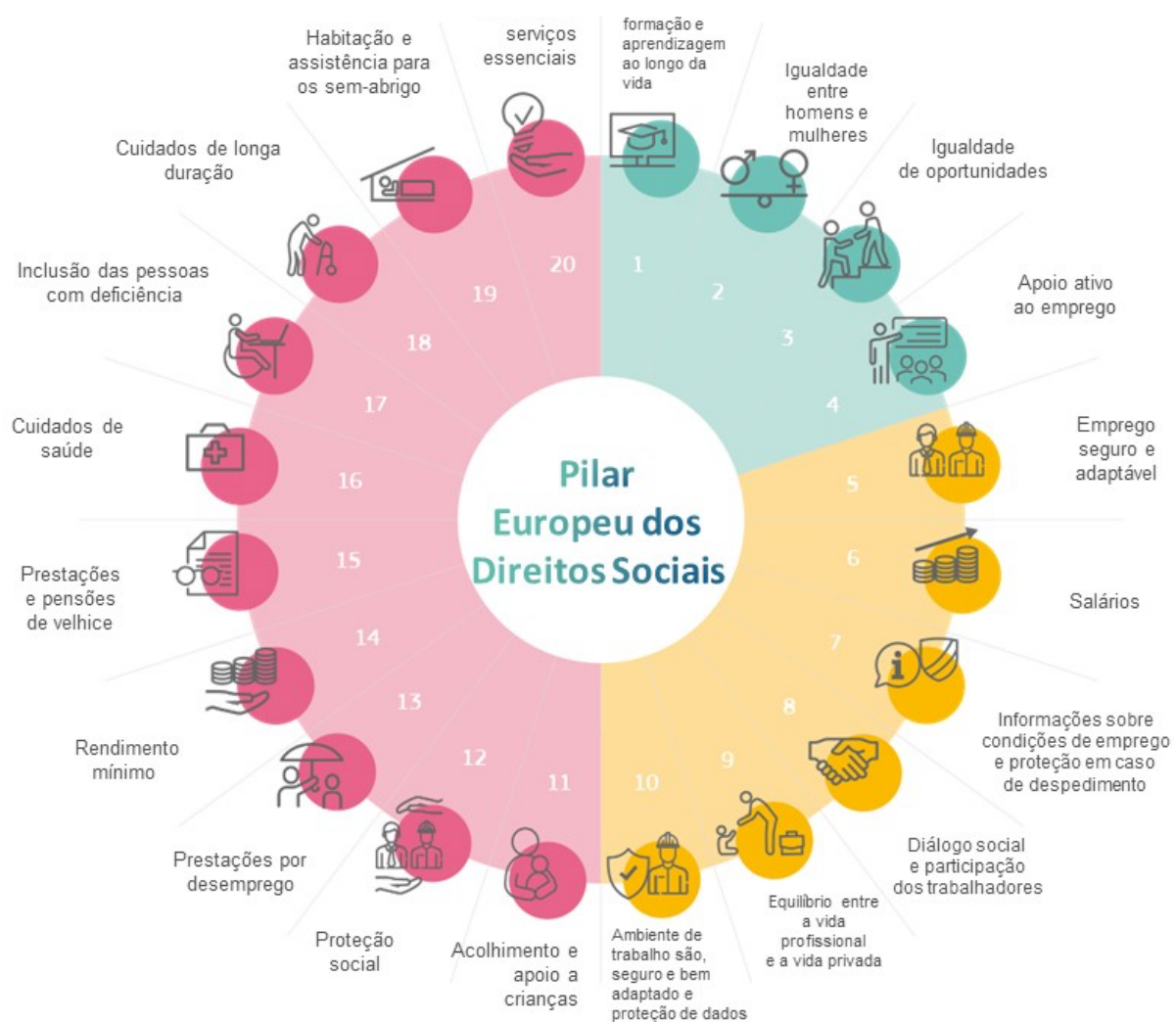
A Carta Social Europeia (1996) centra-se nos direitos sociais do trabalhador: as suas condições e dignidade de trabalho, tanto na saúde, como um sistema de segurança social; as trabalhadoras têm direito a proteção especial em caso de maternidade; livre direito a negociar e ao livre empreendimento; direito a assistência social. São também declarados nesta carta, o direito à igualdade de acessos e oportunidades, direitos especiais para as crianças e adolescentes e direito à proteção contra a pobreza, exclusão social e habitação.

Este conjunto de direitos declarados vem como forma de atacar e proteger os cidadãos dos Estados-Membros do Conselho Europeu contra a realidade de desigualdade, pobreza, desemprego e marginalização social identificadas e discutidas a nível mundial.

Com a consolidação da União Europeia, trabalhou-se para uma melhoria da saúde, educação, condições de trabalho, segurança, erradicação da exclusão social dos Estados-Membros. Estes objetivos estão explícitos em diferentes tratados como por exemplo o Tratado de Amsterdão, a Estratégia Europeia para o Desemprego, a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, o Fundo Europeu de Ajustamento à Globalização e o Corpo Europeu de Solidariedade, culminando em 2017, no Pilar Europeu dos Direitos Sociais (Eurocid).

O Pilar Europeu dos Direitos Sociais subdivide-se em três grandes grupos: igualdade de oportunidades e acesso ao mercado de trabalho; condições de trabalho justas; proteção e inclusão social. No primeiro grupo encontramos direitos como a igualdade de género; a educação, formação e aprendizagem ao longo da vida; igualdade de oportunidades e apoio ativo ao emprego. No segundo grupo, por exemplo, o emprego seguro e adaptável; salários; entre outros. Por último, no terceiro grupo, prestações e pensões de velhice; rendimento mínimo; proteção social; cuidados de saúde; dentre outros.

Figura 1 Direitos Sociais Europeus



Fonte: Comissão Europeia

Através da publicação dos direitos sociais, parece que pela primeira vez, a discussão governamental permite enquadrar a cultura dentro do que é o desenvolvimento social nas políticas de grande escala.

1.1.5. Desenvolvimento Social em Portugal

Apesar de Portugal fazer parte da União Europeia, este tem tido o seu próprio caminho no que diz respeito ao desenvolvimento social e políticas sociais. Segundo Rodrigues (2010, p. 203), o primeiro passo é dado em 1835 com a criação do Conselho Geral de Beneficência que procurava extingui a mendicidade. Apenas em 1911, depois da instauração da República e da nova Constituição são estabelecidos conceitos ligados à liberdade, segurança, propriedade e igualdade social. Neste mesmo ano são reorganizados os serviços de assistência pública e criado o Fundo Nacional de Assistência. Em 1916 é criado o Ministério do Trabalho e Providencia Social e em 1919 o Instituto de Segurança Social (Guibentif, 1997 cit in Rodrigues, 2010, p. 204).

Ainda em 1919, Portugal cria seguros sociais obrigatórios na doença, acidentes de trabalho e pensões de invalidez, velhice e sobrevivência, na população entre os 15 e os 75 anos de idade. Na década de 30 até à década de 70, com a consolidação do Estado Novo e da ditadura Salazarista, Portugal vive um atraso significativo quando comparado com os restantes países europeus no que diz respeito à educação e literacia. Até aos 70, o desenvolvimento em Portugal era apenas entendido como desenvolvimento económico e de produção (Sousa, 1961). No período da “primavera marcelista”, o país vive alguma modernização e avanços a níveis sociais. Foram reorganizados o Ministério de Saúde e Assistência e os centros de saúde, foram alargados os esquemas de proteção para trabalhadores rurais e domésticos e organismos de providência no que diz respeito às formas de coordenação e modalidades de financiamentos e prestações. Foram também criados organismos regionais destinados a grupos desfavorecidos e vulneráveis (Rodrigues, 2010. p. 204).

Só depois do 25 de abril de 1974 o sistema realmente alarga a sua proteção com financiamento do Estado. Houve uma principal incidência na assistência ao desemprego,

às pensões sociais, foi criado um salário mínimo nacional, houve um aumento do abono de família e pensão mínima. “A partir de 1974, foram dados passos decisivos, que no sentido do alargamento da proteção social a toda a população, quer no sentido da melhoria de valores e das coberturas das prestações sociais” (Rodrigues, 2020, p. 204).

Em paralelo com as discussões sobre o desenvolvimento social e condições laborais a nível mundial, em 1976, a raiz da consolidação do sistema político e parlamentar, foram implementadas mais medidas relativas às condições de trabalho (Barreto, 2002, p. 6). Neste ano é implementado o subsídio de Natal, suplemento à invalidez, extensão nas prestações de maternidade, subsídio por morte, pensão de sobrevivência, Segurança Social, direito ao trabalho pleno, assistência no desemprego, proteção na saúde, habitação, cultural e educação (Rodrigues, 2020, p. 204). Neste momento são alargados os direitos sociais, culturais, políticos e cívicos dos portugueses.

Na década de 80, o país vive uma maior estabilidade política e o objetivo da integração da Comunidade Económica Europeia. Portugal vive um momento de adaptação e adoção dos princípios, modelos e conceções que a CEE promovia, resultando numa afirmação e protagonização do Estado de forma a responder às reformas políticas necessárias para a integração na CEE. Assim, criaram-se alguns ministérios ainda vigentes hoje, como o Ministério da Saúde, o Ministério do Trabalho e o da Segurança Social, tendo um grande impacto no desenvolvimento social do país.

Com a entrada de Portugal na União Europeia em 1986, todos os princípios e medidas relativas ao desenvolvimento social promovidas pela União Europeia são tomadas como princípios e medidas a nível nacional.

Na década de 90, há uma grande luta contra a pobreza e a toxicodependência e nos anos 2000, aparecem políticas relativas aos novos modelos familiares, emigração e a nível laboral e remuneração salarial.

Hoje, cada município em Portugal desenvolve o seu próprio plano de desenvolvimento social, onde procurar maximizar e melhorar as condições dos seus habitantes. Nestes

documentos estão disponíveis a identificação dos maiores problemas, estratégias para a sua solução, objetivos gerais e específicos e até projetos.

1.1.6. Reflexão sobre o Conceito Desenvolvimento Social

Através da leitura de relatórios, tratados, cimeiras e os autores supracitados, parece evidente que o conceito de desenvolvimento social surge num momento histórico marcado por profundas desigualdades sociais. Isto levou ao entendimento do desenvolvimento social como algo económico, deixando o ser humano de parte dos processos de desenvolvimento.

À raiz disto, os países começaram a desenvolver as suas próprias leis, decretos e direitos sociais. No entanto, foi impossível não perceber que apesar de todos os avanços a nível social ainda se entende o desenvolvimento social associado à qualidade do trabalho, da vida laboral, aos direitos do trabalhador, à igualdade e melhoria salarial, ao apoio no desemprego, ao desemprego ativo, e parece preocupante que apenas em 2017 a cultura possa ser enquadrada e discutida juntamente com desenvolvimento social. Talvez porque o conceito de desenvolvimento social apareceu associado, primeiramente, à economia e sendo o trabalho a base do sistema económico, ainda não foi possível dissociar-se do desenvolvimento como algo económico ou talvez porque para pensarmos em cultura, museus e desenvolvimento humano e intelectual tenhamos de ter essa “outra parte” garantida.

Tem-se discutido os avanços tecnológicos e a recuperação da pandemia COVID-19, em função do trabalho. Será isto realmente o desenvolvimento social? Podemos continuar a pensar num mundo mais justo e desenvolvido através do trabalho? Não é redutor pensar no desenvolvimento social e humano como algo meramente laboral? Podemos desenvolver a nível verdadeiramente social e humano num sistema que entende o desenvolvimento social como melhores condições na vida laboral? A vida laboral é a vida humana? Ou deveria ser uma garantia para salvaguardar as restantes dimensões do desenvolvimento humano? Em Portugal atualmente, continua a valer a pena centrar o desenvolvimento social nas infraestruturas e economia?

É possível inferir que as Organizações Mundiais e os Estados continuam a entender o desenvolvimento social com base no desenvolvimento económico. Por este motivo, parece evidente que este conceito vive em anacronismo com as teorias mais recentes do desenvolvimento que discutem um desenvolvimento alternativo, integrado, intelectual e espiritual. Um desenvolvimento que existe porque há liberdade, espaço e capacitação (Sen, 1999; Sen, 2009; Nussbaum, 2011).

Nussbaum (2011, p.185-187) diz que o único propósito de analisar o desenvolvimento é o desenvolvimento humano e neste sentido, as formas de analisar e entender o desenvolvimento humano e social deve ser diferente e descentrado da economia. Neste momento, esta forma de avaliar é excludente e coloca o ser humano como um instrumento e não uma vida. A autora propõe que se trabalhe o desenvolvimento através da capacitação e com equidade de forma a poder viver em dignidade humana, sendo para ela, esta a propósito do desenvolvimento. Nesta mesma lógica, Amartya Sen (1999; 2009) diz que a única forma de desenvolvermos é expandindo as nossas liberdades, quantas mais liberdades políticas, educativas, económicas, de saúde, de oportunidades, de segurança tivermos, geramos riqueza pessoal, assim como recursos públicos nos equipamentos sociais, “as diferentes liberdades podem reforçar-se mutuamente¹” (Sen, 1999, p. 11). É pouco e “pobre” definir o desenvolvimento social como algo meramente económico e laboral, onde o ser humano encontra-se preso um sistema económico e social, onde vida vale menos que o valor económico que produzimos. De forma a se poder realmente desenvolver, é preciso desassociar o “social” do “económico” ou “laboral”.

Conhecendo estas formas de entender e promover o desenvolvimento, como se posiciona o museu? Que género de impacto os museus e a arte terão no desenvolvimento social? Pode o museu ajudar na capacitação das populações para um mundo socialmente mais justo? Como o museu trabalha para criar um mundo mais livre na política, na economia, na sociedade? Que desenvolvimento social o museu carrega?

¹ “Freedoms of different kinds can strengthen one another”

Como e em que moldes avalia o museu o seu impacto no desenvolvimento social? Será no desenvolvimento social “económico” ou num desenvolvimento social “integrado”?

1.2. Museus como Ferramenta para o Desenvolvimento Social

No universo da museologia, a discussão sobre o papel social e sustentável dos museus consolida-se a partir dos anos 60 do século XX, quando a atenção se descentrou dos documentos e objetos e passou a abranger o ser humano e o ambiente (Vergo, 1991; Preziosi, 2006; Bennet, 1995; Shelton, 1992; Vogel, 1991; Brulon). No entanto, é a partir da década de 1970 que o museu ao serviço da comunidade, da cidade e do humano é realmente discutido como uma realidade.

Em 1971 o ICOM realizou a nona Conferência Geral intitulada “The Museum in the Service of Man, Today and Tomorrow”, cujas resoluções trouxeram aspetos que mudariam a cooperação internacional entre os museus. Nesta conferência definiu-se que “o objetivo do museu é a educação e a transmissão de informação e conhecimento por todos os meios ao seu alcance e disposição na medida em que o museu está, antes de tudo, a serviço de toda a humanidade, (...)” (ICOM, 1972, p. 2), para além de coletar, documentar e conservar.

Em 1972, realiza-se a Mesa-Redonda de Santiago de Chile, entre os dias 20 a 31 de maio, que tinha como premissa “A Importância e do Desenvolvimento dos Museus no Mundo Contemporâneo”, onde definem o museu com “uma instituição a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe, sobretudo para fins educacionais, culturais e de estudo, testemunhos representativos da evolução da natureza e do homem, a mesa-redonda sobre o desenvolvimento e o papel dos museus no mundo contemporâneo” (IBRAM e Programa Iberomuseus, 2012, p.127).

Esta mesa-redonda aparece no seguimento de uma realidade muito particular da América Latina, marcada por uma instabilidade política, social e económica devido a governos ditatoriais. Havia uma alta taxa de analfabetismo, baixa renda no campo, migração do campo para os grandes centros urbanos, superpovoamento e metrópoles pobres, condições de habitação precárias, violência, baixa geração de empregos, entre outros. Em paralelo, decorriam mudanças no paradigma e entendimento da museologia e o papel do museu enquanto instituição.

Os países integrantes² fizeram um levantamento de todas as dificuldades e realidades comuns aos países latino-americanos para debater e propor intervenções por parte dos museus e da UNESCO. Os participantes sugeriram intervenção dos museus no que diz respeito ao acesso de investigadores qualificados para o estudo das coleções; na recuperação do património cultural para evitar a sua dispersão fora do território latino-americano; atualização nas técnicas museográficas; sistemas de avaliação junto à comunidade e centros de capacitação. Também foi proposto trabalho nas zonas mais rurais dos países e nos centros urbanos, através de exposições e a abertura de museus em áreas rurais. Assim como, uma estreita relação dos museus com a produção científica, o desenvolvimento dos serviços educativos e proximidade com as escolas e universidades e os Ministérios da Educação (IBRAM e Programa Ibermuseus, 2012, p. 116-117). Com estas medidas procurava-se que o museu mitigasse problemas sociais e urbanos, como a alta densidade populacional das grandes cidades e a desertificação das áreas rurais; pretendia-se uma maior articulação com a política nacional de educação, com o ensino superior e mais responsabilidades a nível educativo por partes dos museus. A Mesa-Redonda de Santiago de Chile procurou resolver questões como a exclusão social; educação e aprendizagem ao longo da vida; qualidade de vida; consciencialização das realidades urbanas e rurais dos países, entre outros. É visível como a Mesa-Redonda respondeu ao desafio do museu como ferramenta para o desenvolvimento social, adequado à realidade da América Latina.

É possível dizer que muitas das novas vertentes e conceitos da museologia, como a nova museologia, o museu total, o museu integrado, o museu interventivo, museu comunitário, ecomuseus, museu social carregam, em parte, o que foi debatido e trazido na Mesa-Redonda. A forma como debatemos, falamos e teorizamos sobre o museu, as suas funções, os seus princípios, missões e valores podem ser entendidos como resultado das discussões da mesa-redonda, uma vez que esta foi completamente inovadora e pioneira na construção de um museu da pós-modernidade, numa sociedade com problemas próprios de uma organização e vida dos séculos XX e XXI.

² Chile, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guatemala, México, Panamá, Peru e El Salvador.

Em 1984, no seguimento da Mesa-Redonda de Santiago de Chile, é feita a Declaração de Québec que reafirma a função social do museu e os princípios base da Nova Museologia e o papel dos ecomuseus. Segundo Araújo e Bruno (1995, p. 45), as propostas de novos espaços museológicos, como o ecomuseu, a museologia comunitária, o museu social, entre outros, foram fatores de desenvolvimento nas comunidades. A Declaração de Québec procurava unificar os movimentos da nova museologia, num sentido de consideração universal (Araújo e Bruno, 1995, p. 45).

A Declaração de Oaxtepec de 1984, no México, ganha sentido quando associada à Mesa-Redonda de Santiago de Chile e a Declaração de Québec. Nesta declaração tudo se discute em volta de três conceitos, território – comunidade – património e reafirma a necessidade de serem vistos e trabalhados em harmonia. A declaração afirma que assim, as atividades e programas dos museus tradicionais e dos ecomuseus podem ser inseridos nos Planos de Desenvolvimento Nacionais e serem “atas pedagógicas para o ecodesenvolvimento” (Declaração de Oaxtepec, 1984). Com a Declaração de Oaxtepec, vê-se como pela primeira vez se associa e torna indispensável o trabalho do museu para o desenvolvimento socioeconómico, social e de dignidade humana com o objetivo de preservar a cultura viva, o património material e o trabalho em comunidade (Declaração de Oaxtepec, 1984).

Depois de um ano profundamente marcado pela discussão sobre o papel do museu e a definição de uma nova diretriz da museologia, o II Encontro Internacional de Ecomuseus e Novas Museologias em Lisboa, realizado em 1985, finaliza este processo e é fundado o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM). O MINOM tinha com compromisso “fazer do museu instrumento para a construção da identidade e desenvolvimento com a comunidade, possibilitando e favorecendo o relacionamento cooperativo entre os usuários e profissionais, além da colaboração intercultural” (Gomes e Cunha, 2013, p. 66-67).

Segundo Gomes e Cunha (2013, p. 71-74), na contemporaneidade, o amadurecimento dos conceitos e práticas associados à nova museologia, enquadram-se no campo das políticas públicas dos diferentes países. Ou seja, os museus cingem o seu campo de ação,

posicionamento, critérios e intensidade de intervenções em função das ideologias e interesses políticos (Gray, 2015; Gomes e Cunha, 2013, p. 71-72). No entanto, o seu impacto não é apenas dado segundo o posicionamento político e ideológico. Gomes e Cunha (2013, p. 74) afirmam que, ao intensificar as políticas culturais dos museus, aumenta a sua responsabilidade social e consequentemente o seu impacto na inclusão social, feito através da capacitação dos profissionais e adequação do mobiliário técnico e infraestruturas.

Gustafsson e Ijla, no seu artigo “Museums: An Incubator for Sustainable Social Development and Environmental Protection” (2016, p. 448), explicam que a missão do museu é realmente adaptar-se à mudança e às realidades da contemporaneidade, através do seu papel cívico e social. Explicam que o museu tem um forte impacto no desenvolvimento social em três grandes vertentes: educação, uma vez que trabalha a consciência, os valores, direitos, tem uma forte componente científica e académica; a cultura, na medida em que reforça sentimentos de identidade, memória, trocas e diálogos entre culturas, emigração, criatividade e inovação; e desenvolve o capital social, no sentido em que trabalha o sentido de pertença e saber estar, de responsabilidade social, cidadania, participação pública e comunitária e coesão social, auto-entendimento e networking (Gustafsson e Ijla, 2016, p. 455). Robert D. Putman (2001 cit in Gustafsson e Ijla, 2016, p. 456-457) diz que existem duas formas essenciais do capital social, criação de laços e a criação de pontes, e os museus são espaços onde pares se podem encontrar – criação de laços – mas também, trazer quem se sente alienado na comunidade – criação de pontes.

Aidar (2002) apresenta uma leitura/ proposta semelhante. Diz que o museu pode ter impacto a nível social e do desenvolvimento social em três esferas da sociedade: individual, comunitário e societário. A nível individual, o museu pode ter resultados relacionados com a vida de uma pessoa nas esferas pessoais, psicológicas e emocionais, promovendo o desenvolvimento da autoestima, confiança e sentido de identidade e pertença. Pode contribuir na aquisição de novas competências e inclusive aumentar as oportunidades de emprego (Aidar, 2002, p.57). Na esfera comunitária, o museu pode ter iniciativas que fortalecem as comunidades, valorizam a aprendizagem de competências pela participação na comunidade. Aidar (2002, p. 58) exemplifica iniciativas como a

regeneração ou renovação de vizinhanças carentes, ou o museu como um espaço para debater e representar problemas da comunidade, ou seja, o museu pode atuar como um catalisador para processos de regeneração social. Por último, a nível societário, através das suas exposições e dos discursos expositivos, o museu pode criar narrativas sociais dominantes (Aidar, 2002, p. 58).

Tojal (2007) num tom bastante sintético e preciso diz,

cabe, portanto aos museus, bem como a todas as instituições culturais, estar em sintonia com o pensamento contemporâneo de respeito e reconhecimento da diversidade cultural e social trabalhando a favor não somente da comunicação de seus objetos culturais, sob o ponto de vista multicultural, como também contribuindo para a democratização social e cultural por meio dos processos de inclusão social (p. 29).

Assim, é possível dizer que o museu tem impacto no desenvolvimento social, não só através da criação de postos de trabalho, da educação, formação e aprendizagem ao longo da vida e da promoção de espaços de fruição e encontro da comunidade com a sua história, mas, sobretudo, porque promove a inclusão social através da inclusão cultural, ponto fundamental do desenvolvimento social. Para além disso, o museu contemporâneo leva para as suas salas de exposição qualquer temática, onde podem ser debatidos e refletidos questões como o emprego, a igualdade, a tecnologia, a doença e a saúde, a identidade, a justiça, a história, a cultura e arte, entre muitos outros. Pode-se ver como o museu é uma ferramenta versátil e completa que promove o desenvolvimento social pela própria essência do que é um museu, uma vez que são espaços onde se constrói um futuro, desde o presente, a partir do passado.

1.2.1. O Valor e o Impacto do Museu

Mas porquê é que o museu se assume como ferramenta social? Porquê é que se escolhe o museu como ferramenta social? Porquê é que o museu pode realmente ter impacto? Carol Scott fala-nos do valor do museu e diz que o valor que museu tem, é o que lhe dá

relevância e força para ter impacto. A autora explica que o museu apresenta diferentes tipos de valor: o valor intrínseco, o valor instrumental, o valor institucional/ público, valor para os indivíduos e o valor para a comunidade/ sociedade (Scott, 2007; Scott, 2010).

O valor intrínseco existe porque o museu proporciona experiências de concentração, de prazer, de satisfação profunda, de captação e de encontrar “verdades pessoais em verdades universais”³ (Scott, 2007, p. 4) aos visitantes. Por sua vez, o museu apresenta valor instrumental uma vez que beneficia a economia através do turismo, postos de trabalho e impacto nas economias locais, para além disso, desenvolve o capital social da comunidade, trabalha a inclusão, a coesão social, tolerância cultural, regeneração urbana e participação cívica (Scott, 2007, p. 4). O valor institucional/ público é dado ao museu através dos serviços, leis regulamentadoras e outro tipo de instituições públicas (Scott, 2007, p. 4) mas também através de quatro grandes aspetos: o primeiro, a contribuição para o desenvolvimento da cidadania através das coleções, promoção de debates, discussão; o segundo, expor informação entendida como honesta, significativa e fidedigna; o terceiro, a confiança que as pessoas têm no museu; e o quarto, o valor gerado nas comunidades através de parcerias locais, nacionais e internacionais (Scott, 2010, p. 200).

Carol Scott (2010) fala-nos ainda sobre o valor para o indivíduo e para a comunidade. Explica que existe um valor para o indivíduo devido ao seu valor instrumental, mas sobretudo pelo seu valor intrínseco. A autora observa que inclusive os indivíduos que não frequentam o museu outorgam-lhe importância e valor. No que diz respeito sobre o valor comunitário, Scott (2010, p. 200) diz que este valor provém do papel do museu como um espaço educativo, um espaço de aprendizagem para a comunidade, uma instituição que promove o crescimento do capital cultural e providencia lazer através do seu trabalho comunitário e contribuições cívicas, para além do museu impactar direta e indiretamente na economia, na coesão social, na regeneração urbana, entre outros.

³ Personal believes in universal truths.

Talvez seja por este valor tão multifacetado que o museu tenha a capacidade de ter impacto.

Richard Sendall (2003) afirma que a relação entre a sociedade e o museu está a mudar, pelo que é exigido ao museu que seja mais reativo à mudança sociopolítica da contemporaneidade e incorpore mais responsabilidades sociais. Para isso, o autor propõe uma série de estratégias para se poder transformar nessa ferramenta de impacto social. Algumas das propostas são a mudança de valores e atividades dos profissionais de museus; estabelecer prioridades; uma liderança comprometida; o encontro e a defesa dos seus interesses e áreas de intervenção/ ação; formações; práticas de trabalho flexíveis, ou seja, elasticidade e facilidade nos projetos que o museu procure desenvolver com a comunidade; avaliação e investigação sobre o museu e o seu impacto; mecanismos de controlo dos projetos e atividades (Sendall, 2003, p. 53 -58).

Sendall (2002), no seu artigo *Museums and the combating of social inequality: roles, responsibilities, resistance*, diz que o museu pode ter impacto positivo nas vidas dos indivíduos marginalizados e atuar como um catalisador de regeneração social e canal de empoderamento com comunidades específicas, contribuindo para uma sociedade mais equitativa (Sendall, 2002, p. 4). Ao se fazer esta leitura, Sendall toca num ponto particularmente interessante. O autor confirma que o museu pode ser uma ferramenta de impacto social, no entanto com comunidades específicas. O museu não é capaz de atuar e impactar todas as áreas e realidades da cidade e da comunidade em que se insere, portanto, deve encontrar o seu foco de ação/ intervenção e construir o seu impacto nessa direção.

Assim, é possível responder a algumas questões que foram previamente levantadas. Que género de impacto os museus e a arte terão no desenvolvimento social? Como e em que moldes avalia o museu o seu impacto no desenvolvimento social? Será no desenvolvimento social “económico” ou num desenvolvimento social “integrado”?

No Salvador da Bahia, no Brasil, o Museu Didático-Comunitário do Itapuã procurou dissolver as barreiras da investigação e as práticas do museu com os visitantes,

aproximando as pessoas aos processos, capacitando-as de técnicas, metodologias e pensamento próprio da museologia. Segundo Aidar (2002, p. 59), o museu propôs atividades onde os estudantes, professores e outros participantes recebessem treinamento de desde coletar dados, como processá-los museologicamente, como disponibilizá-los e promovê-los. É visível como este museu procura trabalhar a educação, formação e aprendizagem ao longo da vida e propõe atividades com a sua comunidade que aproximam as pessoas ao trabalho interno do museu. Neste momento, o museu transformou-se no Museu Virtual MDCl, onde se encontra todo o acervo digitalizado (MDCl).

Figura 2 Grupo de pedagogia que participou no MDCl



Fonte: MDCl

Figura 3 Atividade proposta pelo MDCl

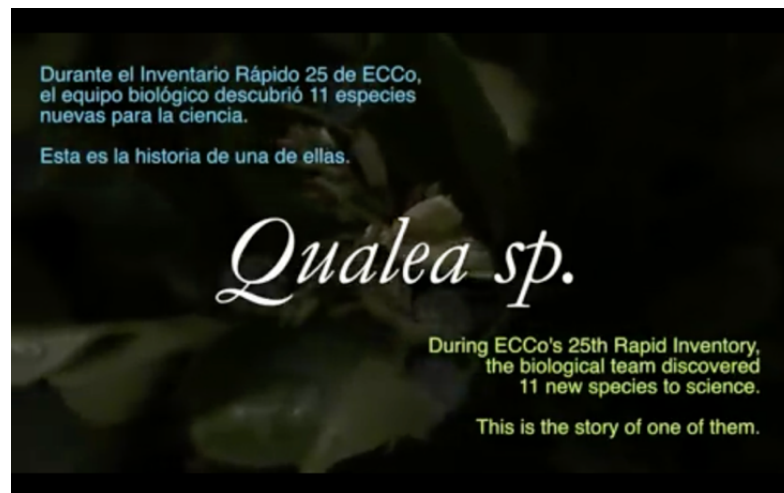


Fonte: MDCl

O Fiel Museum, localizado em Chicago nos Estados Unidos da América criou o Creating the Center for Cultural Understanding and Change (CCUC). Através do CCUC, o museu promoveu que a comunidade ao redor da instituição se interessasse na área da investigação. Para além disso, formalizou alianças de cooperação com organizações com quem desenvolveram exposições e atividades e promoveram e acolheram investigadores na área da antropologia. Devido a estas ações criadas com a comunidade, o Field Museum abriu em 2005 o ECCo, Environment, Culture and Conservation, que formalizou o compromisso do museu com o desenvolvimento urbano e a investigação no espaço urbano da cidade (Alexander e Alexander, 2008, p. 290-291). Este museu, para além de promover a educação e investigação sobre um ponto específico, ajuda que a

comunidade estude, reflita e atue sobre o seu espaço urbano, como o ver, como viver e como estar nele.

Figura 4 Projeto ECCo



Fonte: Field Museum

Em Portugal, um belíssimo exemplo do trabalho com a comunidade é o Museu Nacional Resistência e Liberdade em Peniche. Este museu é significativo não só pelo seu trabalho, mas também pela carga histórica, emotiva e de construção da identidade portuguesa, uma vez que procura preservar, investigar e comunicar a memória da resistência no regime fascista português. O MNRL tem vindo a trabalhar sobretudo a investigação sobre a vida na prisão política da Fortaleza de Peniche, o próprio edifício e a resistência durante a ditadura. No entanto, o seu trabalho com a comunidade centra-se na coleção de testemunhos e projetos com a comunidade e inclusive projeto a nível nacional, que tratam a ditadura, a democracia, a mulher como presa política, a violência na prisão. O MNRL é um museu que se centra na memória da resistência do fascismo em Portugal e o seu impacto gira a nível social, na preservação dessa memória e no trabalho para a cidadania, a consciência política e participação cívica.

Figura 5 Entrevista a Conceição Matos dentro do projeto "Histórias de Pessoas, Histórias de Resistência"



Fonte: MNRL

Assim, vemos como os museus têm impacto, mas sempre escolhendo áreas de impacto ou pontos/temas de ação: comunidades, públicos específicos, regeneração urbana, escolas, investigação, artistas, entre outros.

1.2.2 Reflexão Final sobre os Museus como Ferramenta para o Desenvolvimento Social

Ao longo deste subcapítulo, foi visto como, através dos tratados, mesas-redondas e declarações, o museu se foi transformando numa ferramenta para o desenvolvimento, uma vez que refletem a necessidade que havia em mudar a natureza da instituição museológica. Para além disso, refletem a necessidade contante de discutir porquê é que o museu pode ter estas funções, ou seja, o seu valor, o seu impacto e os diferentes tipos de impacto e de valor que tem para a individualidade humana e para comunidade/sociedade.

Tendo todos estes conceitos assimilados e vendo os exemplos de museus que através do seu valor têm impactado de diferentes formas a sua comunidade, parece quase evidente que o museu contemporâneo pode ser, efetivamente, uma ferramenta para o desenvolvimento social. Pode-se concluir que o museu não só promove o desenvolvimento social através do combate à exclusão social, da aprendizagem e da educação ao longo da vida, da abertura de novos postos de trabalhos mas também

promove um desenvolvimento social mais “integrado”, trabalhando valores, conceitos, posturas, cidadania, capacidade refletiva e interpretativa da realidade. O museu, atendendo à sua natureza multifacetada, pode ter um impacto também multifacetado mediante o seu valor.

Não obstante, o museu de arte, sobretudo o de arte contemporânea, tem sido escolhido como protagonista destas grandes transformações e impactos no desenvolvimento social, humano, urbano, comunitário que o museu pode ser. Mas porquê? Pelo valor da arte? Que tipo de valor traz um museu de arte contemporânea? Pela relação com os artistas? Pela sua institucionalidade? Pela visibilidade? O que faz do museu de arte uma ferramenta predileta para transformar entornos, posturas e realidades?

1.3 Museus de Arte Contemporânea e o Desenvolvimento Social

Para falar do museu de arte contemporânea como uma ferramenta para o desenvolvimento social, parece importante começar do conceito de democratização vs a democracia cultural e da arte.

Teixeira Lopes (2007, p. 80-83) contextualiza o conceito de democratização cultural em seis dimensões fundamentais:

- A concepção descendente da transmissão da cultura, onde se pressupõe que a cultura e a criação artística pertencem a uma minoria de especialistas consagrados que descentralizam a cultura e a levam para outros espaços.
- A concepção paternalista, num tom “civilizador”, onde a alta cultura tenta elevar as massas com a obra de arte.
- A concepção hierarquizada da cultura, este entendimento da cultura separa a cultura erudita, tida como a única com valor patrimonial; a cultura de massas; a cultura popular.
- A concepção arbitrária do que é ou não é cultura, impossibilitando a diversidade cultural.
- A concepção essencialista, onde se assume o público como um só e procura a integração social através da arte.
- A concepção liquidatária do indivíduo, onde este tem a liberdade de discordar de opiniões em vez de convergir dividido aos sentidos múltiplos.

Pode-se ver como existem diferentes formas de encarar e operar o conceito de democratização da cultura e das artes, no entanto parece que a democratização artes vem da necessidade de diversificar os públicos (Dewdney et al., 2013, p. 122; Dias, 2023, p. 47), “um passo fundamental para que as instituições possam democratizar-se é conhecer os públicos – os que existem e os que poderão existir” (Carta de Porto Santo, 2021, p. 7).

Não obstante, apenas em 1966, é lançado o estudo pioneiro sobre a democratização da cultura. Bourdieu, Dalbel e Schnapper publicaram a obra *L’Amour de L’art*, que revela

que os obstáculos do acesso à cultura são de natureza simbólica e não económica, ao contrário daquilo que se estava a propor (Teixeira Lopes, 2007, p. 81-82). O autor torna explícito como a democratização cultural tem falhado, uma vez que cria espaços com barreiras simbólicas e sociais, não permitindo que realmente exista uma democratização.

Assim, aparece um novo conceito, a democracia cultural, que nasce com o descrédito das políticas elitistas e paternalistas da democratização cultural. A democracia cultural aceita, horizontalmente, que todos os públicos são legítimos nos seus gostos e que a definição de cultura resulta dos esquemas de perceção e de classificação da população (Teixeira Lopes, 2007, p. 86- 87). O autor apresenta dois “limites” na compreensão da democracia cultural. O primeiro, o populismo, uma vez que diz que tudo o que é ilegítimo no campo cultural e artístico, poderá ganhar legitimidade e que todas as manifestações culturais e artísticas apresentam o mesmo valor. E o segundo, o voluntarismo, que se baseia na “pedagogia sem pedagogia do choque. Tudo o que há a fazer é colocar sem mediações, a arte na rua, os artistas com o povo e este meio de tudo” (Teixeira Lopes, 2007, p. 85-87).

Um exemplo de instituição dedicada a arte e cultura, contemporânea ao lançamento do livro de Bourdieu, Dalbel e Schnapper, e que procurou quebrar essa barreira simbólica, trabalhando com base no conceito da democratização cultural, é o Centro Pompidou, inaugurado em 1977. A sua proposta de construção foi promovida em 1969, pelo Presidente da República Francesa, Georges Pompidou. Em 1971 é lançado um concurso de arquitetura para a escolha do projeto do edifício e em 1972, começa a sua construção. O Centro Pompidou procurou ser, no momento que abriu, um espaço dessacralizado e sem barreiras simbólicas de acesso à cultura (Mako et al., 2014, p. 281), não só através das características do seu edifício, mas também através de uma política cultural assente no diálogo com um público mais participativo e diversificado. O Centro Pompidou queria ser uma “máquina para a cultura” (Mako et al., 2014, p. 281), em todos os sentidos. No entanto, é o ápice da ideia de democratização cultural, no que diz respeito a uma política paternalista.

O passo de conceptualizar a democracia cultural e ativá-la a partir das instituições e equipamentos culturais foi especialmente importante para o desenvolvimento social. Hosagrahar (2017) reflete sobre a cultura e como a partir desta se pode conduzir e promover o desenvolvimento. A autora diz “a cultura é quem nós somos e o que molda a nossa identidade. Colocar a cultura no coração das políticas de desenvolvimento é a única forma de garantir um desenvolvimento centrado no ser humano, inclusivo e equitativo” (Hosagrahar, 2017, p. 12). Os museus, ao promover a democracia e valorizar a cultura, as suas diferentes manifestações, o acesso, os seus espaços, os seus equipamentos, os seus discursos, promove o *desenvolvimento* social verdadeiramente centrado no humano. Porém, as barreiras simbólicas ainda se encontram muito presentes. Segmentos das nossas comunidades continuam a não visitar museus, sobretudo, museus de arte contemporânea devido à incapacidade de acesso simbólica, tanto dos conteúdos como do espaço. Neste sentido, a questão da democracia cultural é vital. Se se procura museus de arte que possam impactar no desenvolvimento, é necessário que estes espaços sejam democráticos.

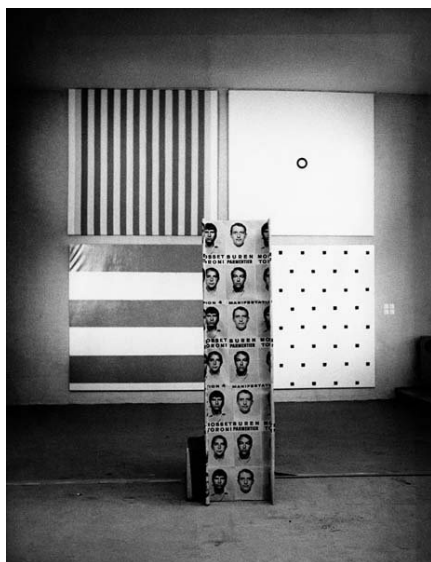
1.3.2. O Artista e a Democracia Cultural num Museu para o Desenvolvimento Social

O desenvolvimento social no museu e a democracia cultural não foram apenas conseguidas e debatidas através de tratados, mesas-redondas e declarações. O artista também impulsionou a viragem da democratização cultural para a democracia cultural, fazendo-o através da crítica mas também da colaboração com museus e as comunidades.

Fazendo uma breve viagem pela relação do artista com o museu na procura de uma democracia cultural e desenvolvimento social, é possível começar nas décadas de 1960 e 1970, quando a relação do artista com o museu e o atelier altera-se drasticamente, ou seja, o museu passa a ser um alvo de críticas. Denunciavam a institucionalização da arte, a rigidez da curadoria e das relações com os objetos artísticos e os próprios artistas, o sistema económico artístico e a relação do artista com o mundo.

Temos como exemplos as reflexões de Fred Wilson sobre os discursos expositivos; a exposição “Manifestation da associação BMPT” (Buren, Mosset, Parmentier, Toroni), em 1967; a exposição “Op Losse Schroeven em Amsterdam”, em 1969; a performance de Bruce Nauman, “Performance Corridor e Walk with Contrapposto”, de 1969; a obra de Carl André, “37 Pieces of Work”, que redefine a condição e postura do espectador; as exposições de Walter de Maria nos anos 70; e a icónica performance de Joseph Beuys, “I like America and America likes me”, em 1974. Foram exposições, performances e reflexões que marcaram a história da arte e a relação do artista – exposição – museu – arte.

Figura 6 Manifestations 4 BMPT



Fonte: Daniel Buren

Figura 7 Walk with Contrapposto, Bruce Nauman



Fonte: Artysy

Figura 8 The New York Earth Room, Walter de Maria



Fonte: The Estate of Walter De Maria

Figura 9 I like America and America likes me, Joseph Beuys



Fonte: Artland Magazine

Nas décadas de 1990 e 2000, a discussão é trazida para dentro do museu, deixa de haver uma crítica e passa a existir colaboração. Vive-se uma viragem educacional e social na arte, em que novos métodos e formas educativos se fundem com práticas curatoriais (Lázár, 2011; Graham, Graziano e Kelly, 2016, p. 1; Tate). Por exemplo as performances de Andrea Fraser, “Welcome to the Wadsworth: A Museum Tour”, em 1991, que punha em evidência o passado colonial e como o legado histórico influencia o presente da cidade (MACBA).

Figura 10 Official Welcome, Andrea Fraser



Fonte: MutualArt

Figura 11 A Museum Tour, Andrea Fraser



Fonte: MACBA

1.3.3 Museus de Arte Contemporânea para o Desenvolvimento Social

Ao longo deste quadro teórico, tem-se falado sobre o valor da arte e o porquê da sua capacidade transformadora e como o desenvolvimento social aparece nos museus através das discussões da democratização e democracia cultural, tanto pela instituição como pelo artista, do valor do museu e como ele impacta a sua comunidade.

Para além da natureza potencialmente transformadora do museu porque apresenta valor comunitário, intrínseco, individual e institucional, soma-se a natureza potencialmente transformadora da arte, também pelo seu valor económico/ comercial, social, individual e simbólico/ intrínseco (Findlay, 2012). A arte provoca, transforma e liberta. É reinterpretada vezes sem conta, dando-lhe continuamente novos significados. Se o museu é uma instituição humana porque conserva, interpreta e expõe objetos e histórias,

a arte é-o ainda mais por ser a própria consequência visual da nossa humanidade. Holden diz que “O processo da cultura produz valor. (...) O próprio facto de as pessoas irem a teatros e galerias, visitarem casas de campo e museus, fazerem música e escreverem poesia é prova suficiente de que valorizam a cultura. Neste sentido, a cultura não produz simplesmente valor; ela incorpora valor” (Holden, 2004, p. 49 cit in Scott, 2009).

Percebendo que a arte e o museu apresentam naturezas potencialmente transformadoras, pelo seu valor, o museu de arte contemporânea pode ser usado como ferramenta para o desenvolvimento social, existindo museus que se assumem como tal. Assim, serão apresentados alguns exemplos de museus e das suas estratégias para trabalhar cada uma das suas problemáticas e públicos-alvo.

Relacionado com a diversificação de públicos e com a democracia cultural de forma a quebrar barreiras simbólicas de acesso à cultura, o projeto da Tate Britain, Tate Encounters desenvolvido em 2009, é um ótimo exemplo. O projeto tinha como objetivo diversificar os visitantes do museu centrando-se no que eles chamaram de BME (black and minority ethnic). No entanto, houve muita resistência por parte dos participantes, uma vez que sentiram que a sua identidade se cingia à etnicidade e racialidade (Dewdney et al., 2013, p. 122-123). Tendo isto em conta o projeto foi reformulado e juntamente com os voluntários/ co-investigadores, foram desenvolvidas 28 produções de vídeo que tratavam diferentes pontos de discussão, sobre a cultura visual, os visitantes dos museus, entre outros. A reflexão final é particularmente interessante, dizem “o que sustentou o encontro dos co-investigadores com o museu de arte não foi a ‘adesão’ a um clube de arte, nem a ‘participação’ numa cultura de arte, mas a expressão de uma posição questionadora em relação ao museu ou, mais precisamente, uma trajetória através do museu⁴” (Dewdney et al., 2013, p. 148). Ou seja, o museu, através desta iniciativa, conseguiu não só trazer outros públicos, mas sobretudo compreender posições/ questões/ posturas/ leituras diversas através da instituição “museu”.

⁴ "What sustained the co-researchers' encounter with the art museum was not 'membership' of an art club, nor 'participation' in an art culture but the expression of a questioning position towards, or more accurately a trajectory through the museum"

Figura 12 Equipe de investigação da Tate Encounters 2009



Fonte: Andrew Dewdney

Figura 13 1ª edição dos Tate Encounters, publicidade



Fonte: Tate

No Brasil, o MAR, Museu de Arte do Rio, inaugurado em 2013 e inserido no programa de reabilitação urbana do Rio de Janeiro, “Porto Maravilha” aparece na linha da cultura como motor para o desenvolvimento. Este museu nasce em controvérsias com a comunidade e gera uma grande discussão social e autodefine-se um museu sintético, para a sua cidade. Nunca estando alheio às questões sociais que o rodeiam, leva para dentro de si tudo o que afligiam a população: as culturas afro-brasileiras e indígenas, o urbanismo e questões sociais. O MAR, auxiliado pelo forte projeto educativo, a Escola do Olhar, tem transformado o seu entorno através das suas exposições, da sua ampla coleção e atividades educativas e com a comunidade, tem-se transformado num museu contemporâneo de referência (Souza, 2015; Sant’Anna, 2013; Mèrcher, 2013; Silva

Guimarães, 2019; Diaz, 2019). O MAR procura focar-se na realidade social e urbana na cidade do Rio de Janeiro, neste sentido, o museu trabalha e expõe temas que para a sua comunidade faz sentido, através de uma coleção eclética.

Figura 14 Resultado do Porto Maravilha



Fonte: Diário do Rio

Figura 15 Protestos no dia da abertura do MAR



Fonte: Angela Gomes

O MassMOCA, nos Estados Unidos da América, foi inicialmente um projeto inovador e inusual. Propôs-se, devido ao fecho da última fábrica na cidade, utilizar o espaço para o museu. O MassMOCA é um museu que composto por mais de 25 edifícios industriais que se transformaram num centro de artes, numa “plataforma aberta” (Alexander e Alexander, 2008, p. 291). Os visitantes podem, não só ver as exposições, mas também conhecer os artistas e assistir à produção do trabalho artístico. Este museu teve um impacto tão significativo na comunidade, mas também como atração turística, que

influenciou diretamente na economia da comunidade (Alexander e Alexander, 2008, p. 291). Neste exemplo, o museu procurou impactar e ter como foco de ação a sua comunidade artística, dando-lhes espaços e ateliês que harmonizassem com o ambiente do museu. O impacto a nível económico e turístico como uma consequência e pelo valor instrumental e institucional do museu.

Figura 16 MassMOCA instalações do museu na antiga fábrica



Fonte: MassMOCA

Figura 17 Criative Campus MassMoca



Fonte: Artist Community Alliance

Um exemplo incontornável, é o Museu Guggenheim de Bilbao, o efeito Guggenheim. O seu impacto a nível económico e social da cidade é reconhecido e estudado constantemente. O objetivo deste museu era a reativação e diversificação da economia da cidade (Plaza, 2022), no entanto o seu impacto na malha urbana da cidade, devido à sua monumental arquitetura, o desenvolvimento social, a criação de postos de trabalho e o desenvolvimento económico são quase tão monumentais como a sua arquitetura. No

entanto este grande impacto foi apenas possível pelo grande investimento por parte da vida política da cidade (PNA et al., 2023). No caso do Museu Guggenheim de Bilbao, o objetivo era que o museu impactasse a nível económico e regenerasse a malha urbana e o seu impacto nesta área é inegável. Quando se analisa a missão, os valores e a visão do museu, efetivamente o carácter social do museu é secundário, assim vemos como o Guggenheim também se “especializou” numa área de impacto.

Figura 18 Mancha urbana de Bilbao antes da construção do museu



Fonte: El Correo

Figura 19 Mancha urbana de Bilbao depois da construção do museu



Fonte: Unsplash

1.3.4 Reflexão final sobre o museu de arte contemporânea e o desenvolvimento social

Nesta parte, refletiu-se o porquê o museu de arte contemporânea é uma ferramenta privilegiada para transformar entornos, posturas e realidades e como a discussão do desenvolvimento social aparece associado ao museu de arte e aos artistas.

É possível concluir que o museu de arte contemporânea se escolhe como o ator de grandes transformações, não só pela natureza potencialmente transformadora do museu, mas porque a isto, se agrega a natureza potencialmente transformadora da arte. Esta existe devido ao valor simbólico, económico, social e individual que a arte tem, mas também pela relação próxima que existe entre o museu e o artista e pela necessidade de

trazer a democracia cultural para o museu, um lugar com grandes barreiras de acesso simbólicas.

Foi visto ao longo do capítulo como os museus impactam diferentes setores/ públicos da sua comunidade de formas diversificadas e como o museu de arte contemporânea o faz de forma tão particular, através de artistas e obras de arte. Foi falado sobre o desenvolvimento social e como o museu, e especificamente o museu de arte contemporânea, o promove.

Se se acredita no museu e na arte como ferramentas capazes de mudar o mundo, num museu para a comunidade e para a cidade, a instituição deveria poder impactar de diferentes formas o desenvolvimento, tanto um “integrado” como o “económico”. Como trabalham os museus de arte contemporânea do interior de Portugal o desenvolvimento social?

2. Estratégia Metodológica

Esta dissertação identifica-se, de certa maneira, com os estudos que orbitam a sociomuseologia, uma vez que tem como objetivo compreender o papel dos museus de arte contemporânea no desenvolvimento social do interior de Portugal. A sociomuseologia pode ser entendida como uma corrente de pensamento que se centra no papel social dos museus e como eles interagem e servem a sua comunidade, através dos seus projetos e trabalhos orientados para a participação comunitária, a diversidade, a inclusão, a educação e a responsabilidade social da instituição (Moutinho, 1993; 2007).

Para tal, desenvolveu-se uma estratégia metodológica mista, assente na metodologia de Estudos de Caso e em diferentes métodos de recolha e análise de dados, nomeadamente entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental. Optou-se por estudar a realidade dos museus de arte contemporânea do interior de Portugal devido às assimetrias regionais existentes no país, que apesar de estarem cada vez menos nítidas, permanecem (Departamento de Prospetiva e Planeamento, 2006, p. 106). Estas dicotomias estão presentes em muitos aspetos, desde a população, economia e infraestruturas, até ao acesso à cultura (PNA, 2019). Apesar de existirem políticas para a promoção da coesão territorial, são adiadas e carecem de políticas concretas e procedimentos importantes (Monteiro, 2019, p. 139).

A partir de uma lista inicial de museus de arte contemporânea em Portugal (apêndice I), foram estabelecidos cinco critérios de seleção dos casos de estudo:

1. O primeiro critério, parecendo óbvio, seria que a instituição tivesse uma coleção de arte contemporânea. Atendendo à Lei-Quadro dos Museus Portugueses, artigo 4º, “considera-se coleção visitável o conjunto de bens culturais conservados por uma pessoa singular ou por uma pessoa coletiva, pública ou privada, exposto publicamente em instalações especialmente afetas a esse fim, mas que não reúna

os meios que permitam o pleno desempenho das restantes funções museológicas que a presente lei estabelece para o museu.”, pelo que algumas das instituições levantadas num primeiro momento, foram afastadas da lista e consequentemente da pesquisa.

2. O museu deveria estar no interior de Portugal.
3. A instituição deveria assumir-se como museu ou centro de arte contemporânea.
4. O museu deveria pertencer a uma rede, seja à Rede de Museus Portugueses (RMP), à Rede Portuguesa de Arte Contemporânea (RPAC) ou a uma rede local de museus. Este requisito aparece na medida em que uma instituição pertencente a uma rede apresenta, à partida, mais estrutura, fundos e relevância local ou nacional.
5. A instituição deve declarar o seu carácter social, seja através da missão ou objetivos. Apesar das novas correntes da museologia pregarem o compromisso e papel socialmente interventivo dos museus, muitas instituições não se assumem com esse propósito e quando se assumem, podem não o pôr em prática. Pelo que se procurou que o museu tivesse pelo menos a intenção de querer impactar e transformar positivamente o seu entorno, estando explicito na sua missão ou objetivos. Este critério foi também bastante excludente de instituições.

Assim, de todas as instituições levantadas inicialmente, apenas restaram sete: a Fundação Nadir em Afonso em Chaves; o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais em Bragança; o Centro de Arte e Cultura de Évora; o Centro de Arte Contemporânea Quinta da Cruz em Viseu; o Museu da Bienal de Cerveira; o Museu Cargaleiro em Castelo Branco e Pó de Vir a Ser em Évora.

Dos sete museus, foram inicialmente contemplados como casos de estudo o Museu de Cargaleiro e o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais. No entanto, devido a problemas de agenda e disponibilidade, optou-se por alterar os casos de estudo. Assim, os museus selecionados para esta dissertação foram o Museu do Cargaleiro, em Castelo Branco e o Centro de Arte Contemporânea Quinta da Cruz, em Viseu. Retratando uma realidade ainda mais específica do interior do país, a Beira Interior.

Partindo das discussões realizadas ao longo do primeiro capítulo, a análise dos casos de estudo tem como base a noção de desenvolvimento social como o apresentam as grandes organizações mundiais, um desenvolvimento social mais “laboral” e “económico”, mas também o desenvolvimento social mais “integrado”. Ao mesmo tempo, tem-se em consideração a forma como os museus trabalham as suas responsabilidades sociais, considerando as suas qualidades e limitações.

Assim, são analisadas diferentes perceções de impacto dos dirigentes dos museus de arte contemporânea da Beira Interior. Questiona-se sobre como os museus estão a ser uma ferramenta para trabalhar o desenvolvimento social nas comunidades onde se inserem, como as relações políticas, económicas, educativas e com a comunidade artística influenciam e o que é trazido nas suas salas de exposição: o conteúdo, o discurso, os artistas, as obras.

De forma a criar um retrato mais fidedigno da realidade do impacto dos museus de arte contemporânea no desenvolvimento social das suas cidades, perspetivaram-se entrevistas (apêndice II) a diferentes stakeholders das localidades alvo, especificamente os responsáveis pelos Pelouros da Cultura e Ação Social nos municípios e os diretores/responsáveis pelo museu. Assim como, o cruzamento da informação das entrevistas com documentos, relatórios e dados estatísticos necessários para tornar a pesquisa mais rica e próxima à realidade.

O guião das entrevistas resulta das inquietações trazidas no quadro teórico e todas as dimensões abordadas ao longo da primeira parte da dissertação. Está organizado em três blocos e conta com 18 perguntas no total.

O bloco introdutório, onde o objetivo é legitimar/explicar a motivação da entrevista e simultaneamente motivar o entrevistado sobre a importância do seu contributo. O segundo bloco, está mais destinado a criar uma reflexão que permita compreender, desde o ponto de vista do entrevistado, de que forma o museu de arte contemporânea pode impactar uma comunidade de forma geral e de forma específica nos diferentes setores da comunidade e quais as linhas que têm. Ou seja, compreender as opiniões do

entrevistado sobre a relação do museu com a comunidade local, com a comunidade artística e os discursos e narrativas dos artistas e que os museus expõem/ trabalham. O terceiro bloco está direcionado para construir uma perceção de impacto do entrevistado sobre o museu de arte contemporânea da sua cidade e o seu impacto no desenvolvimento social. O seu objetivo foi compreender a forma como os entrevistados entendem que o museu impacta no desenvolvimento social da cidade e que tipo de desenvolvimento social o museu trabalha, o “integrado” ou o “laboral”. Cada entrevista durou entre 30 e 50 minutos.

Para o desenvolvimento do primeiro caso de estudo, foi entrevistado o Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, Dr. Leopoldo Martins Rodrigues, também responsável pelo pelouro da Cultura e Ação Social do município. Devido a problemas de agenda, não foi possível entrevistar o responsável pelo museu. O atual presidente da Câmara é licenciado em História pela Universidade de Lisboa e Mestre em Educação pela Universidade da Beira Interior, é presidente da Câmara de Castelo Branco desde outubro de 2021 e foi presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco entre 2017 e 2021.

Para o segundo caso de estudo, entrevistou-se a Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social, Dra. Leonor Barata, licenciada em Filosofia na Universidade de Coimbra e pós-graduada em Estudos Artísticos pela mesma instituição, tendo feito uma carreira artística dentro da dança contemporânea e encontra-se no seu primeiro mandato. Em Viseu foi possível entrevistar a pessoa responsável pelos museus municipais, Dra. Liliana Tavares, formada em História pela Universidade Católica de Viseu.

Relativamente à análise de conteúdo das entrevistas, teve-se como base as questões debatidas ao longo do quadro teórico e o guião da entrevista e foram criadas duas dimensões de análise: comunidade e desenvolvimento social. Dentro da dimensão “comunidade”, enquadram-se as seguintes categorias de análise: trabalho com os públicos do museu; trabalho/ impacto na comunidade; valor do museu; valor da arte. Na dimensão de análise “desenvolvimento social”, encontram-se as categorias: impacto do museu no desenvolvimento social integrado; impacto do museu no desenvolvimento económico/ laboral e relação institucional. Cada unidade de sentido, ou seja, fragmento

da entrevista, foi enquadrado nas categorias de análise. Apesar de várias unidades de sentido poderem ser enquadráveis em diferentes categorias, optou-se por esta estar assignada apenas a uma categoria.

Em relação aos documentos consultados, estes forneceram informações como: as políticas de desenvolvimento social da cidade, o programa político público para o desenvolvimento social, relatórios de desenvolvimento da cidade, alguns dados do impacto do museu, dados estatísticos de empregabilidade, população, educação, entre outros. Estes dados foram recolhidos de relatórios de desenvolvimento, planos de desenvolvimento, diagnósticos sociais dos municípios, assim como do Instituto Nacional de Estatística (INP), EUROSTAT e Pordata. É pertinente dizer que os últimos censos realizados a nível nacional datam de 2021, pelo que a realidade, apesar de próxima, poderá não ser a mesma.

Outro ponto fundamental na construção da metodologia deste estudo foi a nova ferramenta lançada pelo Plano Nacional das Artes, dia 6 de Dezembro de 2023, o Compromisso de Impacto Social das Organizações Culturais (CISOC). A conferência sobre o CISOC e o estudo desta ferramenta permitiu compreender melhor a questão do compromisso social para o seu desenvolvimento e a diversidade de fatores e indicadores que é possível avaliar. A ferramenta do CISOC foi também utilizada para a construção do guião da entrevista. Outra ferramenta importante foi o estudo O Impacto Social das Fundações Portuguesas, que serviu de grande inspiração para investigar as perceções de impacto existentes sobre o museu nas suas comunidades.

3.1. Singularização do Campo de Investigação

3.1.1 Cidades em Estudo

3.1.1.1 Castelo Branco

Castelo Branco situa-se no interior do país, na zona do centro, na região da Beira Baixa e sub-região Beira Interior Sul. Encontra-se rodeado pela Serra da Gardunha, a Norte; pela Serra do Moradal a Ocidente; pelo Parque Natural do Tejo Internacional a Sul e por Espanha a Oriente, cerca de 50km da fronteira (Câmara Municipal de Castelo Branco).

Apesar de Castelo Branco ser um dos concelhos mais extensos de Portugal a população residente tem decrescido, não obstante tem registado um acréscimo populacional em comparação com os restantes municípios (Cultivar, 2024; Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco, 2022, p.66 – 70). Isto reflete-se no número de famílias, na taxa de natalidade e no número de indivíduos em idade ativa no concelho. Traduzindo-se no envelhecimento da população, sendo a facha etária menos expressiva a dos 0 aos 14 anos, e a mais considerável, a superior a 65 anos (Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco, 2022, p.66 - 70), possivelmente, devido à emigração da população jovem, à perda da hegemonia da atividade agrícola e à crescente terciarização da economia (Cultivar, 2024, p. 2).

Tabela 1 População residente no concelho, 2011 e 2021

Concelho Castelo Branco	Área Km²	POPULAÇÃO RESIDENTE					
		Total	H	M	Total	H	M
	1.440	2011			2021		
		56.109	26.661	29.448	52.291	24.713	27.578

Fonte: INE

Tabela 2 Percentagem da demografia, educação e sociedade de 2016 a 2022

	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
População residente (n°) <i>Resident population (no.)</i>	183 241 2019 = 100 t.c. (%) / g.r. (%)	181 566 101,3 -0,9	179 979 100,5 -0,9	179 162 100,0 -0,5	178 870 99,8 -0,2	178 664 99,7 -0,1	177 719 99,2 -0,5
Densidade populacional (habitantes / km2) <i>Population density (Inh / km2)</i>	27,6 2019 = 100 t.c. (%) / g.r. (%)	27,4 101,3 -0,9	27,2 100,5 -0,9	27,0 100,0 -0,5	27,0 99,8 -0,2	27,0 99,7 -0,1	26,8 99,2 -0,5
População ≥ 65 anos (%) <i>Population ≥ 65 years (%)</i>	29,5 2019 = 100 t.c. (%) / g.r. (%)	30,2 93,0 2,6	30,9 95,4 2,3	31,7 100,0 2,4	32,0 101,1 1,1	32,4 102,2 1,1	32,7 103,1 0,9
Índice de Dependência Total <i>Total dependency ratio</i>	67,8 2019 = 100 t.c. (%) / g.r. (%)	69,5 92,8 2,6	71,4 97,8 2,6	73,0 100,0 2,3	73,9 101,3 1,3	74,6 102,2 0,9	75,4 103,3 1,0
Taxa bruta de natalidade (‰) <i>Crude birth rate (‰)</i>	6,2 2019 = 100 t.c. (%) / g.r. (%)	6,3 119,2 1,6	6,3 121,2 0,0	5,2 100,0 -17,5	6,1 117,3 17,3	5,8 111,5 -4,9	..
Rácio divórcios / casamentos (%) <i>Divorce / Marriage ratio (%)</i>	82,6 2019 = 100 t.c. (%) / g.r. (%)	70,4 118,4 -14,8	71,4 102,3 1,5	69,8 100,0 -2,3	102,7 147,2 47,2	68,9 98,8 -32,9	48,1 68,9 -30,2
Despesas dos municípios em cultura e desporto por habitante (Euros / hab.) <i>Expenditures on cultural activities and sports of municipalities (Euros / inhab.)</i>	.. 2019 = 100 t.c. (%) / g.r. (%)						
Taxa de criminalidade (‰) <i>Crime rate (‰)</i>	25,9 2019 = 100 t.c. (%) / g.r. (%)	27,3 82,0 5,4	25,9 82,0 -5,1	31,6 100,0 22,0	27,7 87,7 -12,3	29,6 93,7 6,9	35,8 113,3 20,9

Fonte: Pordata

Em contrapartida, a população emigrante tem vindo a crescer, sobretudo oriundos da Ucrânia, devido ao conflito bélico; do Brasil, caracterizando-se por serem famílias e casais jovens com filhos em idade escolar e pré-escolar e estudantes dos PALOP, sobretudo de Guiné-Bissau (Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco, 2022, p.77). O município apresenta um Plano Municipal para a Integração dos Migrantes (PMIM), assim como um conjunto de protocolos, associações e projetos que têm ajudado a integrar e diminuir os estereótipos, preconceito e xenofobia por parte dos locais (Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco, 2022, p.77-85).

Tabela 3 População imigrante residente no concelho em 2021

POPULAÇÃO IMIGRANTE RESIDENTE NO CONCELHO EM 2021			
Concelho	Total	H	M
Castelo Branco	2.122	1.083	1.039

Fonte: SEFSTAT

No que diz respeito à empregabilidade e mercado de trabalho, segundo o INE (cit in Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco, 2022, p.96), a oferta de trabalho tem vindo a aumentar ao longo dos anos. Não obstante, as diferenças de género são marcadas, traduzindo-se numa disparidade salarial de menos 146€ por mês às trabalhadoras de sexo feminino, sendo também as mulheres as mais afetadas pela falta de emprego (Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco, 2022, p.97-98).

Tabela 4 Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem em 2019, por sexo

Concelho Castelo Branco	SEXO	
	2019	
	H	M
	1.064,9€	918,7€

Fonte: Pordata

Tabela 5 Beneficiários/as de subsídio de desemprego da Segurança Social no concelho, por sexo, em 2021

BENEFICIÁRIOS/AS DE SUBSÍDIO DE DESEMPREGO		
Total	H	M
	2021	
785	259	526

Fonte: Pordata

Tabela 6 N.º de desempregados/as inscritos/as no serviço de emprego de Castelo Branco em fevereiro de 2022

Concelho Castelo Branco	N.º DESEMPREGADOS/AS INSCRITOS/AS - IEFP FEV. 2022		
	Total	H	M
	1.756	784	972

Fonte: IEFP

Relativamente aos equipamentos e atividades culturais, Castelo Branco conta com:

- Museu Francisco Tavares Proença Júnior;

- Museu de Arte Sacra;
- Museu Cargaleiro;
- Centro de Interpretação Ambiental (Parque Natural do Tejo Internacional);
- Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco;
- Biblioteca Municipal;
- Casa da Memória da Presença Judaica;
- Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco;
- Museu da Seda Castelo Branco;
- Centro de Interpretação do Jardim do Paço;
- Cineteatro Avenida;
- Galeria Municipal;
- Sala da Nora;
- Museu do Canteiro;
- Museu dos Têxteis – MUTEX de Castelo Branco Cebolais de Cima e Retaxo
Centro Cultural de Alcains;
- Núcleo Etnográfico da Lousa;
- Centro de Interpretação Casa do Rossio.

Para além disso, a Câmara de Castelo Branco desenvolve o projeto Cultura Vibra que procura organizar e regular a programação cultural, por trimestre, de forma a poder ser consultada por qualquer cidadão (Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco, 2022, p.179-180).

3.1.1.2 Viseu

Viseu localiza-se na Região Centro, sub-região de Dão Lafões e tem como distritos limítrofes o Porto, Aveiro, Coimbra, Guarda, Bragança e Vila Real (Município de Viseu, 2022, p. 23). A cidade encontra-se delimitada por três grandes serras, a Serra da Estrela localizada a leste de Viseu; a Serra do Caramulo a oeste e a Serra de Montemuro a situada a nordeste. O concelho é constituído por 25 unidades territoriais (Município de Viseu, 2022, p. 25).

Relativamente à população residente, Viseu apesar de ter perdido população entre 2011 e 2018, nos últimos seis anos, tem crescido constante (Município de Viseu, 2022, p. 26-32), sendo das poucas cidades do interior que não perde população (Barata, 2024). No entanto, a realidade populacional de Viseu reflete a nacional, ou seja, há um agravamento no índice de envelhecimento, com 180 idosos a cada 100 jovens (Pordata), que se estima que aumentará consideravelmente, podendo chegar a 220 idosos por cada 100 jovens em 2031 (Município de Viseu, 2022, p. 25). Para além disso, a taxa de natalidade tem progressivamente diminuído (Pordata), refletindo-se também no aumento da percentagem de famílias unipessoais ou 2 pessoas e uma diminuição em família com mais de 3 elementos.

Gráfico 1 Distribuição percentual de crianças e jovens e pessoas idosas



Fonte: Relatório de diagnóstico de Viseu

Tabela 7 Densidade populacional por Km2 (2011, 2019 e 2020)

Densidade populacional			
Nº médio de indivíduos por Km2			
	2011	2019	2020
Portugal	114,3	111,6	111,7
Centro	82,1	77,7	79,1
Viseu Dão Lafões	82,2	77,7	78,0
Viseu	195,4	191,8	193,5

Fonte: INE

À semelhança de Castelo Branco, a população emigrante tem crescido, tendo quase duplicado nos últimos 15 anos (Pordata), sendo que os países com mais expressividade no território são o Brasil, a Ucrânia, a China, Angola e o Reino Unido (Município de Viseu e Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, 2021, p. 30; 35). O facto da população migrante ter subido, trouxe benefícios para o município, uma vez que contribui para o aumento da taxa de natalidade e desacelera o envelhecimento populacional e mão de obra (Município de Viseu e Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, 2021, p. 31).

Tabela 8 Mapa de residentes estrangeiros no distrito de Viseu

	Nacional	Distrito de Viseu - geral	Distrito de Viseu (nacionalidades mais provenientes)			
			Brasil	Ucrânia	China	Reino Unido
Total	662095	6503	2944	435	339	307
Masculino	336123	3214	1305	210	171	169
Feminino	325972	3289	1639	225	168	138
*TR	661607	6494	2439	435	338	307
*VLD	488	9	5		1	-

Fonte: SEF (junho 2021)

No que diz respeito à educação, os níveis de literacia da população de Viseu têm subido, apresentando um grande número de pessoas com títulos do ensino superior. Sobre o emprego e mercado de trabalho, a atividade empresarial do município é considerável,

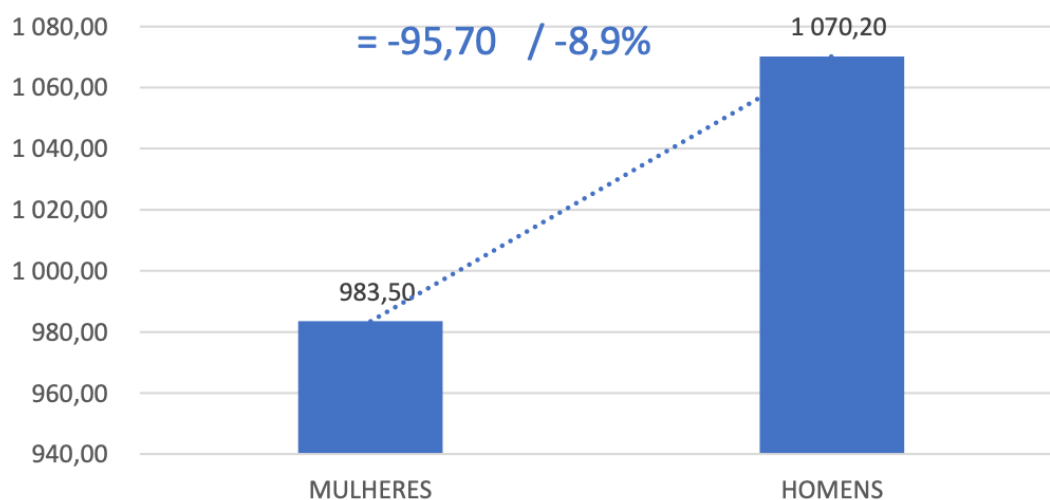
sendo que a maior parte se dedica aos comércio e serviços. Assim como em Castelo Branco, a percentagem de mulheres desempregadas é superior e da remuneração salarial em comparação com a do sexo masculino, continua a ser evidente, segundo os últimos dados disponíveis que datam de 2019 (Pordata).

Tabela 9 Indicadores de dinamismo comercial no concelho de Viseu

	2011	2019
Densidade de empresas (N.º/Km ²)	19,9	23,2
Empresas em nome individual (%)	66,5	67
Volume de negócios das empresas (€)	1.862.676	2.012.353

Fonte: INE

Gráfico 2 Diferença salarial por género



Fonte: Município de Viseu

Tabela 10 Empresas não financeiras por atividade económica

Empresas não financeiras, por atividade económica			
Atividade	2011	2019	
Agricultura, produção animal, caça, floresta	187	976	
Indústrias extrativas	9	5	
Indústrias transformadoras	491	496	

Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	4	62
Captação, tratamento e distribuição de água	8	7
Construção	1026	979
Comércio por grosso e retalho	2278	2008
Transporte e armazenagens	139	161
Alojamento, restauração e similares	758	819
Atividades de informação e comunicação	88	138
Atividades imobiliárias	187	304
Atividades de consultadoria, científicas, técnicas e similares	1250	1321
Atividades administrativas e dos serviços de apoio	1067	1380
Educação	885	882
Atividades de saúde humana e apoio social	1046	1389
Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	211	305
Outras atividades de serviços	438	543
Total	10072	11775

Fonte: INE

Viseu conta com vários equipamentos culturais, tais como:

- Museu Nacional Grão Vasco
- Museu do Linho
- Museu do Quartzo
- Casa da Ribeira
- Museu de História da Cidade
- Museu Keil Amaral
- Museu Almeida Moreira
- Quinta da Cruz
- Casa do Miradouro
- CAOS
- Incubadora
- Venha a Nós a Boa Morte
- Museu do Tesouro da Sé
- Museu da Igreja da Misericórdia
- Biblioteca Municipal
- Mercado 2 de Maio

Para além dos seus equipamentos culturais, Viseu apresenta um programa municipal, chamado “Eixo Cultura”, que promove anualmente eventos, concertos, festivais, exposições, instalações, projetos, espetáculos e outro tipo de atividades culturais, que complementam a programação dos equipamentos já existentes.

3.1.1.3 Castelo Branco e Viseu, uma Visão Comparativa das Cidades

O campo de pesquisa desta dissertação procura trazer uma realidade muito específica do interior de Portugal, uma vez que se centra na Beira Interior. Tendo em conta que são cidades próximas e ambas pertencem ao interior do país, apresentam realidades análogas.

As duas cidades, no que diz respeito ao envelhecimento da população, taxas de natalidade e população emigrante apresentam valores muito próximos. Têm uma população progressivamente mais envelhecida e cada vez menos crianças, no entanto, devido à crescente emigração contribui nas percentagens de natalidade e de famílias nas cidades. Uma questão importante a referir relativamente à população, é a diminuição de população residente em Castelo Branco que tem sido uma preocupação constante do município, evidente através dos seus relatórios anuais (Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco, 2022). Em contrapartida, Viseu tem vindo a aumentar a sua população residente nos últimos seis anos.

Relativamente à empregabilidade, é evidente que as principais atividades das cidades são os serviços e o comércio e que tem havido um aumento de oportunidades de emprego. Não obstante, a diferença de remuneração atendendo ao género é significativa em ambas cidades. No que diz respeito aos equipamentos culturais, Viseu e Castelo Branco apresentam variedade de atividades, espetáculos, centros e museus, assim como programas promotores da cultura nos seus municípios.

3.1.2 Os Seus Museus, uma Breve Descrição

3.1.2.1 Museu Cargaleiro, Castelo Branco

O Museu Cargaleiro procura fazer uma homenagem à vida e obra do Mestre Manuel Cargaleiro, um pintor e ceramista verdadeiramente versátil em técnicas e relevante, que marca a arte contemporânea portuguesa. O Museu está localizado em Castelo Branco, uma vez que o artista e as origens são de Vila Velha de Ródão, um município de Castelo Branco.

Este equipamento abriu no dia 09 de setembro de 2005 no edifício histórico Solar dos Cavaleiros no coração da cidade e em 2011, foi inaugurado o segundo edifício, uma construção contemporânea, anexado ao primeiro (Museu Cargaleiro). A instituição foi patrocinada, sobretudo, pelo próprio artista, Manuel Cargaleiro e pela Câmara Municipal de Castelo Branco (Museu Cargaleiro; Arruda, 2000, p.104). Devido ao seu forte vínculo com a Câmara Municipal, todos os seus trabalhadores são empregados da câmara e a instituição carece, neste momento, de um diretor artístico, existindo apenas um diretor financeiro.

O Museu surge no seguimento do programa de intervenção urbana Polis⁵, que procurava criar e reativar as dinâmicas sociais no centro da cidade, requalificando e contemporizando Castelo Branco (Roque, 2017, p. 18; Miranda, 2003). O projeto, promovido pela Câmara Municipal de Castelo Branco, criou estratégias de intervenção que deram resposta a um programa funcional para o desenvolvimento da cidade, preservando a memória do local (Roque, 2017, p. 19; Miranda, 2003; Rodrigues, 2024). Estando a Câmara Municipal consciente do valor e impacto positivo da cultura, houve durante todo o processo iniciativas que valorizavam o património cultural, por exemplo, no novo desenho urbano constava a abertura do Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco, numa das principais praças da cidade. Assim como a divulgação dos

⁵ O projeto Polis, foi desenvolvido no início dos anos 2000. Procurava, através da intervenção urbana, remodelar e contemporizar as cidades. Foi desenvolvido em diferentes zonas do país, como por exemplo Matosinhos, Gaia, Sines, Costa da Caparica, Viana do Castelo, Viseu, Castelo Branco, entre outros.

portados quinhentistas, preservação da rede da judiaria, arranjos de espaços exteriores e, posteriormente, a abertura do Museu Cargaleiro (Roque, 2017, p. 20).

As instalações do Museu são constituídas por dois edifícios, um antigo solar do século XVIII, onde se encontra a coleção de cerâmica da Fundação Manuel Cargaleiro, que se centra na cerâmica portuguesa popular do século XIX, cerâmica ratinha, e na cerâmica sevilhana, lebrillos trianeros. Ao longo da exposição não só se fala sobre a cerâmica e as suas técnicas, mas reflete-se sobre o quotidiano duro e agreste da população rural portuguesa e sevilhana ao longo do século XIX (Museu Cargaleiro).

Figura 20 Museu Cargaleiro- dois edifícios



Fonte: Câmara Municipal de Castelo Branco

No edifício contemporâneo, encontra-se a exposição de longa duração, chamada Museu Cargaleiro – Vida e Obra, que se centra na obra do artista, desde a sua cerâmica, à tapeçaria, pintura e escultura, assim como algumas obras da coleção de Cargaleiro que cona com grandes nomes como Pablo Picasso, Marc Uzan, Claire Debril, Robert Deblander, entre outros. Nos pisos 1 e 2, é um espaço dedicado às exposições temporárias.

Assim, pode-se dizer que a instituição aparece por dois grandes motivos: a conservação, investigação e exposição da obra de Manuel Cargaleiro e, juntamente com as novas alterações no espaço urbano, reavivar as dinâmicas do centro histórico através da cultura. Estes dois pilares de fundação refletem-se na missão do Museu que procura “estudar, inventariar, conservar, interpretar, expor e divulgar a Coleção da Fundação Manuel Cargaleiro” (Museu Cargaleiro) Dando ao Museu espaço para interpretar “diferentes realidades artísticas e históricas através de uma programação que se pretende diversificada através de exposições temporárias e complementada com a oferta dos serviços do Museu, nomeadamente da Biblioteca e do Serviço Educativo” (Museu Cargaleiro). Para isso o Museu estabeleceu objetivos como “promover o espaço museológico, o acervo artístico da Coleção da Fundação Manuel Cargaleiro e a cidade de Castelo Branco; realizar uma programação que permita uma melhor e organizada fruição do espaço, e criar condições de acessibilidade para todos os públicos; criar dinâmicas para o estabelecimento do contacto entre o museu e o público com carácter pedagógico, nomeadamente através do Serviço Educativo; estimular o conhecimento e a leitura ao nível da Arte e da História e de outras áreas associadas, através dos núcleos expositivos e da Biblioteca; proporcionar o estudo da Coleção da Fundação Manuel Cargaleiro por parte de investigadores externos à instituição; desenvolver exposições temporárias da Coleção da Fundação Manuel Cargaleiro; criar parcerias com diferentes entidades no sentido do desenvolvimento das atividades do Museu, nas suas diversas áreas de atuação.” (Museu Cargaleiro).

O carácter social do Museu não está apenas presente nos serviços educativos e exposições, mas pelas atividades que dinamizada nos seus espaços públicos, como o Largo do Museu Cargaleiro (Roque, 2019, p. 20) e, sobretudo, pela sua localização e impacto que trouxe nos processos de reabilitação urbana (Rodrigues, 2024).

3.1.2.2 Quinta da Cruz, Viseu

O Centro de Arte Contemporânea Quinta da Cruz, abriu no ano de 2014, durante a presidência de António Almeida Henriques, como propriedade da Câmara Municipal de Viseu.

Esta instituição pertence à Rede de Museus Municipais de Viseu, sendo um dos oito museus, juntamente com: o Museu de História da Cidade, que procura condensar e contar a riquíssima história de Viseu; o polo arqueológico, muito próximo da memória e escavações do arqueólogo José Coelho, que expõe artefactos desde a pré-história até à Baixa Idade Média; a Casa da Ribeira, que é um museu etnográfico que evoca as memórias de Viseu; o Museu Almeida Moreira, dedicado a Francisco Almeida Moreira, às suas coleções, casa e legado para a cidade de Viseu; o Museu Keil Amaral, um museu que recorda a família Keil Amaral ao longo de cinco gerações através das suas coleções de artes decorativas, pintura, escultura e armaria; o Museu do Linho, que valoriza a produção do linho tradicional na aldeia de Várzea de Calde; e o Museu de Quartzo, que apresenta uma narrativa geológica sobre o mineral, que é muito presente na geografia da região. Tendo em conta que o Centro de Arte Contemporânea Quinta da Cruz é um equipamento cultural municipal, todos os seus trabalhadores são funcionários da Câmara Municipal e, por tanto, a Quinta da Cruz não apresenta um diretor artístico, mas sim uma pessoa responsável, a Dra. Liliana Tavares, que é a Dirigente da Unidade Orgânica de Museus e Polo Arqueológico – DCT.

As suas instalações são particularmente interessantes. O Centro situa-se numa quinta do século XVIII, muito próxima do centro histórico da cidade. A quinta foi “adquirida por Nicolau de Mendonça Falcão do Amaral nos finais século XVIII, a propriedade tem uma extensão de 10 hectares de área verde, ornamentada por espécies exóticas que dialogam de forma harmónica com elementos autóctones e que reativam uma memória coletiva deste espaço” (Quinta da Cruz, 2024). No edifício são realizadas a maior parte das exposições, no entanto os jardins também recebem instalações e exposições temporárias. Devido à grande extensão da área verde e pela diversidade de flora existente, este é lugar privilegiado da cidade.

Figura 21 Quinta da Cruz – instalações



Fonte: CIM Viseu Dão Lafões

A Quinta da Cruz nasce com uma missão e objetivos com múltiplas preocupações nos âmbitos da arte, natureza e comunidade. O centro de arte contemporânea visa sensibilizar, criar e formar públicos. Procura criar novos diálogos, incentivar a criação artística e a promoção de projetos que reflitam sobre o estado da arte e o seu papel na sociedade, assim como criar experiências de contacto com a biodiversidade autóctone e a arte, através de exposições temporárias, atividades e oficinas (Quinta da Cruz, 2024).

Uma característica muito particular da Quinta da Cruz é a sua versatilidade. Como já referido, sendo este um equipamento municipal, as suas tendências políticas, expositivas e sociais vivem nuances consoante o Vereador da Cultura do momento (Tavares, 2024; Barata, 2024).

A coleção é muito marcada pela mailart, devido ao seu famoso projeto MAILART.pt, que tem como objetivo conservar, colecionar e promover a mailart⁶. Através desta coleção e projeto têm sido organizadas várias exposições, workshops e publicações. Para além disso, a Quinta da Cruz organiza exposições temporárias de forma recorrente, sendo que

⁶ Mailart é uma forma de arte contemporânea em que os artistas enviam por correio as obras, neste caso à Quinta da Cruz. Abrange diferentes formas de expressão, desde as colagens, à pintura, à poesia visual.

lhe permite desenvolver um dos seus principais objetivos, gerar novos diálogos profícuos para a comunidade (Quinta da Cruz, 2024).

Alguns exemplos de exposições temporárias recentes que traduzem fortemente a sua missão foram: “Autorretratos Entre Arte e Educação”, uma exposição de fotografia digital que apresenta diversos trabalhos com recurso à inteligência artificial (Município de Viseu, 2024); “Musgo”, dos artistas Rita Castro Neves e Daniel Moreira, trata-se de uma instalação artística que resultou de uma residência artística organizada pela Quinta da Cruz (Notícias de Viseu, 2023); “Arquitetura ao Centro”, promovida pela Ordem dos Arquitetos, que procurava dar um espaço de expressão e reflexão sobre a arquitetura do centro do país (Jornal do Centro, 2023); “Histórias de um Lugar”, uma exposição que destaca as pessoas, os lugares e as histórias que constituem a identidade da Quinta da Cruz e da sua envolvente (Município de Viseu, 2022); entre outros.

4. Percepções de Impacto: O Museu de Arte Contemporânea no Desenvolvimento Social do Interior

4.1 Introdução à Análise das Entrevistas

Nesta secção da dissertação encontra-se a análise das três entrevistas realizadas aos dirigentes e responsáveis pelos museus casos de estudo. O quadro de análise (apêndice III) que organiza as entrevistas e as unidades de sentido por dimensões de análise, materializou-se num documento extenso.

Serão expostas nesta secção as percepções de impacto dos dirigentes e responsáveis à cerca do impacto do museu no desenvolvimento social da sua cidade e como a natureza do museu influencia profundamente no *modus operandi* das instituições estudadas, desde o tipo de coleções e exposições que recebe, até a sua relação político-institucional.

Parece importante referir que a familiarização com os diferentes conceitos de desenvolvimento social por parte dos entrevistados é evidente através da forma como se expressam sobre o assunto, como refletem sobre eles, como os desenvolvem e envolvem o museu neste processo.

Está também plasmado nas entrevistas o valor da arte e do museu, tanto por parte da comunidade, como do ponto de vista institucional. Como os discursos, as narrativas e as atividades são propostas e programadas e a quem se dirigem, como as recebem e o impacto que têm na sua cidade.

Em suma, como o museu dentro das suas particularidades e características de coleção, localização, programação, objetivos, atividades, colaborações com outras entidades, entre outros, impacta de forma diferente a sua comunidade.

4.2 Dimensão de Análise – Comunidade

4.2.1 Trabalho com os Públicos

Ao longo do quadro teórico da dissertação são discutidos diferentes conceitos, entre eles os “públicos” e a “comunidade”. Partindo do princípio que nem toda a comunidade será público e que nem todo o público será, exclusivamente, da comunidade. Segundo as perceções dos stakeholders, em Castelo Branco, os turistas visitam a cidade, sobretudo, por causa do Museu Cargaleiro e pela sua coleção, sendo este um principal atrator turístico. Em contrapartida, em Viseu, os públicos externos são sobretudo as camadas mais jovens da população residente ou turistas que visitam a cidade e consequentemente a Quinta da Cruz. A discussão se são espaços democráticos pode partir desta perceção, uma vez que referem barreiras simbólicas e públicos-alvo.

E na realidade, e eu já tive essa experiência em conversar com alguém casualmente, e esse alguém viver em Vila de Moinhos, por exemplo, à porta da Quinta da Cruz, e nunca ter entrado na Quinta da Cruz. Portanto, o público que visita e que frequenta a Quinta da Cruz é quem vem de fora, quem nos visita, e não a comunidade em si, ou seja, as pessoas que moram ali por perto, que moram na envolvente da Quinta da Cruz. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Depois de fora, falamos de público diverso. Aqueles que vêm visitar a cidade e simplesmente visitam os museus que têm, que encontram para visitar, e pronto. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Depois é claro que nós temos muitos visitantes na Quinta da Cruz que não são nem jovens, nem escolares, nem seniores. Mas estes temos mais dificuldade em organizar para esta faixa atividades específicas. Nós sabemos que eles nos visitam pelos números e sabemos que quando nós organizamos, por exemplo, uma inauguração, eles marcam presença. Ou quando nós organizamos uma visita guiada específica para determinado conteúdo expositivo, eles também marcam presença. Mas, na verdade, eu

diria que o nosso público maior em quantidade, público escolar e público sénior. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Vamos lá ver, há sempre os iniciados e aqueles que são o público em geral. Por parte daqueles que ou são especialistas em arte ou têm atividades profissionais ou atividades comunitárias mais direcionadas para a arte e para a apreciação de movimentos artísticos, é óbvio que esses olham para as exposições e olham para a obra de Manuel Cargaleiro com outra perspetiva, com um espírito mais crítico, não devemos falar necessariamente do espírito negativo, mas podemos considerar ao nível da discussão daquilo que é o objeto artístico, as dimensões da obra de arte, esse tipo de situações. O público em geral, que é a sua maioria, ele interessa essencialmente que as coisas aconteçam, que haja exposições, que possam operar essas exposições, que possam ser apreciadas e, portanto, não existe esse olhar tão crítico, mas existe essencialmente participação e as pessoas habituaram-se a passar pelo museu e a fazer deste espaço museológico ou considerar este espaço museológico como uma parte integrante da cidade e da vida comunitária da cidade. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Por outro lado, o museu serve a Câmara Municipal no sentido que é um fator de atratividade de turistas, de visitantes e de reconhecimento da cidade e de reconhecimento do território, através de um nome que se associa, neste caso, a Castelo Branco. Manuel Cargaleiro está intimamente associado a Castelo Branco, está em outras cidades, em outras nacionalidades, nomeadamente a Itália, penso que já tinha referido, mas também a França e a Paris, mas é em Castelo Branco que está o grosso da obra de Manuel Cargaleiro e ela está em Castelo Branco, como disse, pela disponibilidade do município, mas também por vontade, obviamente, de Manuel Cargaleiro. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Não obstante, apesar de receberem visitantes fora da sua comunidade, sobretudo turistas, grande parte do seu público habitual é o escolar, em ambos museus, e o sénior em Viseu.

Maioritariamente, públicos escolares e seniores. Ou seja, há aqui uma zona onde é mais difícil nós entrarmos porque é mais difícil nós estabelecermos... Vamos lá outra vez. O público jovem e o público sénior é aquele que está mais permeável a atividades organizadas ou pré-organizadas. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Depois há um outro aspeto que é também importante aqui referir e valorizar, que é a questão do projeto educativo associado ao Museu Cargaleiro, e daquilo que é a ação dos serviços educativos, que vão fazendo um trabalho de continuidade com as escolas, seja do ensino pré-escolar, seja depois do primeiro ciclo, do segundo ciclo, do terceiro ciclo e do ensino secundário, que visitam com os seus professores, visitam com o Museu Cargaleiro, que desenvolvem atividades à volta da obra do Cargaleiro. Algumas atividades presencialmente no Museu, e outras atividades em contexto saudável, portanto, nas escolas desses alunos, e que depois se refletem naquilo que são as exposições ou que são atividades associadas ao Museu. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

4.2.2 Trabalho/ impacto na Comunidade

De forma a compreender o impacto dos museus no desenvolvimento social da sua cidade, refletir sobre o seu trabalho com os diferentes segmentos da comunidade é fundamental. Pelo que se tornou num dos principais focos das entrevistas.

1. Localização e característica do espaço museológico:

Ao analisar as entrevistas, é evidente que os museus, devido à sua natureza e localização impactam de forma diferente a sua comunidade, assim como o trabalho que desenvolvem com ela.

Em Castelo Branco, a sua localização foi fundamental, uma vez que trouxe impacto a nível urbanístico, auxiliando na recuperação do centro histórico. Em Viseu, a sua localização, um pouco mais afastada do centro histórico, dificulta as visitas ao museu.

Depois, porque a sua localização na zona histórica, que é uma zona que carece de intervenção, tem um outro impacto, que foi a requalificação de um espaço e a devolução de um espaço à comunidade. Em primeiro lugar, através do Salão do Cavaleiro, que foi requalificado, foi melhorado e foi adaptado ao espaço museológico e, portanto, foi devolvido à cidade. E depois com a intervenção na Praça Académica, com a construção do outro espaço museológico, que, portanto, também reabilita a Praça, lhe dá novas funções e novas localizações e valoriza o espaço e valoriza a zona histórica. E isto enquadra numa estratégia de desenvolvimento da Câmara Municipal, portanto, do município de Castelo Branco, que é ter um conjunto de projetos-rango na zona histórica que se afigurem como espaços de visitação, espaços de atração e, ao mesmo tempo, espaços de valorização daquela zona e daquele espaço da cidade. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

O Museu, como disse, tem uma centralidade que é importante para nós. Na altura, a opção por fazer o Museu na Zona Histórica foi uma opção estratégica e obedece a um objetivo estratégico, porque a Zona Histórica é o coração, se assim podemos dizer, da cidade, é o berço da cidade. Ao longo do tempo foram surgindo outras áreas urbanizáveis no Conselho e neste caso na cidade, e a Zona Histórica foi, também pela dimensão das ruas, pelo facto das casas serem mais pequenas ou com menos condições de habitabilidade, essa zona foi sendo, se assim podemos dizer, desabitada. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

O equipamento continua a ser mais ou menos desconhecido pela maioria dos habitantes da cidade, sofrendo de duas coisas. Primeiro, não é no centro. E há um... é dois minutos do centro, ou três minutos do centro, mas... Mesmo quando nos pedem espaços para desenvolver atividades e eu proponho a Quinta da Cruz, dizem-me sempre, ah, esse lugar é muito longínquo. Portanto, as pessoas preferem sempre ou o Museu de História da Cidade, ou o Polo Arqueológico, ou o Almeida Moreira, mais do que a Quinta da Cruz. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Apesar a dificuldade de visitas na Quinta da Cruz dada a sua localização, a mesma apresenta uma grande vantagem. A mata do centro de arte contemporânea tem permitido ao museu explorar de formas muito diversas o seu trabalho com a comunidade.

Também existe um grande espaço, esse dedicado mais ao cultivo e que neste caso o município também aproveitou o espaço para efetuar uma requalificação para que pudessem ser implementadas as hortas comunitárias. As hortas comunitárias são disponibilizadas à comunidade no sentido de as pessoas poderem fazer o pedido da cedência de talhões para cultivarem os seus próprios legumes, os seus próprios cultivos. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

A questão ambiental. E que tem a ver com a possibilidade... Primeiro, aquilo é um pulmão da cidade, é um pulmão importante. Segundo, é um pulmão que tem características ambientais específicas das espécies que lá têm e da diversidade das espécies que lá têm. E, por outro lado, ainda acresce a isto, nós temos um programador das comunitárias anexado ali ao espaço. Isto permite que o próprio equipamento também tenha uma vertente de passeio e de usufruto na natureza que eu acho que é também um dos traços distintivos daquele equipamento. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Temos a parceria com uma companhia chamada Cem Palcos, que tem um talhão das hortas comunitárias, e anda lá a desenvolver atividades com miúdos desfavorecidos, ou órfãos, ou institucionalizados, para eles desenvolverem atividades ao ar livre, chama-se a Horta de Deméter. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

2. Atividades:

Para além disso, os museus desenvolvem atividades atendendo o calendário anual e escolar, conscientes que é uma necessidade da comunidade.

As atividades são os dias abertos do museu são por exemplo o aniversário são atividades relacionadas com o período da Páscoa, são atividades relacionadas com o período do Natal, são atividades que ao longo do ano se vão desenvolvendo de acordo com aquilo que é o programa cultural do museu e expositivo do museu e que às vezes estão ligadas àquilo que são o calendário e aos vários eventos do calendário e aproveitando um determinado, uma festa ou um evento, um aniversário ou um dia direcionado, se fazem exposições ou se fazem atividades direcionadas para aquela data comemorativa ou para outro tipo de atividade e aí as pessoas são chamadas a intervir a participar, a dar a sua opinião, simplesmente passar a olhar e depois virem-se embora porque também acontece essa situação. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Trabalhamos agora, neste momento enquanto falamos, está a decorrer um festival chamado Educarte que é de Práticas e Mediação Artística, ou seja, os miúdos desde os mais pequenitos dos três anos até aos mais velhitos doze anos, direi eu trabalham, ou vão à Quinta da Cruz fazer workshops de serigrafia vão ver a exposição do MOGA vão ver as árvores vão desenhar, fazer um terráqueo uns jardins vão fazer tudo isso dentro da Quinta da Cruz. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

O ano passado tivemos um programa que se chamava Férias na Quinta em que os miúdos entravam lá todos os dias, às nove da manhã e só saíam às seis da tarde e andavam pela Quinta a fazer atividades ao ar livre a cantar, a dançar, não sei o quê dentro da Quinta isso é uma coisa que nós também não nos podemos desligar do que é que é a nossa função de serviço público, ou seja, se eu estiver a perder depois tu orientas o que é que nós percebemos? nós percebemos que há umas férias grandes que são gigantescas e os pais não sabem onde é que vão meter os miúdos. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

No Natal fizemos outra muita gira que era também para as férias, para ajudar os pais que era cada dia num museu, portanto eles de manhã não sabiam para que museu iam e então passaram um dia no museu e isto eu acho que desenvolve outras competências nas crianças. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Quando se questionou sobre as atividades desenvolvidas para as suas comunidades, os trabalhos e parcerias que têm com outras entidades, a Quinta da Cruz e o Museu Cargaleiro vivem-no de forma muito diferente.

O Museu Cargaleiro relaciona-se muito com o espaço e a localização. O entrevistado reforça o impacto que o museu teve na reestruturação urbana e requalificação do centro histórico, como isto se repercutiu no sentimento “autoestima” por parte da população e o valor que a comunidade atribui ao museu e as suas coleções.

Tem também o impacto daquilo que é, se assim podia dizer, a autoestima. Porque para a população local e para a população que ainda vive na zona histórica, também é um motivo de orgulho dizer que naquele espaço está o Museu Cargaleiro, está um espaço museológico de excelência, porque o Museu Cargaleiro também não é apenas o ombro do mestre Cargaleiro. Há muito para além disso. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Em contrapartida, o centro de arte contemporâneo de Viseu não apresenta uma coleção com nomes tão reconhecidos como o Museu Cargaleiro, priorizando o trabalho comunitário, a ocupação e apropriação do espaço.

A ideia do Equipamento Municipal é de abrir portas e depois as pessoas percorrem os caminhos com as ferramentas que foram adquirindo. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

AVIS-PT 21, trabalha com um bailarino que é o Romos, e tem ensaios na Quinta da Cruz. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Nós no outro dia organizámos um debate uma conversa na Quinta da Cruz só para agentes culturais que também fazem parte da comunidade e que precisam também de... e tivemos essa reunião com agentes culturais ainda mais específicos com agentes culturais que trabalham para a infância e a juventude. E, portanto, é súper afunilado, mas na verdade, foi também uma maneira de lhes mostrar o espaço da Quinta da Cruz e dizer assim, nós estamos receptivos a propostas para este espaço para a infância e a juventude. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Mas lembro-me, por exemplo, de uma que teve também muito impacto e teve muita repercussão, que se chamava Histórias de um Lugar, era de uma artista... Acho que ela era espanhola. Ana... Mas depois tentamos recuperar. E que era uma visão, ou seja, foi uma artista que esteve em residência a recuperar as histórias da Quinta da Cruz, porque a Quinta, antes de ser um centro, era uma casa rural e, portanto, ainda temos relatos dos miúdos que viveram naquela casa. E, portanto, ela foi fazer essas entrevistas e fez uma série de ilustrações e também de algum trabalho de escultura sobre as memórias. E isso teve um grande impacto na comunidade, não só ali na comunidade onde a Quinta se insere, mas depois também, como vieram, veio a família e os primos. E depois aquilo

acabou por funcionar como teia. E foi um projeto muito bonito.
(Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Falamos de parcerias e acordos de colaboração, ou seja, com a APECV, que ainda há pouco referi, já tivemos colaboração com a ASPIA, que é a Associação de Desenvolvimento de Educação Ambiental, por exemplo, com a própria família do José Mougá. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Claro que existe também uma ligação aos institutos superiores, neste caso ao Politécnico, que tem o curso de Multimédia, de Artes em Multimédia, e que todos os anos também é-lhes cedido o espaço para eles poderem expor os seus trabalhos e a sua criatividade e, portanto, também há esta preocupação. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Pensa-se que a diferença de atividades e envolvimento para e com a comunidade entre os museus se deve à diferença entre coleções. Sobre o Museu Cargaleiro, o entrevistado enfatiza ao longo da conversa o valor da coleção, o nome do Manuel Cargaleiro e o peso que ele tem na instituição. A realidade da Quinta da Cruz é outra. O valor/ “qualidade”, como diz a Vereadora da Cultura de Viseu, do que é exposto é secundário, o que é verdadeiramente importante é o envolvimento comunitário.

Sim, sentem-se representadas (a comunidade). Veja-me uma coisa, nós todos os anos, independentemente da presença ou não do Mestre Cargaleiro, celebramos o seu aniversário e fazemo-lo no museu. Este ano fizemo-lo, há pouco tempo, por ocasião dos seus 77 anos, inaugurámos uma exposição, neste caso, com obras também do Manuel Cargaleiro e o número de pessoas presentes no dia de inauguração são pessoas que, neste caso, que hoje prestavam a sua maioria, foi bastante significativo. E são pessoas que têm alguma notoriedade, e são pessoas que têm algum reconhecimento também em termos daquilo que são as dinâmicas

culturais, seja do Conselho, seja da região. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Mas é claro que todo o trabalho que nós fazemos em termos municipais é destinado à comunidade. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

A Quinta da Cruz ainda é mais porque nos permite fazer um trabalho de mediação com públicos muito específicos. Os escolares, as associações que trabalham com a deficiência os jovens do ensino secundário. Há um programa que é muito interessante que é os alunos do curso de comunicação do IPV expõem os trabalhos finais na Quinta da Cruz. Isto é importantíssimo. Perguntas-me assim e a qualidade dos trabalhos? Isso não me interessa tanto neste contexto. O que é importante é que há uma dúzia muito mais, há 20 miúdos todos os anos que passam 15 dias na Quinta da Cruz e que desenvolvem este trabalho dentro do conteúdo. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

3. Relação com a comunidade artística local:

Considerou-se, ao longo do quadro teórico, que um ponto fundamental para que o museu impacte a nível social é a sua relação com os artistas, uma vez que estes criticam, validam e dão sentido a um espaço de arte contemporânea. Quando se analisa as entrevistas, é evidente como cada museu vive a relação com os artistas locais, também de forma diferente.

Os artistas locais visitam o museu, a relação da comunidade artística com o museu ela passa-se muito ao nível não da comunidade artística própria, mas essencialmente daquilo que é a escola. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Não é em todas as cidades que nós temos condições para apreciar obras da Virga Silva do Eduardo Padrões, do Picasso e de outros artistas de

renome internacional que lhe podem ser vistas, podem ser quase mexidas ou podem ser quase sentidas e isso é algo que valoriza também a dimensão artística a dimensão artística aqui do território. Se me diz assim, mas acha que alguém se inspira na obra do Manuel Cargaleiro? Acredito que sim que há pessoas que se inspirem na obra do Manuel Cargaleiro porque ele é um nome com muita presença muito reconhecido e que obviamente aqueles que começam a sua vida artística ou que já sendo artistas até reconhecidos acabam por ter alguma reflexão acerca da obra. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Eu acho que é muito boa. É muito boa, lá está, porque os artistas estão sempre desejosos de irem à Quinta da Cruz por diversos aspetos. Primeiro porque há durante o ano uma panóplia de oficinas, enfim, há todo um conjunto de segmentos que eles podem explorar para o público, quer famílias, quer público escolar, quer crianças, enfim, adultos, séniores, e todos eles têm sempre uma grande abertura e, obviamente, uma grande criatividade para levarem à Quinta da Cruz algo novo, algo criativo, e mostram sempre esta disponibilidade. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Há artistas em visão, ou há agrupamentos coletivos de artistas, que conseguem desenvolver o seu trabalho porque existe a Quinta da Cruz, e porque tem sítio para depois expor com uma outra valência que a Quinta da Cruz tem, que é importante, que é o de aceitar residências. E, portanto, nós permitimos que, de alguma forma, os artistas possam estar na Quinta da Cruz, a desenvolver o seu trabalho e depois a mostrá-lo também. E não só artistas visuais, porque também há artistas performativos que usam o espaço da Quinta da Cruz. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

4.2.3 O Valor do Museu

Sobre esta categoria de análise, os entrevistados referiram diferentes vertentes e desafios sobre a comunidade atribuir valor ou não ao espaço do museu. Em Castelo Branco, a coleção e a obra de Manuel Cargaleiro continuam a ser fundamentais na atribuição de valor ao museu propriamente. Enquanto que em Viseu, a dificuldade na localização volta a ser referida como um entrave para a apropriação e reconhecimento da instalação.

Portanto há, por um lado, um reconhecimento quase natural por parte da população relativamente ao Museu, à obra e àquilo que está em exposição nesse mesmo Museu. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Nós conhecemos e valorizamos cada vez mais aquilo que é o turismo cultural. E o Museu Cargaleiro insere-se dentro de um conjunto de infraestruturas ligadas à cultura, que acabam por se complementar e acabam por ir ao encontro daquilo que eu lhe dizia há pouco. As pessoas não viram a Castelo Branco apenas para visitar o Museu Cargaleiro, mas vêm pelo Museu Cargaleiro a pensar noutras visitas e noutros espaços museológicos, noutros espaços onde o possam fazer. Logo ao lado do Museu Cargaleiro, um pouquinho abaixo, está o Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, onde se faz o Bordado de Castelo Branco, onde se expõe o Bordado de Castelo Branco e onde se valoriza também o património cultural deste território e nomeadamente, depois, a sua distinção com o céu da Unesco ao nível das cidades criativas. Portanto, há aqui uma complementaridade entre os diferentes espaços museológicos que estão muito incorporadas precisamente no Museu Cargaleiro. Outras perspetivas é que nós podemos ter. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Acho que a população da cidade não conhece a Quinta da Cruz, o que é um desafio. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Não sinto que as pessoas se sintam representadas no espaço, mas quando conhecem o espaço, apropriam-se do espaço e dizem a nossa Quinta da Cruz. Portanto, tem a ver como desconhecimento do espaço. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Eu acho que a população considera valores no espaço, porque, a meu ver, as pessoas não têm noção do que é que existe, do tipo de coleções que ali vão parar, do tipo de importância das coleções que ali estão, que costumam estar patentes na Quinta da Cruz, neste caso. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

4.2.4 Valor da Arte

Comparativamente, o valor da arte nestes dois museus é visto e trabalhado em sentidos distintos. O Presidente da Câmara de Castelo Branco atribui um grande peso ao valor da coleção do museu e expressa em vários momentos que a população atribui valor à obra de Cargaleiro, promovendo sentimentos de autoestima e orgulho pela presença do museu na cidade.

Portanto, a presença de uma fundação e de um museu de arte contemporânea alusiva ao mestre Cargaleiro é desde logo, e em termos daquilo que é a sua projeção do território, importante em termos de notoriedade. O Museu Cargaleiro hoje é provavelmente o museu mais visitado da cidade. Nós temos outros museus, alguns bem mais antigos, mas este acaba por se afigurar como um dos mais visitados. E porquê? Precisamente por isso, pela notoriedade, pelo nome, pela obra do mestre Cargaleiro. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Existe essa complementaridade pelo seu trabalho, pela sua obra, pelo carinho que todos temos pelo Mestre Cargaleiro, obviamente que ele se

figura aqui como uma peça central no panorama cultural de Castelo Branco. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Há obras da Mark Eanes, da Geira Silva, que são provavelmente a maior número para além das do Manuel Cargaleiro, mas também podemos encontrar obras do Picasso e de outros artistas contemporâneos do mestre Cargaleiro que aqui estão representados. Portanto, isso também é um aspeto de valorização deste território. Os museus, por outro lado, são eles fatores de desenvolvimento e cultura. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Em Viseu, as barreiras simbólicas de acesso ao museu e à arte contemporânea ainda se sentem de forma muito presente, pelo que se tem procurado trabalhar a mediação, a investigação e acesso simbólico às exposições e atividades.

Este é um problema. O outro problema tem a ver com o conteúdo expositivo da Quinta da Cruz, em que eu acho que ainda há muito trabalho a fazer no sentido de aproximar aquilo que é a arte contemporânea da comunidade em geral e da mediação que é necessário fazer para que a arte contemporânea não seja vista como uma coisa elitista só para a compreensão de alguns. Nós temos feito esse trabalho em termos do que propomos de conteúdo para a Quinta da Cruz. Mas, ainda assim, parece-me que a comunidade ainda não... (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Quando se fala de arte contemporânea as pessoas ainda não a validaram com o peso da história. Portanto, é importante que nós a defendamos porque é a expressão do nosso tempo, não é? É positiva para o desenvolvimento social de Viseu. É obrigatório. Nenhuma comunidade se desenvolve sem a cultura e as artes. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Por outro lado, é sempre bom conseguirmos que estes trabalhos depois sejam alvo de estudo para possíveis exposições que, por norma, acabam sempre por terem esse destino, essa finalidade de serem expostos. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

4. 3 Dimensão de Análise – Desenvolvimento Social

4.3.1 Impacto do Museu no Desenvolvimento Social Laboral

Com base no que as grandes organizações mundiais e governamentais afirmam ser o desenvolvimento social, ou seja, que depende da economia, do emprego, da educação, da inclusão social, entre outros, vemos como os museus de Castelo Branco e Viseu têm impactado de formas semelhantes. Foram destacadas pelos entrevistados quatro pontos em particular: a empregabilidade, economia circular, a educação e a inclusão social.

1. Empregabilidade e economia circular:

A primeira, que é aquela mais básica, mais elementar, e também fundamental, que é o facto do Museu Cargaleiro ser um espaço, não sei se podemos dizer empresarial, ou seja, naquele espaço que trabalham pessoas. Não são muitas, mas ainda assim são um conjunto de postos de trabalho que existem porque existe o Museu Cargaleiro. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Também são impactos sociais. Porque muitas das pessoas que vêm visitar o museu tomam um pequeno-almoço em Castelo Branco, fazem conversas, seja no museu, seja noutros espaços da cidade, dormem em Castelo Branco e, portanto, de forma indireta, isso tem impacto na vida económica e na vida social, através da geração de empregos diretos, mas também através da promoção de atividades comerciais ou outras no Centro Castelo Branco. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Na igualdade de género, o maior número de trabalhadores no museu são do sexo feminino. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

E o Museu teve o objetivo, também, de recentrar a cidade e recentrar aquilo que são os locais de atratividade da cidade. Ora, isto também promove oportunidades sociais, porque também aqueles que não têm habitação ou que têm pequenas atividades, sejam elas artesanais, temos um artesão que continua a trabalhar a madeira, a fazer pequenos trabalhos de mercenaria, mas também outras atividades. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

A equipa da Quinta da Cruz, se me diz assim, laboralmente, quantas pessoas é que trabalham na Quinta da Cruz? Não é um impacto significativo. São para aí seis ou sete pessoas, se contarmos com os jardineiros e com os seguranças, etc. Mas a criação de postos de trabalho ou de condições laborais paralelas, acho que é muito expressiva. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Os recursos humanos afetos à Quinta da Cruz são recursos humanos com ligação direta ao município e, portanto, a questão da seleção de recursos humanos para o espaço Quinta da Cruz é sempre através dos recursos humanos do município, do departamento, neste caso do município. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

2. Educação:

Sim, há algum elemento que promove o desenvolvimento social, pelas razões que já lhe disse, porque as pessoas visitam, porque as pessoas apreciam a arte, porque a partir da visita a estas exposições, são educadas nesse sentido, e porque cada uma das exposições é visitada pelas diferentes pessoas, ou por muitas das pessoas que, em outras ocasiões, já tinham visitado o Museu. Disser também que o local onde está o Museu

se constitui, aproveitando também aquilo que é a própria construção, como um pequeno anfiteatro, que muitas vezes é usado para além daquilo que é o espaço museológico em si, é utilizado através da globalização do espaço exterior e a partir do anfiteatro, para recitas, sejam elas de poesia, sejam de outro tipo artístico, seja para a realização de concertos, mas sempre numa interligação, numa relação muito próxima com o Museu, com as exposições que existem no Museu, e também às vezes com convidados, sejam eles nacionais, sejam internacionais, que visitam o Museu e que fazem conferências, fazem debates e fazem também uma presença e fazem acontecer uma vida social, que sem a existência do Museu naquele local e sem a existência dessa obra não existiria. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Contribui de forma direta ou contribui porque cada vez que se visita uma exposição no museu existe a possibilidade de fazer visitas guiadas, portanto, cada uma das pessoas que acompanha a visita ou que promove a visita acaba também por ser um agente de divulgação cultural e depois também de formação pública e de valorização do conhecimento deles. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Depende daquilo a que nós acreditamos, basicamente. Eu sou daquelas que acredito que a educação e a cultura são as ferramentas de mudança do mundo. Não tenho muitas dúvidas. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

E por isso eu acho mesmo que os museus municipais podem mudar a educação, a maneira como uma comunidade também se identifica. Para além de que também acho outra coisa. Acho que bem trabalhados podem ser motivos de orgulho de uma comunidade. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

3. Inclusão social:

Em termos daquilo que é a empregabilidade, que eu me recordo, não contribuiu para a inclusão social. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Grande procura, e acredito que seja mesmo pelo espaço que é, há uma procura por parte da APBDA, da APCV, da AvisPT21, que são todas elas entidades que têm pessoas para integrar na sociedade por diversos motivos e que a Quinta da Cruz é um dos espaços que mais recebe esse tipo de pessoas que são propostos por essas instituições, e tem resultado muito bem, tem resultado muito bem, tem corrido muito bem. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Outras colaborações é que a Quinta da Cruz tem com outros equipamentos culturais e sociais tem muitos primeiro temos uma parceria com a AVIS-PT 21 e vamos ter outras parcerias com outras instituições em que recebemos funcionários com deficiência com algum tipo de isto para nós é importantíssimo porque estamos nesta luta de transformar todos os espaços municipais inclusive e, portanto, é muito importante para nós que aliás temos uma história linda que é um miúdo que é um homem feito que tem uma doença mental começou a trabalhar na Quinta da Cruz como receção, portanto recebeu o público e tal, sempre impecável e depois ele mostrou-nos os desenhos dele que ele escreve e pinta e organizou uma exposição que esteve na Quinta da Cruz numa sala pequenina claro que é sala do forno e eu acho que foi o dia mais feliz da vida daquele homem. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Isto é um exemplo bastante atual que temos na Quinta da Cruz, obviamente que já passaram muitos outros, desde mais novos a mais velhos, integramos inclusivamente questões daqueles programas ligados ao IFP, que depois canalizam os estagiários, que são aquelas pessoas que

já estão numa idade, que já não têm, se calhar, grandes chances no mercado de trabalho. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

4.3.2 Impacto do Museu no Desenvolvimento Social Integrado

Tendo em conta as novas correntes filosóficas que refletem sobre o desenvolvimento social mais centrado no ser humano, em valores e liberdades e sendo o museu uma ferramenta tão versátil para promover o desenvolvimento, as perceções dos seus dirigentes e responsáveis são sempre otimistas no que diz respeito ao seu impacto no desenvolvimento social “integrado”. Acreditam que o museu e a cultura podem ser ferramentas indispensáveis quando se entende o desenvolvimento social segundo estes novos paradigmas filosóficos.

Se não fosse assim os museus não tinham sentido. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

O artista é sempre alguém que tem muitos olhares sobre o mundo e que tem sempre muitas experiências, porque atrás de uma verdade há sempre um grande conhecimento do mundo, daquilo que rodeia o artista e daquilo que é a sua inspiração, se é assim que podemos dizer, porque temos a criatividade, mas a obra de arte não reflete apenas a criatividade, reflete também uma formação e um conteúdo cultural que o artista reflete nessa obra de arte e cada vez que nós visitamos um museu e neste caso concreto um museu de Manuel Cargaleiro, também temos a oportunidade de ver, de refletir na obra de comer aquilo que é a sua formação, a sua forma de olhar o mundo, de olhar outras culturas, outras crenças e também outras formas de pensar, por isso um museu é sempre, seja um museu de Manuel Cargaleiro, sejam outros museus, são sempre bons instrumentos de promoção da tolerância e também de olhar o mundo de outras formas, isso é inquestionável. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

A todos os museus, a todos os espaços, julgo que são espaços para podermos trabalhar todos esses conceitos. E tem sido feito? Tem sido feito. Tem-se tentado que isso seja feito. Às vezes já há uma reticência, não quer dizer que seja por parte, por exemplo, da administração, até porque nós neste momento temos uma vereadora que está ligada às artes, é vereadora da cultura, e que é muito maleável e deixa-nos acolher projetos que possamos ter alguma dessas vertentes nos espaços. E na Quinta da Cruz todos eles são enquadrados, portanto... (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Acho que todas as atividades culturais trabalham, não isso tudo ao mesmo tempo, mas podem ser mecanismos para trabalhar isso tudo. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Acho que a função das obras de arte é sempre, o Aristóteles tinha uma coisa muito interessante que falava do espanto como condição para a filosofia. E eu acho que as obras de arte têm sempre essa função de criar de alguma forma um mecanismo ou de espanto ou de mudança interior. E, portanto, a discussão, quando tu discutes qualquer coisa, tu saís do teu sítio para te colocares num outro sítio qualquer. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Para além de reconhecerem o valor o museu como uma ferramenta, os dirigentes evidenciam a sua opinião sobre como o museu de que são responsáveis tem trabalhado e promovido esta nova forma de desenvolver e como o poderiam fazer melhor.

Depois temos as questões temáticas e o facto de algumas das atividades do museu, sejam elas direcionadas para os mais jovens, sejam direcionadas para os adultos, estarem assentes num tema, e o Cargaleiro também trabalhou temas, como os grandes artistas. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

O Museu faz parte de uma comunidade. Nós não podemos ver nunca um território com peças separadas e desagregadas. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Eu acho que é fácil falar isso da Quinta da Cruz, porque quando nós falamos que a Quinta da Cruz recebe muitas exposições no âmbito da arte contemporânea, todas elas nos levam a uma reflexão, de uma maneira ou de outra, não é? E o facto de refletirmos sobre aquilo que estamos a ver, eu posso refletir de uma maneira e tu refletires de outra. Por isso é que eu digo que às vezes já há pessoas que não se enquadram na arte contemporânea, não é? Eu acho que é um bocadinho por aí, ou seja, nós conseguimos ter uma reflexão abrangente da vida, dos vários aspetos da nossa vida. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Este sim é um bocadinho com reticências, não é? Porque lá está. Tem tudo a ver com as políticas que queiram incriminar a sociedade. E portanto, isto vai depender muito desse especto, e depende sempre muito desse aspeto, quer desse museu, quer desse espaço, quer dos outros. Portanto, do meu ponto de vista sim, é perfeitamente possível. Basta que nos deem essas indicações, ou que nos deem esses oks para o fazer. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Se calhar podíamos usar o espaço, às vezes temos um bocadinho de medo de abrir as portas a mais gente para não sobrecarregar o espaço (...) Julgo que nós poderíamos sair dessa zona de conforto e abrir mais os portões para que houvesse ainda mais entrega à sociedade, ao território. Julgo que seria um bocadinho por aí. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

E o sentimento de pertença é muito importante. Tremendamente importante. Sim. Quando há sentimento de pertença, as pessoas apropriam-se. Sim. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Acho que isto tem a ver com a qualidade de vida que tu ofereces e a qualidade de vida, nós estávamos a falar há bocado, muitas coisas, mas a qualidade do espaço público e a qualidade dos espaços municipais são fundamentais (...) tens a Quinta da Cruz e tudo isto são equipamentos municipais que permitem duas coisas, ligação direta com a natureza, e nós sabemos que uma das condições da felicidade é respirar o verde, não é possível, tens que ir às origens, há muitos, posso divagar aqui de várias outras sobre isto, mas também a relação com a cultura e com as artes, e a Quinta da Cruz promove isso. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

4.3.3 Relação Institucional

Ambos museus se encontram afetos às Câmaras Municipais da sua cidade, pelo que a sua relação institucional influencia exposições, diretrizes, posicionamentos, discursos, atividades, espaços, equipa de trabalhadores, entre outros. O Museu Cargaleiro para além das decisões do poder político, conta com uma grande influencia de Manuel Cargaleiro nas decisões.

A Câmara Municipal desde o início foi grande responsável pela presença do museu. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

(...) a programação cultural e expositiva é feita pela equipa que trabalha no Museu. Não existe um diretor do Museu, essa figura ainda não foi considerada, mas existe uma equipa constituída por trabalhadores que estão afetos à Câmara Municipal e num protocolo de desenvolvimento da sua atividade, à Câmara Municipal é uma empresa, neste caso é uma empresa municipal que é o IBGEC, através de um protocolo de desenvolvimento da sua atividade no Museu e é entre esses técnicos que são também pessoas com formação ligada à arte, o Conselho de Administração, mas sempre com concordância e muitas vezes com a

iniciativa do Mestre Cargaleiro que são definidas as exposições e também as intervenções que se fazem no Museu. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

(...) não há nenhuma atividade que se desenvolva no Museu da qual ele (Manuel Cargaleiro) não tenha conhecimento, ele é sempre informado e as exposições, quando nós temos uma exposição permanente, depois são feitas exposições temporárias a partir, portanto, do muito acervo que existe e cada uma das exposições conta com a sua opinião, com a sua participação e também com a sua validação. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Não havendo, como não há em nenhum museu municipal, um diretor específico da Quinta da Cruz. Portanto, há umas linhas de orientação do Poder Político para os técnicos e, depois, essas linhas são desenvolvidas. Nós, em termos políticos, e eu agora mais particularmente, defini que a Quinta da Cruz está mais relacionada com aquilo que são as manifestações de arte contemporânea e de artes visuais contemporâneas. Portanto, vai muito àquilo que nós definimos como a pós-modernidade ou a contemporaneidade, vai muito à questão das artes visuais, das artes performativas que, de alguma maneira, exijam ou possam ser representadas em lugares não convencionais e trabalham muito sobre os conteúdos que são os conteúdos da arte contemporânea, do significado, do sentido, da própria representação. Portanto, é isto que está na Quinta da Cruz. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Isso tem a ver, primeiro, tem a ver com o que é que a administração do município, o que é que a administração pretende para o espaço, nomeadamente dentro daquilo que são os quatro anos de vigência, digamos que de um mandato. E dentro daqueles quatro anos nós recebemos as instruções para, não só a Quinta da Cruz como os outros espaços, o que é que se pretende fazer durante aquele tempo. A partir daí

nós temos de ter sempre em conta a questão financeira, que é sempre muito importante. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

Sobre o envolvimento da cultura e dos museus nas políticas de desenvolvimento social das cidades, foi particularmente interessante o retorno que houve de Castelo Branco uma vez que a entrevista criou a necessidade de ativa e conscientemente, envolver a cultura. A cidade de Viseu apresentou alguns exemplos de atividades para o desenvolvimento social que o município promove na Quinta da Cruz.

Talvez pudesse fazer de uma forma mais consistente e mais continuada. Acredito que sim. Ou seja, não existe nenhum programa, existe nenhuma estratégia muito adjacente. Ou seja, nós vamos utilizar o museu como um fator de promoção social, de oportunidades sociais. Acredito que se possa valorizar mais o que é feito. Se calhar não é feito de forma, às vezes, muito planeada, é mais feito, ou pelo menos estrutural, não é feito de forma estrutural, é feito de forma mais conjuntural e mais pontual. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

(...) a obra do Manuel Cargaleiro e a presença aqui. E alguns dos materiais de divulgação do município utilizam temas, que são temas inspirados na obra do Manuel Cargaleiro. Existe, não é uma apropriação, é uma complementaridade entre aquilo que é o Museu e aquilo que é a Câmara, porque vamos lá ver, se nós não usámos em termos de promoção do território e em termos de valorização do território aquilo que o define. (Presidente da Câmara de Castelo Branco)

Serve-se, porque utilizam os espaços, a Quinta da Cruz, para a promoção de uma série de eventos. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

(...) serve em várias maneiras. Serve, como esta que contei há bocado, das férias. Que é claramente uma política social. É uma política de apoio às

famílias. Portanto, utilizamos estes mecanismos para isso. (Vereadora da Cultura, Turismo e Ação Social de Viseu)

Questão das hortas comunitárias que falei há pouco. E que o município, porque neste caso é o município que faz essa gestão, e não o espaço Quinta da Cruz Museu, que faz essa gestão das hortas comunitárias, mas está ligado automaticamente à Quinta da Cruz, não é? Portanto, julgo que aí temos essa política implementada. (Responsável pelos Museus Municipais da Viseu)

4.4 Reflexão sobre a Análise de Conteúdo

Após a análise de conteúdo, leitura e reflexão do mesmo é possível inferir que um dos grandes fatores que diferencia o impacto de cada museu na sua comunidade, segundo as percepções dos entrevistados, é o valor da arte. Esta questão condiciona e / ou molda a natureza do museu e as posturas dos mesmos.

O Museu Cargaleiro, em Castelo Branco, apoia e assenta-se essencialmente no valor das suas coleções e no reconhecimento dos nomes que têm expostos, podendo condicionar, por exemplo, a relação com a comunidade artística local, que se considerou fundamental para o desenvolvimento social da comunidade, assim como, as temáticas das exposições, também cruciais para que museu possa criar discursos e atividades que promovam o desenvolvimento.

Não obstante, o Museu Cargaleiro impactou sobretudo o seu entorno urbano, criou postos de trabalho direta e indiretamente, desenvolveu a economia circular local, promoveu o turismo em Castelo Branco e ajudou na reabilitação do centro histórico. Mas também impactou e promoveu a educação artística das escolas e da comunidade, o que resultou no reconhecimento do valor artístico do museu e das coleções por parte da população, influenciando na autoestima dos albicastrenses e criando sentimentos de orgulho e pertença face ao museu.

Ou seja, tendo em conta o que foi partilhado na entrevista, o Museu Cargaleiro impactou e tem impactado de forma positiva no desenvolvimento social a sua comunidade e cidade, tanto no desenvolvimento social “laboral”, como no “integrado”. Pensa-se que para o museu poder contribuir de forma mais ativa para o desenvolvimento social “integrado”, seria importante que se integrasse o Museu Cargaleiro e outros equipamentos culturais nas políticas de desenvolvimento social de Castelo Branco e que abrisse as suas portas para a comunidade artística local, trabalhando mais proximamente com ela.

Relativamente à Quinta da Cruz, é uma instituição que se assume, neste mandato, como um espaço que cria primeiros contactos e respostas, mas que sobretudo, abra portas. Menos centrado nas suas coleções e no valor da arte, uma vez que ao contrário de Castelo Branco, não têm nas suas coleções obras e artistas mais reconhecidos pela comunidade da arte.

Assim, a Quinta da Cruz, debruça-se sobre a comunidade, integrando diferentes setores da mesma através das suas instalações e promovendo, sobretudo, o desenvolvimento social “integrado”. Como por exemplo, a iniciativa das hortas comunitárias; a integração da Associação de Professores Artistas e a sua proximidade com a programação do museu; a receção de pessoas portadoras de deficiências em postos de trabalho; a promoção de residências artísticas; espaços para que os artistas locais exponham, expressem e promovam; assim como o trabalho dos serviços educativos. Para além disso, impactou também nos empregos de forma direta e indireta, promove uma educação integrada nas artes e na natureza e combate a exclusão social.

Pareceu evidente durante a entrevista que o grande desafio que o centro de arte contemporânea de Viseu enfrenta é a sua localização. O facto de estar ligeiramente afastado do centro torna-se difícil que a comunidade visite e inclusive conheça o museu. Neste sentido, desenvolver propostas que dissolvam barreiras e promovam a Quinta da Cruz seriam cruciais para um maior impacto no desenvolvimento social de Viseu.

Em suma, é possível dizer-se que, segundo as perceções dos responsáveis e dirigentes dos museus, o Museu Cargaleiro e a Quinta da Cruz promovem o desenvolvimento social nas suas cidades. Tanto o desenvolvimento social compreendido pelas grandes organizações mundiais e governamentais, o “laboral”, como o das novas correntes filosóficas e sociológicas, o “integrado”. Para além disso reconhecem valor e capacidade na instituição museológica para transformar entornos e promover o desenvolvimento social.

É importante referir que ambos museus trabalham atendendo a sua realidade política, social e geográfica, estando conscientes das suas limitações e vantagens.

Considerações Finais

Sendo o museu um instrumento potencialmente transformador da sociedade e reconhecendo inúmeros exemplos de museus de arte contemporânea com esse papel, pareceu pertinente estudar a realidade do interior e dos seus museus de arte contemporânea. Tendo o interior de Portugal regiões que vivem assimetrias com as cidades do litoral, compreender como os museus de arte contemporânea têm impactado no desenvolvimento social das suas cidades e regiões, era um tema demasiado tentador para não ser estudado, uma vez que permitiu aprofundar temas como o porquê da escolha dos museus de arte contemporânea, os diferentes conceitos de desenvolvimento e aplicá-lo à realidade portuguesa.

Ao longo da dissertação foram discutidas diferentes questões que se consideravam importantes para poder refletir o museu de arte contemporânea e o impacto no desenvolvimento social da sua cidade. Debateu-se, por exemplo, sobre o valor e o impacto do museu e da arte, a democracia cultural, o papel do artista como agente de mudança, atividades e propostas que os museus podem desenvolver para promover o desenvolvimento, entre outros. Para além disso, apresentou-se o conceito de desenvolvimento social, a evolução do mesmo e as diferentes formas de o compreender neste momento. Estas duas dimensões orientaram toda a investigação realizada, desde o tipo de dados estudados até à construção do guião de entrevistas e análise das mesmas. Em cada capítulo, foram problematizados e refletidos os diferentes temas expostos, o que levou a uma progressiva e mais complexa análise de conceitos que moldaram a dissertação.

Entre os desafios enfrentados ao longo deste estudo está a operacionalização dos diferentes conceitos de desenvolvimento. Inicialmente pensou-se escrever sobre o impacto no desenvolvimento humano das cidades. No entanto, acreditou-se que obter dados e informações sobre o impacto de museus do interior, no desenvolvimento humano seria quase impossível dado o curto espaço de tempo definido pelo calendário académico. Assim, a pesquisa debruçou-se sobre o desenvolvimento social, mas à medida

que mais se aprofundava sobre o assunto, mais textos se lia e mais se refletia, houve uma profunda frustração e desapontamento com o conceito. O desenvolvimento social, estava na verdade preso ao mundo laboral, a taxas de empregabilidade, à economia do país e à produção, e não à sua verdadeira designação e suposta preocupação, o “social”.

Sentiu-se a necessidade de procurar conceitos e definições mais humanas, autores que refletissem sobre um desenvolvimento social centrado noutras questões. Não obstante, ambos conceitos são apresentados e refletidos ao longo desta dissertação.

Assim, as considerações finais desta dissertação centram-se em duas questões: 1) os museus de arte contemporânea na Beira Interior enquanto promotor do desenvolvimento social nas suas localidades e 2) questões relevantes para que os Museus de Arte contemporânea do interior possam ser verdadeiros promotores do impacto no desenvolvimento social.

A primeira questão está subdividida em desenvolvimento social “laboral” e desenvolvimento social “integrado”. Sobre o desenvolvimento social “laboral”, o museu devido à própria natureza da instituição, vai sempre promove-lo, de forma mais ou menos expressiva na sua cidade. É possível afirmar isto, uma vez que em ambos casos de estudo a abertura do museu de arte contemporânea criou postos de trabalho direta e indiretamente, impactou na economia local e circular, promoveu o turismo na cidade. No caso de Castelo Branco impactou nas dinâmicas urbanas e na regeneração do centro histórico; em Viseu, têm combatido a exclusão social de forma ativa.

No que diz respeito ao desenvolvimento social “integrado”, considera-se, através dos casos de estudo e da revisão bibliográfica, que os museus de arte contemporânea da Beira Interior reconhecem o museu e a arte como ferramentas para o trabalhar. Os dirigentes referem que o artista e as suas obras são um caminho para refletir questões mais profundas do desenvolvimento. Dizem também que as exposições e atividades programadas pelos museus têm em consideração temas relacionados com a cidadania, a justiça, a liberdade, os direitos, a tolerância, a democracia, a espiritualidade, entre outros. Não obstante, apesar de estarem conscientes do potencial do museu, Castelo

Branco considera que seria benéfico incluir de forma mais consciente o Museu Cargaleiro e outros equipamentos culturais nas suas políticas de desenvolvimento social e Viseu, afirma que “perder medo” e abrir-se para a comunidade seria crucial para impactar de forma mais notória no desenvolvimento social.

Em relação à segunda questão, as narrativas dos entrevistados colocaram em evidência, que a eficácia transformadora destes equipamentos, em muito depende de:

- 1) A localização do museu: uma vez que esta pode beneficiar ou dificultar as suas dinâmicas. Acredita-se que promover o local do museu e criar iniciativas que atraiam os habitantes é crucial;
- 2) A criação de pontos de encontro entre a comunidade e as obras expostas: para que a mesma reconheça a arte contemporânea e o museu como espaços significativos da cidade;
- 3) A integração dos equipamentos culturais nas políticas sociais e de desenvolvimento do município: definindo coerentemente, objetivos, públicos-alvo e linhas de ação;
- 4) A promoção de laços com entidades educativas e de carácter social das cidades: de forma a promover a educação e a inclusão social;
- 5) A proximidade com a comunidade artística local: se os artistas têm espaços para produzir, refletir e criar dentro das cidades, e que este possa ser o museu, acredita-se que valorizaria profundamente as exposições, o sentimento de pertença e adoção da instituição por parte dos locais, as narrativas e as dinâmicas internas do museu.
- 6) A identificação e conhecimento da comunidade: fragilidades, as suas realidades, relação com o museu e os seus interesses.

Apesar de se pensar o desenvolvimento social ainda preso ao aporte económico e integração laboral, construir objetivos de educação, saúde, direitos laborais, igualdade de género, inclusão social, acesso a cuidados, serviços, assistência, oportunidades, proteção social, tecnologias, são passos que quando alcançados, nos leva a discutir o desenvolvimento social de formas mais profundas, ou seja, o desenvolvimento social “integrado”. Não obstante, mudar o foco deste conceito e realmente centrar e

dimensionar o “social” em discussões, encontros e publicações é crucial para que se possa desenvolver.

Referências Bibliográficas

- Aïdar, G. (2002). Museus e Inclusão Social. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Nº31. Pág. 53-62.
- Alexander, E. e Alexander, M. (2008). Museums in Motion: An Introduction to the History and Functions of Museums. AltaMira Press. ISBN: 978-0-7591-0509-6
- Amaro, R. R. (2009). Desenvolvimento Local. In. Hespanha, P. et al. (Eds.) Dicionário Internacional da Outra Economia. Edições Almedina.
- Araújo, M. M. e Bruno, M. C. O. (1995). A memória do Pensamento Museológico Contemporâneo: documento e depoimentos. Comitê Brasileiro do ICOM. Disponível em: <http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2020/05/declaracao-de-quebec-1984-por.pdf>
- Arruda, L. (2000). Entradas para um Dicionário de Arte Portuguesa do século XX. Universidade de Lisboa.
- Batalla, J. (2023). Andrea Fraser: la performance como cuestionamiento del cânon. El Ojo del Arte. Consultado a 06 de fevereiro de 2024 Disponível em: <https://elojodelarte.com/tendencias/andrea-fraser-la-performance-como-cuestionamiento-del-canon>
- Bishop, C. (2006). *The Social Turn: Collaboration and Its Discontents*. Art Forum. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.artforum.com/features/the-social-turn-collaboration-and-its-discontents-173361/>
- Câmara Municipal de Castelo Branco. (s.a). *Caracterização*. Câmara Municipal de Castelo Branco. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.cm-castelobranco.pt/investcb/territorio-dinamico-e-inovador/caracterizacao/>
- Comissão das Comunidades Europeias. (1994). Prioridades da União Europeia na Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social. Serviço das Publicações das Comunidades Europeias. ISBN: 92-77-84527-9.
- Comissão Europeia (s.a). Ficha Informativa Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social: Copenhaga, 6 a 12 de março de 1995. Comissão

- Europeia. Disponível em:
- https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/pt/MEMO_95_7
- Comunidade Económica Europeia. (1975). Tratado de Roma (CEE). Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/FR/TXT/PDF/?uri=CELEX:11957E/TXT>
 - Conselho da Europa. (1996). Carta Social Europeia Revista. Disponível em: <https://www.ministeriopublico.pt/instrumento/carta-social-europeia-revista-20>
 - Conselho das Comunidades Europeias. (1974/12/02). Resolução do Conselho de 21 de Janeiro de 1974 Relativa a um Programa de Ação Social. Jornal Oficial das Comunidades Europeias. Disponível em: [https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:31974Y0212\(01\)&from=FR](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:31974Y0212(01)&from=FR)
 - Cultivar. (2024). Demografia. Cultivar. Consultado a 06 de maio de 2024. Disponível em: https://icultivar.pt/plataforma/characterization_of_the_territory/socio_demographic_context/demographic
 - Cultura Portugal. (2021, maio 10). Carta do Porto Santo. Consultado a 04 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2021/05/carta-do-porto-santo/>
 - Declaratoria de Oaxtepec. (1984). Ecomuseus Territorio – Patrionio – Comunidad. Ibermuseum. Consultado a 04 de janeiro de 2024. Disponível em: <http://www.iber museos.org/pt/recursos/documentos/declaratoria-de-oaxtepec-1984/>
 - Departamento Prospetiva e Planeamento. (2006). Evolução das Assimetrias Regionais. *Prospetiva e Planeamento*. Nº13.
 - Dewdney, A. et al. (2013). Tate Encounters: Britishness and visual cultures, the transcultural audience. In Dewdnwy, A. et al. (Eds.) Post Critical Museology: Theory and Practice in the Art Museum. Routledge
 - Dias, N. (2023). Mediar o Serviço Educativo em Museus: Formação, Educação e Democratização Cultural. (Relatório de Estágio do Mestrado). Universidade de Coimbra.

- Díaz, J. (2019). Práticas Educativas no Museu de Arte do Rio. Universidade do Vale do Taquari, 15(2).
- Eurocid. Europa Social: Principais Marcos e Iniciativas. Consultado a 17 de Dezembro de 2023.
Disponível em: <https://eurocid.mne.gov.pt/cronologias/europa-social-principais-marcos-e-iniciativas>
- Ferreira, F. I. e Caramelo, J. (2015). Contributos para Pensar a Relação Entre Educação e Desenvolvimento no Mundo Rural. In. Ferreira, F. I et al. (Eds.) Educação, Desenvolvimento e Ação Local Comunitária. Cadernos ICE.
- Findlay, M. (2012). The Value of Art. Prestel. ISBN 978-3-641-08342-7
- Franchette, S. et al. (1974). Social Indicators: Problems of Definition and of Selection”. Reports and Papers in the Social Sciences, vol. 30. Consultado a 20 de outubro de 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000012349>
- Fundação Cargaleiro. *Exposições*. Fundação Cargaleiro. Fundação Cargaleiro. Consultado a 04 de Julho de 2024. Disponível em: <http://www.fundacaomanuelcargaleiro.pt/exposicoes.aspx>
- Fundação Cargaleiro. *Museu*. Fundação Cargaleiro. Fundação Cargaleiro. Consultado a 04 de Julho de 2024. Disponível em: <http://www.fundacaomanuelcargaleiro.pt/museu.aspx>
- Gomes, M. e Cunha, M. (2013). O museu como agente de transformação – a inclusão cultural. Cadernos de Sociomuseologia, vol.45.
- Graham, J. Graziano, V. e Kelly, S. (2016). The Educational Turn in Art: Rewriting the Hidden Curriculum. *Performance Research “On Radical Education”*. Vol 21(nº6). P. 29-35
- Gustafsson, C. e Ijla, A. (2016). Museums: An Incubator for Sustainable Social Development and Environmental Protection. International Journal of Development and Sustainability, vol. 5 (nº9). Pág. 446-462.
- Heymann, L. (2023). 50 anos da Mesa-Redonda de Santiago de Chile (2072-2022) Novos Olhares sobre os Museus. Hucitec Editora. ISBN: 978-85-350-7

- Hosagrahar, J. (2017). Cultura: no coração dos ODS. (Eds.) *Correio da UNESCO Desafios 2030: uma agenda para todos*. UNESCO. Issn 2179-8818
- IBRAM & Programa Ibermuseus. (2012). Mesa-redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972 [Round table on the importance and development of museums in the contemporary world: Round Table of Santiago de Chile, 1972]. Consultado a 14 de novembro de 2023. Disponível em: <http://www.iber museos.org/wpcontent/uploads/2018/10/publicacion-mesa-redonda-vol-i-pt-es-en.pdf>
- International Council of Museums. (1971). Grenoble 1971 (Resolutions adopted by Icom's 10th general assembly). Consultado a 03 de novembro de 2023. Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/ICOMs-Resolutions_1971_Eng.pdf. Consultado a 20 de janeiro de 2024.
- International Council of Museums. (1972). The museum in the service of the man: today and tomorrow. The Museum's educations and cultural role: the papers from the Ninth General Conference of ICOM. ICOM.
- Johnston, D. e Carley, M. (1981). The Annals of the American Academy of Political and Social Science, America Enters the Eighties: Some Social Indicators Vol. 453. Consultado a 20 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1044439?read-now=1&seq=6>
- Jornal do Centro. (2023, 02 de novembro). Arquitetura na região Centro em exposição na Quinta da Cruz, em Viseu. *Jornal do Centro*. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://jornaldocentro.pt/noticias/agenda/arquitetura-na-regiao-centro-em-exposicao-na-quinta-da-cruz-em-viseu>
- Lázár, E. (2011). Educational Turn. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://tranzit.org/curatorialdictionary/index.php/dictionary/educational-turn/>
- MACBA. (2017). Welcome to the Wadsworth: A Museum Tour. Consultado a 06 de fevereiro de 2024. Consultado a 20 de março de 2024. Disponível em: <https://www.macba.cat/es/arte-arcstas/arcstas/fraser-andrea/welcome-wadsworth-museum-tour>

- Mako, V. et al. (2014). *Architecture and Ideology*. Cambridge Scholars Publishing.
- Mèrcher, L. (2013) *Museu de arte no Rio e Museu do Amanhã; Duas Ferramentas à Paradiplomacia Cultural do Rio de Janeiro*. In. Monteiro, R. H. e Rocha, C.
- Miranda, M. (2003, 06 de Junho). *Castelo Branco na expectativa da revolução do Polis. Público*. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.publico.pt/2003/07/06/jornal/castelo-branco-na-expectativa-da-revolucao-do-polis-203146>
- Monteiro, A. (2019). *Territórios do interior, Coesão Territorial e Modelos de Governança A Propósito do Programa Nacional para a Coesão Territorial. Sociologia On Line. Nº 19. P. 127-151*
- Moricochi, L. e Golçasves, J. S. (1994). *Teoria do Desenvolvimento Económico de Schumpeter: Uma Revisão Crítica. Informações Económicas, vol.24 (nº8)*.
- Moutinho, M. (1993). *Sobre o Conceito de Museologia Social. Cadernos de Museologia, No 1.*
- Moutinho, M. C. (2007). *Definição Evolutiva de Sociomuseologia Proposta para reflexão. Cadernos de Sociomuseologia. Atas do XII Atelier Internacional do MINOM/ Lisboa.*
- Município de Viseu. (2024, 11 de janeiro). *Exposição “Autorretratos entre Arte e Educação” chega este sábado à Quinta da Cruz, em Viseu. Município de Viseu*. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.cm-viseu.pt/pt/noticias/exposicao-autorretratos-entre-arte-e-educacao-chega-este-sabado-a-quinta-da-cruz-em-viseu/>
- Município de Viseu. (2022, 07 de novembro). *Exposição “Histórias de um lugar” regressa à Quinta da Cruz e reaviva memórias junta da comunidade. Município de Viseu*. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.cm-viseu.pt/pt/noticias/historias-de-um-lugar-regressa-a-quinta-da-cruz-e-reaviva-memorias-junto-da-comunidade/>
- Município de Viseu. (2022, maio). *Relatório de Diagnóstico do Município de Viseu*.
- Município de Viseu e Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social. (2021). *Viseu Integra Plano Municipal para a Integração de Migrantes*.

- Naciones Unidas. (1995). Informe de la Cumbre Mundial Sobre el Desarrollo Social (Copenhague, 6 a 12 de marzo de 1995). Naciones Unidas. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N95/116/54/PDF/N9511654.pdf?OpenElement>
- Naciones Unidas. (2015). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 53º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://social.desa.un.org/csocd/53rd-session-of-the-commission-for-social-development>
- Naciones Unidas. (2016). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 54º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N16/056/14/PDF/N1605614.pdf?OpenElement>
- Naciones Unidas. (2017). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 55º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://daccess-ods.un.org/tmp/8861860.03684998.html>
- Naciones Unidas. (2018). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 56º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://daccess-ods.un.org/tmp/8015981.91261292.html>
- Naciones Unidas. (2019). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 57º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://daccess-ods.un.org/access.nsf/Get?OpenAgent&DS=E/CN.5/2019/10&Lang=S>
- Naciones Unidas. (2020). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 58º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://social.desa.un.org/csocd/58th-session-of-the-commission-for-social-development-csocd58>
- Naciones Unidas. (2021). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 59º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro

- de 2023. Disponível em: <https://daccess-ods.un.org/tmp/3438209.29527283.html>
- Naciones Unidas. (2022). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 60º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://daccess-ods.un.org/tmp/4144.2085057497.html>
 - Naciones Unidas. (2023). Comisión del Desarrollo Social: Informe sobre el 61º período de sesiones. Naciones Unidas, New York. Consultado a 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N23/071/28/PDF/N2307128.pdf?OpenElement>
 - Notícias de Viseu. (2023, 23 de Março). “Musgo” instala-se na Quinta da Cruz em Viseu. *Notícias de Viseu*. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.noticiasdeviseu.com/musgo-instala-se-na-quinta-da-cruz-em-viseu/>
 - Núcleo da Rede Social e DIC. (2002). Plano de Desenvolvimento Social. Segurança Social. Consultado a 02 de novembro de 2023. Disponível em: https://www.seg-social.pt/documents/10152/13341/plano_desenvolvimento_social/bce793db-4a3e-425c-b5b5-eb3b3f7234e0
 - Nussbaum, M. (2011). *Creating Capabilities – The Human Development Approach*. The Belknap Press of Harvard University Press.
 - Parlamento Europeu, Conselho Europeu e Comissão Europeia. (2017). *Pilar Europeu dos Direitos Sociais*. Disponível em: https://commission.europa.eu/system/files/2017-12/social-summit-european-pillar-social-rights-booklet_pt.pdf
 - Pérez, A. (2022). *Educação e formação de adultos no contexto de um novo paradigma de habitação em Angola: a centralidade da Quibaúla*. (Dissertação de Doutoramento). Universidade do Porto
 - Plano Nacional das Artes – PNA et al. (2023). *Cultura e Desenvolvimento Local: Maximizar o Impacto – Um Guia para Administração Local, Comunidades e Museus*. PNA e ICOM Portugal
 - Plaza, B. (2022, 03/11). El efecto Guggenheim Bilbao desde la perspectiva de la economía digital y el fenómeno de Internet. *Campus Noticias de la Universidad*

- del País Vasco. Consultado a 20 de dezembro de 2023. Disponível em:
<https://www.ehu.eus/es/-/el-efecto-guggenheim-bilbao-1>
- Pordata. Conheça o seu Município. *Pordata*. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.pordata.pt/municipios>
 - Pordata. População estrangeira residente com estatuto legal de residente: total e por sexo. *Pordata*. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.pordata.pt/municipios/populacao+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+sexo-99>
 - Pordata. Censos 2021 por município: evolução 1960-2021. *Pordata*. Consultado a 04 de julho de 2024, Viseu. Disponível em: <https://www.pordata.pt/censos/quadro-resumo-municipios-e-regioes/viseu-1242>
 - Pordata. Censos 2021 por município: evolução 1960-2021. *Pordata*. Consultado a 04 de julho de 2024, Castelo Branco. Disponível em: <https://www.pordata.pt/censos/quadro-resumo-municipios-e-regioes/castelo+branco-1245>
 - Quinta da Cruz. (s.a). Quinta da Cruz. *Quinta da Cruz*. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: https://quintadacruz.mailart.pt/Quinta_da_Cruz
 - Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco. (2023). *Plano de Desenvolvimento Social/ Sustentável Castelo Branco 2023-2025*. Câmara Municipal de Castelo Branco.
 - Rede Social do Concelho de Castelo Branco, CLAS e Serviço de Ação Social do Município de Castelo Branco. (2022). *Diagnóstico Social Castelo Branco 2022*. Câmara Municipal Castelo Branco.
 - Rodrigues, E. V. (2010). O Estado e as Políticas Sociais em Portugal: discussão teórica e empírica em torno do Rendimento Social de Inserção. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, vol. XX.
 - Roque, A. (2017). *Reabilitação de Edifícios Históricos Solar Pessoa-Amorim, em Castelo Branco*. (Dissertação de mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

- Sant'Anna, S. P. (2013) Museus e cidade: o caso do MAR na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio do Janeiro (Eds.) Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia-GO: FAV. Comparativa. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura, vol. 2 nº 1. pp. 98-120
- Sen, A. (1999). Development as Freedom. Oxford University Press
- Sen, A. (2009). The Idea of Justice. Belknap Press of Harvard University Press. ISBN: 978-0-674-03613-0
- Scott, C. (2003). Museums and Impact. Curator: The Museum Journal, vol. 46 (nº3).
- Scott, C. (2007). Advocating the value of Museums. INTERCOM/ICOM.
- Scott, C. (2007). What Difference do Museums Make? Using values in sector branding. MPR-ICOM.
- Scott, C. (2009). Exploring the evidence of base for museum value. Museum Management and Curatorship, vol. 24(nº3). DOI: 10.1080/09647770903072823
- Sendall, R. (2003). Social Inclusion, the Museums and the Dynamics of Sectoral Change. Museum and Society, vol 1 (nº1).
- Sendall, R. (2003) Museums and the Combating of Social Inequality: roles, responsibilities, resistance. In Sandell R. (Eds) Museums, Society, Inequality. Routledge.
- Silva Guimarães, L. (2019). «Isso vai transformar o Rio» reflexões sobre o processo de criação do Museu de Arte do Rio—MAR. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Sousa, A. (1969). O Desenvolvimento Económico e Social Português: Reflexão Crítica. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Pág. 393-419. Disponível em:
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224254115V6pBF6gt4Uc68QO6.pdf>
- Souza, A. G. (2015) Museu do Rio - MAR Reflexões sobre museu, arte e contemporânea e cidade. Universidade Federal do Espírito Santo.
- Tate. (s.a). Art Term Social Turn. Tate. Consultado a 04 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/social-turn>

- Teixeira Lopes, J. (2007). Da Democratização à Democracia Cultural: Uma Reflexão sobre Políticas Culturais e Espaço Público. Profedições. ISBN: 978-972-8562-40-3
- Thompson, K. (20/04/2023). Social Indicators of Development. Revise Sociology. Consultado a 18 de Outubro de 2023. Disponível em: https://revisesociology.com/2017/08/18/social-indicators-of-development/#comments?utm_content=cmp-true
- Tojal, A. (2007). Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus. (Dissertação de Doutoramento). Universidade de São Paulo.
- União Europeia. (2003/14/11). Conclusões da Cimeira Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável: Resolução do Parlamento Europeu sobre os resultados da Cimeira Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável (CMDs) em Joanesburgo. Jornal Oficial a União Europeia. Pág. 286-289. Disponível em: https://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:1de782fe-6d52-42ce-9c5a-1b6892d4a929.0010.01/DOC_50&format=PDF
- União Europeia. (2021). Plano de Ação sobre o Pilar Europeu dos Direitos Sociais. Serviço das Publicações da União Europeia. DOI: 10.2767/727523. Disponível em: <https://op.europa.eu/webpub/empl/european-pillar-of-social-rights/pt/index.html#about>

Apêndices

Apêndice I – Quadro de levantamento de museus e centros de arte contemporânea no interior de Portugal

Instituição	Critérios de Seleção					
	Coleção de Arte Contemporânea	Pertencer a rede	Interior de Portugal	Missão/ objetivos com caráter social	Museu	Centro de Arte Contemporânea
Fundação Nadir Afonso						
Museu Graça Morais						
Museu de Arte Contemporânea de Elvas						
Centro de Arte e Cultura de Évora						
Quinta da Cruz						
Bienal de Cerveira						
VNBM Arte Contemporânea						
Museu Cargaleiro						
Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco						
Pó de Vir a Ser						
Casa das Artes de Beja - Museu Jorge Vieira						
Centro de Arqueologia e Artes de Beja						

Título			
Entrevistas mestrado – vereadores/ agentes políticos e responsáveis pelos museus			
Objetivo Geral:			
☐ Perceber de que forma os museus de arte contemporânea impactam a comunidade, qual o seu impacto; ☐ Compreender a percepção de impacto que os museus de arte contemporânea têm no desenvolvimento social da comunidade			
Designação dos Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
Bloco introdutório ☐ Legitimação e esclarecimentos sobre a importância do contributo do entrevistado.	Legitimar/explicar a motivação da entrevista e simultaneamente motivar o/a entrevistado(a) sobre a importância do seu contributo.	☐ Informar o/a entrevistado(a) sobre as linhas gerais da entrevista; ☐ Manifestar ao/a entrevistado(a) a importância do seu contributo e da relevância do seu saber e experiência;	
O impacto do museu de arte contemporânea na comunidade ☐ Este bloco está mais destinado a criar uma reflexão que permita compreender, desde o ponto de vista do entrevistado, de que forma o museu de arte contemporânea pode impactar uma comunidade de forma	☐ Compreender a relação do museu com a comunidade ☐ Compreender a relação com a comunidade artística local ☐ Conhecer os discursos/ artistas que o museu expõe/ trabalha	☐ De que forma o museu trabalha com a comunidade? Como interage com ela? ☐ Quais segmentos/ partes da comunidade são os públicos do museu? Explicar a diferença dos conceitos. ☐ Considera que a população da cidade reconhece valor ao	

geral; de forma específica nos diferentes setores da comunidade e quais as linhas que têm. Deixar claro quais os setores e as linhas. Explicar os conceitos que estou a usar de comunidade (população da cidade) e públicos (específicos, turísticos, escolar, juvenil, famílias, etc.)		museu e às suas coleções? Como é perceptível e demonstrado? ☐ Acha que as pessoas da cidade e do distrito se sentem representadas no museu? Sentem-se à vontade no museu? Como percebe isso? ☐ Como é definido o programa expositivo do museu? (ouvir e depois perguntar isto, se não foi falada: Há intenção de que isso faça sentido para a comunidade e que seja um elemento para o desenvolvimento social? se sim, pode citar algum exemplo de exposição ou alguma pratica que é percebida como forma de a fazer sentido para a comunidade e que transforme a exposição como ferramenta para o desenvolvimento social) ☐ O conteúdo que é exposto no museu, de alguma forma, reflete a realidade da sua cidade/ distrito/ região?	
--	--	---	--

		☐ Têm tido alguma exposição que tenha sido alvo de mais discussão dentro da comunidade de uma maneira geral? Onde e como essa discussão aconteceu? Porquê acha que isto aconteceu? <u>Em que medida considera que essa discussão vinda da comunidade pode ser positiva para o seu desenvolvimento social?</u> ☐ Qual a relação do museu com a comunidade artística local? Trabalham em conjunto ou não? (Que tipo de trabalhos já foram feitos? Qual os objetivos desses trabalhos?) ☐ Quais são as atividades que os serviços educativos têm que são destinadas à comunidade? ☐ Que género de colaborações o museu faz com outros equipamentos culturais e sociais?	
Reforçar positivamente o contributo do entrevistado e agradecer.			

O segundo bloco, está destinado para falar do museu enquanto instrumento que pode contribuir no desenvolvimento social. Nesta dissertação tenho partido da premissa do desenvolvimento social segundo os parâmetros das grandes organizações mundiais e governamentais: na melhoria das condições laborais; o desenvolvimento económico; igualdade de género; inclusão da terceira idade; educação e formação ao longo da vida...

Compreender a perceção de impacto que os museus de arte contemporânea têm no desenvolvimento social da comunidade

- ☐ Este bloco está mais direcionado para construir uma perceção de impacto do entrevistado sobre o museu de arte contemporânea e o seu impacto no desenvolvimento social

- ☐ Compreender de que forma o entrevistado entende que o museu impacta no desenvolvimento social da cidade
- ☐ Compreender que tipo de desenvolvimento social o museu trabalha “integrado” ou “económico”

- ☐ O museu (Quinta da Cruz/ Cargaleiro) impactou/impacta as pessoas a nível laboral ou não? Se sim, de que forma?
- ☐ De que forma, na sua opinião, o museu (Quinta da Cruz / Cargaleiro) contribui com lógicas de inclusão social? Pode-me dar exemplos?
- ☐ Em que medida pensa que o museu (Quinta da Cruz/ Cargaleiro) contribui para educação e formação ao longo da vida das pessoas da cidade? Há algum exemplo, algum estudo, algum indicador que possa ser consultado?
- ☐ Qual a relação do museu (Quinta da Cruz/ Cargaleiro) com a câmara municipal?
- ☐ Pensa que a câmara se serve do instrumento “museu” para implementar e promover as

		políticas de desenvolvimento social na cidade? Se sim, pode-me dar exemplos? ☐ Acha que o museu pode ser uma ferramenta para trabalhar a cidadania, a democracia, a espiritualidade, a justiça, a tolerância, a liberdade, entre outros? Isso já tem sido feito? Se sim, pode-me dar exemplos? Se não, como acha que poderia ser feito? ☐ É o museu, enquanto instrumento, capaz de promover um desenvolvimento social, realmente centrado na sociedade? Acha que o deve fazer? ☐ Acha que o museu da sua cidade o faz? Como? Porquê? Por exemplo com comunidades específicas ou de forma mais geral? Publico	
--	--	--	--

Apêndice III – Quadro de análise das entrevistas

Dimensões de análise	Categorias de análise	Unidades de sentido		
		Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco	Vereadora da Cultura e Ação Social de Viseu	Responsável pelos Museus Municipais de Viseu
Comunidade	Trabalho com os públicos	“depois há um outro aspeto que é também importante aqui referir e valorizar, que é a questão do projeto educativo associado ao Museu Cargaleiro, e daquilo que é a ação dos serviços educativos, que vão fazendo um trabalho de continuidade com as escolas, seja do ensino pré-escolar, seja depois do primeiro ciclo, do segundo ciclo, do terceiro ciclo e do ensino secundário, que visitam com os seus professores, visitam com o Museu Cargaleiro, que desenvolvem atividades à volta da obra do Cargaleiro. Algumas atividades presencialmente no Museu, e outras atividades em contexto saudável, portanto, nas escolas desses alunos,	“Maioritariamente, públicos escolares e seniores. Ou seja, há aqui uma zona onde é mais difícil nós entrarmos porque é mais difícil nós estabelecermos... Vamos lá outra vez. O público jovem e o público sénior é aquele que está mais permeável a atividades organizadas ou pré-organizadas.” “Depois é claro que nós temos muitos visitantes na Quinta da Cruz que não são nem jovens, nem escolares, nem seniores. Mas estes temos mais dificuldade em organizar para esta faixa atividades específicas. Nós sabemos que eles nos visitam pelos números e	“E na realidade, e eu já tive essa experiência em conversar com alguém casualmente, e esse alguém viver em Vila de Moinhos, por exemplo, à porta da Quinta da Cruz, e nunca ter entrado na Quinta da Cruz. Portanto, o público que visita e que frequenta a Quinta da Cruz é quem vem de fora, quem nos visita, e não a comunidade em si, ou seja, as pessoas que moram ali por perto, que moram na envolvente da Quinta da Cruz.” “depois de fora, falamos de público diverso. Aqueles que vêm visitar a cidade e simplesmente

		e que depois se refletem naquilo que são as exposições ou que são atividades associadas ao Museu” “No ano passado, foi este ano, 2024, foi em 2023, o tema do nosso Carnaval foi precisamente o mestre Manuel Cargaleiro. Foram feitas umas centenas, se calhar, milhares de máscaras como ponto de inspiração à obra de um toque. Na altura ele até ficou um bocadinho surpreendido pela proposta que lhe fizemos, que nós gostámos de desenvolver estas atividades em conjunto com ele, mas depois isto resultou numa grande exposição que não decorreu lá no Museu, mas que parte do Museu e que parte da obra existente no Museu.” “Há, por outro lado, um trabalho que é feito, como disse, em conjunto pelos serviços educativos do Museu,	sabemos que quando nós organizamos, por exemplo, uma inauguração, eles marcam presença. Ou quando nós organizamos uma visita guiada específica para determinado conteúdo expositivo, eles também marcam presença. Mas, na verdade, eu diria que o nosso público maior em quantidade, público escolar e público sénior.” “Não. Ok. Ou seja, nós temos, acho que já percebi, nós temos estes públicos e depois temos parceiros dentro da comunidade que são parceiros privilegiados. As escolas, o Instituto Politécnico, também temos uma faixa importante que tem a ver com os jovens portadores de algum tipo de deficiência que também estão muito presentes. Mas, tudo isso são os nossos públicos e nós trabalhamos com as instituições que os representam, de	visitam os museus que têm, que encontram para visitar, e pronto.”
--	--	---	--	--

		mas também pelas escolas e do documento de escolas, sejam elas privadas, sejam escolas públicas, no sentido de, a partir da obra do Manuel Cargaleiro, estudar e sensibilizar também para a arte, para a importância da arte e para aquilo que é o património artístico de Castelo Branco, a partir do Cargaleiro.” “Poderia melhorar a nossa capacidade para ter mais exposições temporárias e ter uma apresentação, se assim posso dizer, uma maior apresentação da obra do mestre e daquilo que ele tem, porque há efetivamente muitos trabalhos que ainda não foram expostos, mas que ao longo de muitos anos, que nós esperamos que esta fundação e este museu aqui se mantenha, terão a ocasião de serem expostos e de serem visitados.”	alguma maneira. Ao contrário de outros equipamentos municipais, em que nós temos programas que saem do espaço e vão ao público. Estou-me a lembrar, a Biblioteca agora fez anos e nós saímos da Biblioteca e fizemos a Biblioteca no Rossio. Nós não temos esse programa na Quinta da Cruz, portanto, a Quinta da Cruz nunca sai dali, digamos.”	
--	--	--	---	--

		“Vamos lá ver, há sempre os iniciados e aqueles que são o público em geral. Por parte daqueles que ou são especialistas em arte ou têm atividades profissionais ou atividades comunitárias mais direcionadas para a arte e para a apreciação de movimentos artísticos, é óbvio que esses olham para as exposições e olham para a obra de Manuel Cargaleiro com outra perspetiva, com um espírito mais crítico, não devemos falar necessariamente do espírito negativo, mas podemos considerar ao nível da discussão daquilo que é o objeto artístico, as dimensões da obra de arte, esse tipo de situações. O público em geral, que é a sua maioria, ele interessa essencialmente que as coisas aconteçam, que haja exposições, que possam operar essas exposições, que possam ser apreciadas e, portanto, não existe esse olhar tão crítico, mas existe essencialmente participação e		
--	--	---	--	--

		as pessoas habituaram-se a passar pelo museu e a fazer deste espaço museológico ou considerar este espaço museológico como uma parte integrante da cidade e da vida comunitária da cidade.” “Por outro lado, o museu serve a Câmara Municipal no sentido que é um fator de atratividade de turistas, de visitantes e de reconhecimento da cidade e de reconhecimento do território, através de um nome que se associa, neste caso, a Castelo Branco. Manuel Cargaleiro está intimamente associado a Castelo Branco, está em outras cidades, em outras nacionalidades, nomeadamente a Itália, penso que já tinha referido, mas também a França e a Paris, mas é em Castelo Branco que está o grosso da obra de Manuel Cargaleiro e ela está em Castelo Branco, como disse, pela		
--	--	--	--	--

		disponibilidade do município, mas também por vontade, obviamente, de Manuel Cargaleiro.”		
	Trabalho/ impacto na comunidade	“Depois, porque a sua localização na zona histórica, que é uma zona que carece de intervenção, tem um outro impacto, que foi a requalificação de um espaço e a devolução de um espaço à comunidade. Em primeiro lugar, através do Salão do Cavaleiro, que foi requalificado, foi melhorado e foi adaptado ao espaço museológico e, portanto, foi devolvido à cidade. E depois com a intervenção na Praça Académica, com a construção do outro espaço museológico, que, portanto, também reabilita a Praça, lhe dá novas funções e novas localizações e valoriza o espaço e valoriza a zona histórica. E isto enquadra numa estratégia de desenvolvimento da Câmara Municipal, portanto, do município de Castelo Branco, que é ter um conjunto de projetos-rango	“Interage em vários níveis. Desde logo, a Quinta da Cruz é um espaço que tem muitas valências. E, portanto, essa relação com a comunidade faz-se no sentido da promoção de diversas atividades que são dirigidas, não é à comunidade em geral, mas a diversos setores da comunidade. E depois também, claro, quando é uma exposição, a comunidades mais abrangentes. Mas tem outra vertente que tem a ver com a própria comunidade. A comunidade é atriz dentro do museu, no sentido em que podes pôr lá e podes fazer projetos lá. Portanto, nós recebemos projetos que nos vêm, digamos, de outras forças da cidade.”	“também existe um grande espaço, esse dedicado mais ao cultivo e que neste caso o município também aproveitou o espaço para efetuar uma requalificação para que pudessem ser implementadas as hortas comunitárias. As hortas comunitárias são disponibilizadas à comunidade no sentido de as pessoas poderem fazer o pedido da cedência de talhões para cultivarem os seus próprios legumes, os seus próprios cultivos.” “Relativamente à freguesia em si, porque a Quinta da Cruz está implementada num território que tem a ver com uma freguesia, que é a freguesia de São Salvador e que está ali muito próximo

		na zona histórica que se afigurem como espaços de visitação, espaços de atração e, ao mesmo tempo, espaços de valorização daquela zona e daquele espaço da cidade.” “Os artistas locais visitam o museu, a relação da comunidade artística com o museu ela passa-se muito ao nível não da comunidade artística própria, mas essencialmente daquilo que é a escola.” “As atividades são os dias abertos do museu são por exemplo o aniversário são atividades relacionadas com o período da Páscoa, são atividades relacionadas com o período do Natal, são atividades que ao longo do ano se vão desenvolvendo de acordo com aquilo que é o programa cultural do museu e expositivo do museu e que às vezes estão ligadas àquilo que são o calendário e aos vários eventos do calendário e	“A questão ambiental. E que tem a ver com a possibilidade... Primeiro, aquilo é um pulmão da cidade, é um pulmão importante. Segundo, é um pulmão que tem características ambientais específicas das espécies que lá têm e da diversidade das espécies que lá têm. E, por outro lado, ainda acresce a isto, nós temos um programador das comunitárias anexado ali ao espaço. Isto permite que o próprio equipamento também tenha uma vertente de passeio e de usufruto na natureza que eu acho que é também um dos traços distintivos daquele equipamento.” “É definido de várias maneiras. Nós temos uma parceria importante na Quinta da Cruz, que é a Associação de Professores de Comunicação Visual, APECV. APECV, que é uma Associação de Professores das Áreas da Comunicação Visual, tem	também da aldeia de Vila de Moinhos (...) ainda não há uma ligação explícita nesse sentido. Não quer dizer que no futuro vá haver, e esperemos que sim, mas neste momento ainda não.” “Sim, sim. Sim, porque o espaço, apesar de ter espaços físicos, não é descentralizado, ou seja, ter diversos espaços físicos, porque tem o edifício principal, mas depois existe a sala das oficinas, a sala da receção, a sala do forno, etc. Mas todo o espaço é acolhedor e, portanto, isso por si só leva a que haja um clima afável para o visitante poder circular, poder abraçar o espaço em si e o espaço abraçá-lo a ele. Portanto, isso sente-se claramente. E depois há outra coisa, há sempre uma reação de surpresa, porque não esperavam encontrar um espaço
--	--	---	--	--

		aproveitando um determinado, uma festa ou um evento, um aniversário ou um dia direcionado, se fazem exposições ou se fazem atividades direcionadas para aquela data comemorativa ou para outro tipo de atividade e aí as pessoas são chamadas a intervir a participar, a dar a sua opinião, simplesmente passar a olhar e depois virem-se embora porque também acontece essa situação.” “Tem também o impacto daquilo que é, se assim podia dizer, a autoestima. Porque para a população local e para a população que ainda vive na zona histórica, também é um motivo de orgulho dizer que naquele espaço está o Museu Cargaleiro, está um espaço museológico de excelência, porque o Museu Cargaleiro também não é apenas o ombro do mestre Cargaleiro. Há muito para além disso.”	uma espécie de uma salinha na Quinta da Cruz e tem esta autonomia de propor oficinas, workshops, por aí. Isto é muito importante porque a APECV nos faz, de alguma maneira, uma ponte com a comunidade pedagógica. E este desembrulhar destes conceitos é importante. Depois temos também uma parceria com a Áspera, entretanto, do Ambiente. Esta parceria foi anulada, mas temos um representante, um funcionário mais dedicado às questões ambientais. E, portanto, ele próprio também propõe muitas atividades ligadas à questão da sustentabilidade do ambiente e da diversidade da Quinta da Cruz e, portanto, deste espaço.” “Essa é a nossa preocupação. O que nós percebemos com a gestão, nós temos oito museus municipais. O que nós percebemos é que nem	magnífico, normalmente é o termo que utilizam. Olha, não esperávamos encontrar, ou desconhecíamos este espaço magnífico, ou não esperávamos encontrar este espaço magnífico. É um bocadinho por aí, sim, o espaço é acolhedor.” “Para a comunidade, e falando aqui na comunidade diretamente mais específica da comunidade local, não, mas da comunidade-cidade sim, e temos o exemplo claro e atual da exposição de José Moura, em que muitos viseenses nem sequer conheciam José Mouga, outros sim, conheciam muito bem e sabiam muito bem que é um artista da cidade, da terra, e que regressou a Viseu através das suas obras, neste caso, para a Quinta da Cruz, porque era para lá que fazia todo sentido regressar. Portanto, julgo
--	--	--	--	--

		“não é em todas as cidades que nós temos condições para apreciar obras da Virga Silva do Eduardo Padrões, do Picasso e de outros artistas de renome internacional que lhe podem ser vistas, podem ser quase mexidas ou podem ser quase sentidas e isso é algo que valoriza também a dimensão artística a dimensão artística aqui do território. Se me diz assim, mas acha que alguém se inspira na obra do Manuel Cargaleiro? Acredito que sim que há pessoas que se inspirem na obra do Manuel Cargaleiro porque ele é um nome com muita presença muito reconhecido e que obviamente aqueles que começam a sua vida artística ou que já sendo artistas até reconhecidos acabam por ter alguma reflexão acerca da obra.”	todos os museus interessam a toda a gente. E isso, acho que para não nos sentirmos frustrados, é bom pensarmos já assim. Nós percebemos que nem tudo interessa a toda a gente. E há sempre uma preocupação em todos os museus municipais e todos eles têm uma identidade muito específica. E nisso, eu acho que está o nosso segredo, que é não misturar alhos com bugalhos. Por exemplo, a Casa da Lavoura, o Museu do Linho, é um museu rural. Portanto, não vamos tentar transformar. Às vezes acontece-nos, e temos uma parceria muito interessante com a Binaural, que é nós temos um olhar contemporâneo sobre aquela realidade. Mas não estamos a modificar a realidade. A realidade nós não a conseguimos modificar. O que é que acontece com a Quinta da Cruz? Nós percebemos que	que a programação é pensada não necessariamente para a comunidade local, mas para a comunidade-cidade, e claro, para lá da cidade, mas é pensada desta forma. Entendendo então a comunidade local como a freguesia e a cidade como a Viseu. Sim.” “Depende, porque já tivemos, por exemplo, estou-me a lembrar, Cabrita Reis, na Quinta da Cruz, e obviamente que não há aqui nenhuma reflexão direta, ou nenhuma relação, neste caso, direta à Viseu. E portanto, quem visitou foram curiosos e visitantes, vamos-lhe chamar visitantes de passagem, portanto, não há aqui uma relação direta. Mas, por exemplo, no caso atual do José Mouga, já houve aqui uma preocupação de integrar uma coleção de um artista local.”
--	--	---	---	--

		O Museu, como disse, tem uma centralidade que é importante para nós. Na altura, a opção por fazer o Museu na Zona Histórica foi uma opção estratégica e obedece a um objetivo estratégico, porque a Zona Histórica é o coração, se assim podemos dizer, da cidade, é o berço da cidade. Ao longo do tempo foram surgindo outras áreas urbanizáveis no Conselho e neste caso na cidade, e a Zona Histórica foi, também pela dimensão das ruas, pelo facto das casas serem mais pequenas ou com menos condições de habitabilidade, essa zona foi sendo, se assim podemos dizer, desabitada.	temos público da contemporânea visão. Porque nós temos as visitas tão cheias. Eu tenho sempre muita dificuldade nessa pergunta, porque no limite essa pergunta diz assim. Colocamos aquilo que interessa à comunidade? Ou mostramos coisas à comunidade que ela eventualmente não conheça, mas que lhe possam interessar? Esta é que é a pergunta. Porque a comunidade que ocorre essa mancha não conhece o José Mouga. Não sabe quem é. Mas se nós lhe pusermos uma exposição do José Mouga, e tivermos capacidade de mediar a exposição que lá destaca, com aquilo que ela representa, e fazer as evoluções, isto também ecoa na comunidade.” “Mas é claro que todo o trabalho que nós fazemos em termos municipais é destinado à comunidade.”	“Eu acho que é muito boa. É muito boa, lá está, porque os artistas estão sempre desejosos de irem à Quinta da Cruz por diversos aspetos. Primeiro porque há durante o ano uma panóplia de oficinas, enfim, há todo um conjunto de segmentos que eles podem explorar para o público, quer famílias, quer público escolar, quer crianças, enfim, adultos, séniores, e todos eles têm sempre uma grande abertura e, obviamente, uma grande criatividade para levarem à Quinta da Cruz algo novo, algo criativo, e mostram sempre esta disponibilidade.” “Nós, na Quinta da Cruz, temos também algumas parcerias, uma delas é com a APEC, que é a Associação de Professores Artistas, e só por isso há aqui logo
--	--	--	--	--

			“Agora, eu não sei se ela reflete, mas ela responde às necessidades, e isso é muito importante. Significa que há artistas em visão, ou há agrupamentos coletivos de artistas, que conseguem desenvolver o seu trabalho porque existe a Quinta da Cruz, e porque tem sítio para depois expor com uma outra valência que a Quinta da Cruz tem, que é importante, que é o de aceitar residências. E, portanto, nós permitimos que, de alguma forma, os artistas possam estar na Quinta da Cruz, a desenvolver o seu trabalho e depois a mostrá-lo também. E não só artistas visuais, porque também há artistas performativos que usam o espaço da Quinta da Cruz.” “Mas lembro-me, por exemplo, de uma que teve também muito impacto e teve muita repercussão,	uma grande alavanca para conseguirmos ter sempre movimento em torno daquilo que é o trabalho dos artistas locais.” “Imensos, peças de teatro, oficinas das mais variadas vertentes, de âmbito ambiental, de educação ambiental, de pigmentação, ou seja, criar com elementos da natureza outras diversidades de peças de arte, podemos assim chamar. Até, por exemplo, um projeto muito interessante que temos, que é o projeto da arte postal, que também é muito conhecido já e que sabem que todos os anos podem ir visitar a Quinta da Cruz, ver e participar e, portanto, são variadíssimas as atividades que são realizadas no espaço”
--	--	--	---	--

			que se chamava Histórias de um Lugar, era de uma artista... Acho que ela era espanhola. Ana... Mas depois tentamos recuperar. E que era uma visão, ou seja, foi uma artista que esteve em residência a recuperar as histórias da Quinta da Cruz, porque a Quinta, antes de ser um centro, era uma casa rural e, portanto, ainda temos relatos dos miúdos que viveram naquela casa. E, portanto, ela foi fazer essas entrevistas e fez uma série de ilustrações e também de algum trabalho de escultura sobre as memórias. E isso teve um grande impacto na comunidade, não só ali na comunidade onde a Quinta se insere, mas depois também, como vieram, veio a família e os primos. E depois aquilo acabou por funcionar como teia. E foi um projeto muito bonito.”	“promover esta ligação dos artistas, da comunidade, dos públicos com a Quinta da Cruz.” “os serviços educativos trabalham com base naquilo que está em exposição, dependendo das várias temáticas, sendo que a educação ambiental está sempre muito presente, independentemente do tipo de atividades que estejam a decorrer ou do tipo de exposições que estejam a decorrer no momento. A educação ambiental é sempre ali um foco muito importante no espaço.” “falamos de parcerias e acordos de colaboração, ou seja, com a APECV, que ainda há pouco referi, já tivemos colaboração com a ASPIA, que é a Associação de Desenvolvimento de Educação Ambiental, por exemplo, com a própria família do José Mouga”
--	--	--	---	--

			“Acontece em quem nos visita. Portanto, esse é onde nós... Acontece no trabalho das escolas, que depois levam o trabalho para executar, da memória que tiveram. Mas se me perguntar assim, aconteceu nos jornais? Não. Não aconteceu nos jornais, nem aconteceu... Ouvia-se na rua, as pessoas a comentarem? Não sei. Sabe também que o meu lugar é de bolha. Que é uma coisa que é problemática nestes cargos. Nós acabamos por não ouvir muito o zum-zum real. Não ouvimos muito o zum- zum dirigido.” “A Quinta da Cruz ainda é mais porque nos permite fazer um trabalho de mediação com públicos muito específicos. Os escolares, as associações que trabalham com a deficiência os jovens do ensino secundário. Há um programa que é muito	“outro tipo de colaborações, por exemplo, com uma associação que se chama Memória Comum e que durante três anos está a fazer o estudo dos diferentes animais que pode encontrar na zona envolvente da Quinta da Cruz, que é o Gabinete de Curiosidades, animais e plantas.” “Claro que existe também uma ligação aos institutos superiores, neste caso ao Politécnico, que tem o curso de Multimédia, de Artes em Multimédia, e que todos os anos também é-lhes cedido o espaço para eles poderem expor os seus trabalhos e a sua criatividade e, portanto, também há esta preocupação.”
--	--	--	--	--

			interessante que é os alunos do curso de comunicação do IPV expõem os trabalhos finais na Quinta da Cruz. Isto é importantíssimo. Perguntas-me assim e a qualidade dos trabalhos? Isso não me interessa tanto neste contexto. O que é importante é que há uma dúzia muito mais, há 20 miúdos todos os anos que passam 15 dias na Quinta da Cruz e que desenvolvem este trabalho dentro do conteúdo.” “Todas. Agora, como falávamos há bocado a comunidade divide-se e há comunidades específicas” “Nós no outro dia organizámos um debate uma conversa na Quinta da Cruz só para agentes culturais que também fazem parte da comunidade e que precisam também de... e tivemos essa reunião com agentes culturais	
--	--	--	---	--

			ainda mais específicos com agentes culturais que trabalham para a infância e a juventude. E, portanto, é súper afunilado, mas na verdade, foi também uma maneira de lhes mostrar o espaço da Quinta da Cruz e dizer assim, nós estamos receptivos a propostas para este espaço para a infância e a juventude.” “trabalhamos agora, neste momento enquanto falamos, está a decorrer um festival chamado Educarte que é de Práticas e Mediação Artística, ou seja, os miúdos desde os mais pequenitos dos três anos até aos mais velhitos doze anos, direi eu trabalham, ou vão à Quinta da Cruz fazer workshops de serigrafia vão ver a exposição do MOGA vão ver as árvores vão desenhar, fazer um terráqueo uns jardins vão fazer tudo isso dentro da Quinta da Cruz”	
--	--	--	--	--

			“O ano passado tivemos um programa que se chamava Férias na Quinta em que os miúdos entravam lá todos os dias, às nove da manhã e só saíam às seis da tarde e andavam pela Quinta a fazer atividades ao ar livre a cantar, a dançar, não sei o quê dentro da Quinta isso é uma coisa que nós também não nos podemos desligar do que é que é a nossa função de serviço público, ou seja, se eu estiver a perder depois tu orientas o que é que nós percebemos? nós percebemos que há umas férias grandes que são gigantescas e os pais não sabem onde é que vão meter os miúdos” “no Natal fizemos outra muita gira que era também para as férias, para ajudar os pais que era cada dia num museu, portanto eles de manhã	
--	--	--	--	--

			não sabiam para que museu iam e então passaram um dia no museu e isto eu acho que desenvolve outras competências nas crianças” “AVIS-PT 21, trabalha com um bailarino que é o Romos, e tem ensaios na Quinta da Cruz.” “temos a parceria com uma companhia chamada Cem Palcos, que tem um talhão das hortas comunitárias, e anda lá a desenvolver atividades com miúdos desfavorecidos, ou órfãos, ou institucionalizados, para eles desenvolverem atividades ao ar livre, chama-se a Horta de Deméter” “O equipamento continua a ser mais ou menos desconhecido pela maioria dos habitantes da cidade, sofrendo de duas coisas. Primeiro, não é no centro. E há um... é dois	
--	--	--	---	--

			minutos do centro, ou três minutos do centro, mas... Mesmo quando nos pedem espaços para desenvolver atividades e eu proponho a Quinta da Cruz, dizem-me sempre, ah, esse lugar é muito longínquo. Portanto, as pessoas preferem sempre ou o Museu de História da Cidade, ou o Polo Arqueológico, ou o Almeida Moreira, mais do que a Quinta da Cruz.” “A ideia do Equipamento Municipal é de abrir portas e depois as pessoas percorrem os caminhos com as ferramentas que foram adquirindo.”	
	Valor do museu	“Nós conhecemos e valorizamos cada vez mais aquilo que é o turismo cultural. E o Museu Cargaleiro insere-se dentro de um conjunto de infraestruturas ligadas à cultura, que acabam por se complementar e acabam por ir ao encontro daquilo	“Acho que a população da cidade não conhece a Quinta da Cruz, o que é um desafio” “Se perguntar na rua, ninguém lhe fala da Quinta da Cruz como um sítio a visitar.”	“Eu acho que a população considera valores no espaço, porque, a meu ver, as pessoas não têm noção do que é que existe, do tipo de coleções que ali vão parar, do tipo de importância das coleções que ali estão, que

		que eu lhe dizia há pouco. As pessoas não viram a Castelo Branco apenas para visitar o Museu Cargaleiro, mas vêm pelo Museu Cargaleiro a pensar noutras visitas e noutros espaços museológicos, noutros espaços onde o possam fazer. Logo ao lado do Museu Cargaleiro, um pouquinho abaixo, está o Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, onde se faz o Bordado de Castelo Branco, onde se expõe o Bordado de Castelo Branco e onde se valoriza também o património cultural deste território e nomeadamente, depois, a sua distinção com o céu da Unesco ao nível das cidades criativas. Portanto, há aqui uma complementaridade entre os diferentes espaços museológicos que estão muito incorporadas precisamente no Museu Cargaleiro. Outras perspetivas é que nós podemos ter.”	“Não sinto que as pessoas se sintam representadas no espaço, mas quando conhecem o espaço, apropriam-se do espaço e dizem a nossa Quinta da Cruz. Portanto, tem a ver como desconhecimento do espaço.”	costumam estar patentes na Quinta da Cruz, neste caso.”
--	--	--	---	--

		“no fundo o Museu Cargaleiro, como ele dizia logo no início, é uma âncora, diz respeito àquilo que é a oferta cultural do concelho de Castelo Branco, e quando falo da oferta cultural estou a falar da oferta cultural expositiva ou museológica e aparece como âncora pela sua localização geográfica de um lado, mas também por aquilo que representa a obra que está exposta no Museu” “Portanto há, por um lado, um reconhecimento quase natural por parte da população relativamente ao Museu, à obra e àquilo que está em exposição nesse mesmo Museu”		
	Valor da arte	“Durante muito tempo o mestre de Cargaleiro não teve um espaço expositivo permanente. Apesar de ter galeristas muito importantes, nomeadamente em Paris, havia essa necessidade de acolher e de	“Este é um problema. O outro problema tem a ver com o conteúdo expositivo da Quinta da Cruz, em que eu acho que ainda há muito trabalho a fazer no sentido de aproximar aquilo que é a arte	“Por outro lado, é sempre bom conseguirmos que estes trabalhos depois sejam alvo de estudo para possíveis exposições que, por norma, acabam sempre por terem esse destino, essa finalidade de serem expostos.”

		conservar o espólio do mestre de Cargaleiro.” “Portanto, a presença de uma fundação e de um museu de arte contemporânea alusiva ao mestre Cargaleiro é desde logo, e em termos daquilo que é a sua projeção do território, importante em termos de notoriedade. O Museu Cargaleiro hoje é provavelmente o museu mais visitado da cidade. Nós temos outros museus, alguns bem mais antigos, mas este acaba por se afigurar como um dos mais visitados. E porquê? Precisamente por isso, pela notoriedade, pelo nome, pela obra do mestre Cargaleiro.” “Há obras da Arvaz Eanes, da Geira Silva, que são provavelmente a maior número para além das do Manoel Cargaleiro, mas também podemos encontrar obras do Picasso e de outros artistas contemporâneos do	contemporânea da comunidade em geral e da mediação que é necessário fazer para que a arte contemporânea não seja vista como uma coisa elitista só para a compreensão de alguns. Nós temos feito esse trabalho em termos do que propomos de conteúdo para a Quinta da Cruz. Mas, ainda assim, parece-me que a comunidade ainda não...” “Quando se fala de arte contemporânea as pessoas ainda não a validaram com o peso da história. Portanto, é importante que nós a defendamos porque é a expressão do nosso tempo, não é? É positiva para o desenvolvimento social de Viseu. É obrigatório. Nenhuma comunidade se desenvolve sem a cultura e as artes.”	“Essa questão é muito interessante tendo em conta diversos pontos de vista, porque se por um lado é um espaço muito bom para trabalhar, porque estamos em ligação direta com a natureza, por outro lado há também sempre uma ligação automática à arte contemporânea e nem toda a gente consegue ter uma leitura, não se pode dizer correta, porque as pessoas interpretam a arte contemporânea da forma que entendem que devem interpretar e, portanto, nem toda a gente se identifica com a arte contemporânea e há sempre estas duas questões.”
--	--	---	--	---

		mestre Cargaleiro que aqui estão representados. Portanto, isso também é um aspeto de valorização deste território. Os museus, por outro lado, são eles fatores de desenvolvimento e cultura.” “Sim, sentem-se representadas. Veja-me uma coisa, nós todos os anos, independentemente da presença ou não do Mestre Cargaleiro, celebramos o seu aniversário e fazemo-lo no museu. Este ano fizemo-lo, há pouco tempo, por ocasião dos seus 77 anos, inaugurámos uma exposição, neste caso, com obras também do Manuel Cargaleiro e o número de pessoas presentes no dia de inauguração são pessoas que, neste caso, que hoje prestavam a sua maioria, foi bastante significativo. E são pessoas que têm alguma notoriedade, e são pessoas que têm algum reconhecimento também em termos		
--	--	--	--	--

		daquilo que são as dinâmicas culturais, seja do Conselho, seja da região.” “O conteúdo que é exposto é o conteúdo da obra do Manuel Cargaleiro. Manuel Cargaleiro reflete muito do seu trabalho e muito das suas obras aquilo que é a realidade do território. E ele é também um colecionador. (...) sendo o Manuel Cargaleiro um artista, o oriundo da nossa região, na sua carreira artística e com aquilo que são as suas obras, muitas vezes têm refletido aquilo que é a realidade do território onde ele nasceu e o território onde ele tem as suas raízes, porque também na arte as raízes são importantes e elas estão refletidas nesse momento” “existe essa complementaridade pelo seu trabalho, pela sua obra, pelo carinho que todos temos pelo		
--	--	--	--	--

		Mestre Cargaleiro, obviamente que ele se figura aqui como uma peça central no panorama cultural de Castelo Branco.” “Se é uma questão de oportunidade, e aí temos o impacto social também, é uma questão de oportunidade, porque de acordo com o que eu dizia à pouco, não são todas as cidades que têm a possibilidade e têm o privilégio de ter uma coleção como a do Manuel Cargaleiro, seja naquilo que é a sua coleção pessoal, seja a própria, a sua obra de arte própria, seja pelas obras de arte que estão aí, pelos artistas que ali estão representados”		
Desenvolvimento social	Impacto do museu no desenvolvimento social integrado	“Como eu dizia há pouco, o ano passado a obra do Cargaleiro vai muito para além daquela obra que está exposta. O ano passado concluímos em inventariação de um conjunto muito significativo de peças, neste caso, muito	“Acho que é sempre positiva. Acho que a função das obras de arte é sempre, o Aristóteles tinha uma coisa muito interessante que falava do espanto como condição para a filosofia. E eu acho que as obras de	“A todos os museus, a todos os espaços, julgo que são espaços para podermos trabalhar todos esses conceitos. E tem sido feito? Tem sido feito. Tem-se tentado que isso seja feito.

		direcionadas para a cerâmica e que a partir dessa inventariação foi feita uma escritura de doação que elas eram obras pessoais do Mestre Manuel Cargaleiro e foi feita, portanto, uma escritura de doação de uma obra que era particular para a Fundação Manuel Cargaleiro, aumentando muito o acervo artístico do Museu e permitindo outro tipo de intervenções. E o outro tipo de intervenções é a criação de um polo de cerâmica que vai para além daquilo que é hoje o polo de cerâmica ou o espaço museológico do Solar do Cavaleiro. E, portanto, estamos a trabalhar nesse sentido de modo a que os grandes painéis em que o Cargaleiro e os instrumentos estão encaixados possam ser expostos, possam ser conhecidos e possam ser também valorizados por essa vida. São alguns dos aspetos que eu penso	arte têm sempre essa função de criar de alguma forma um mecanismo ou de espanto ou de mudança interior. E, portanto, a discussão, quando tu discutes qualquer coisa, tu sais do teu sítio para te colocares num outro sítio qualquer.” “Portanto é sempre positiva. E até é muito positiva quando dizes o que eu adoro sempre. Eu fui lá e não percebi nada. Eu acho que isto como um início de conversa é sempre ótimo. Porque a arte também não tem que ser percebida. Não é uma questão de... Estudas isto melhor do que eu. Não é uma questão de compreensão. Não há uma compreensão racional da obra de arte. Portanto, tu podes adorar uma coisa que não... É como o amor, não é? Tu adoras uma coisa	Às vezes já há uma reticência, não quer dizer que seja por parte, por exemplo, da administração, até porque nós neste momento temos uma vereadora que está ligada às artes, é vereadora da cultura, e que é muito maleável e deixa-nos acolher projetos que possamos ter alguma dessas vertentes nos espaços. E na Quinta da Cruz todos eles são enquadrados, portanto...” “Eu acho que é fácil falar disso da Quinta da Cruz, porque quando nós falamos que a Quinta da Cruz recebe muitas exposições no âmbito da arte contemporânea, todas elas nos levam a uma reflexão, de uma maneira ou de outra, não é? E o facto de refletirmos sobre aquilo que estamos a ver, eu posso refletir de uma maneira e tu refletires de
--	--	--	---	--

		que vão em conta daquilo que era a sua pergunta, se não forem diga que eu tento reposicioná-lo. Não, foi perfeito.” “até posso dizer que existe uma cultura em Castelo Branco antes do Museu Cargaleiro e uma realidade cultural depois do Museu Cargaleiro, seja pela aglutinarietà, seja também por aquilo que é a coleção que é de facto extraordinária.” “É um museu que, se assim podemos dizer, onde entra todo o tipo de visitante, como eu à pouco dizia. Seja ele mais informado sobre a arte, sobre as diferentes formas de arte, seja o visitante mais comum.” “isto tem impacto ao nível da nossa comunidade, ao nível da nossa sociedade, porque temos a	que não percebes. Mas que... Portanto eu acho que essa discussão é sempre positiva. O que eu acho que é importante como responsável política neste estilo de equipamentos é a de sublinhar sempre e a cada passo a sua utilidade e a defesa do seu conteúdo expositivo.” “E o sentimento de pertença é muito importante. Tremendamente importante. Sim. Quando há sentimento de pertença, as pessoas apropriam-se. Sim. Que é o que acontece, por exemplo, com o nosso Museu do Linho.” “Acho que todas as atividades culturais trabalham, não isso tudo ao mesmo tempo, mas podem ser mecanismos para trabalhar isso tudo”	outra. Por isso é que eu digo que às vezes já há pessoas que não se enquadram na arte contemporânea, não é? Eu acho que é um bocadinho por aí, ou seja, nós conseguimos ter uma reflexão abrangente da vida, dos vários aspetos da nossa vida.” “temos também a questão, podemos associar esta questão da cidadania, da educação, por exemplo, à questão ambiental, e estou-me a recordar de atividades que são feitas com base naquilo que é a proteção do nosso planeta, enfim, das nossas origens, e tudo isso nos leva a refletir, a pensar, e portanto, sim, é importante.” “Sim. Este sim é um bocadinho com reticências, não é? Porque lá está.
--	--	---	--	---

		oportunidade de ter aqui algo que não existe noutros territórios e que contribui para, como eu também disse logo no início desta conversa” “o artista é sempre alguém que tem muitos olhares sobre o mundo e que tem sempre muitas experiências, porque atrás de uma verdade há sempre um grande conhecimento do mundo, daquilo que rodeia o artista e daquilo que é a sua inspiração, se é assim que podemos dizer, porque temos a criatividade, mas a obra de arte não reflete apenas a criatividade, reflete também uma formação e um conteúdo cultural que o artista reflete nessa obra de arte e cada vez que nós visitamos um museu e neste caso concreto um museu de Manuel Cargaleiro, também temos a oportunidade de ver, de refletir na obra de comer aquilo que é a sua formação, a sua	“Acho que sim. Acho que trabalha muito as questões da cidadania, nos programas de mediação que nós vamos desenvolvendo. Trabalha muito a questão da sensibilidade estética” “acho que isto tem a ver com a qualidade de vida que tu ofereces e a qualidade de vida, nós estávamos a falar há bocado, muitas coisas, mas a qualidade do espaço público e a qualidade dos espaços municipais são fundamentais. E quando tu pensas, tu pensas só em termos de parques que têm atividades culturais, tu tens o Parque da Aquilino Ribeiro, tens o Santiago, agora tens o Mercado, tens a Quinta da Cruz e tudo isto são equipamentos municipais que permitem duas coisas, ligação direta com a natureza, e nós sabemos que	Tem tudo a ver com as políticas que queiram incriminar a sociedade. E portanto, isto vai depender muito desse especto, e depende sempre muito desse aspeto, quer desse museu, quer desse espaço, quer dos outros. Portanto, do meu ponto de vista sim, é perfeitamente possível. Basta que nos deem essas indicações, ou que nos deem esses oks para o fazer.” “Se calhar podíamos usar o espaço, às vezes temos um bocadinho de medo de abrir as portas a mais gente para não sobrecarregar o espaço.” “julgo que nós poderíamos sair dessa zona de conforto e abrir mais os portões para que houvesse ainda mais entrega à
--	--	--	--	---

		forma de olhar o mundo, de olhar outras culturas, outras crenças e também outras formas de pensar, por isso um museu é sempre, seja um museu de Manuel Cargaleiro, sejam outros museus, são sempre bons instrumentos de promoção da tolerância e também de olhar o mundo de outras formas, isso é inquestionável.” “se não fosse assim os museus não tinham sentido.” “Manuel Cargaleiro, que anda pelo Manuel Cargaleiro, ele irá valorizar de certeza absoluta e irá destacar algumas tapeçarias feitas pela mãe dele, que estão lá expostas, são três ou quatro coisas que estão expostas e que é para ele um grande motivo de orgulho.	uma das condições da felicidade é respirar o verde, não é possível, tens que ir às origens, há muitos, posso divagar aqui de várias outras sobre isto, mas também a relação com a cultura e com as artes, e a Quinta da Cruz promove isso.”	sociedade, ao território. Julgo que seria um bocadinho por aí.”
--	--	---	--	--

		E isso também é uma forma de valorizar um património, de valorizar uma cultura e de valorizar, neste caso, alguém que não tendo se calhar uma formação cultural muito grande, como era a mãe do Manuel Cargaleiro, acaba por ser valorizada por ele e sendo valorizada por ele é valorizada pela comunidade. Há outros exemplos, por exemplo, há uma das obras que se destaca, é uma porta pintada pelo Manuel Cargaleiro, uma porta velha, que ele utiliza depois como suporte para um conjunto de representações que reflete alguma territorialidade e a representação do território.” “Depois temos as questões temáticas e o facto de algumas das atividades do museu, sejam elas direcionadas para os mais jovens, sejam direcionadas para os adultos, estarem assentes num tema,		
--	--	--	--	--

		e o Cargaleiro também trabalhou temas, como os grandes artistas” “O Museu faz parte de uma comunidade. Nós não podemos ver nunca um território com peças separadas e desagregadas.”		
	Impacto do museu no desenvolvimento social económico/laboral	“A primeira, que é aquela mais básica, mais elementar, e também fundamental, que é o facto do Museu Cargaleiro ser um espaço, não sei se podemos dizer empresarial, ou seja, naquele espaço que trabalham pessoas. Não são muitas, mas ainda assim são um conjunto de postos de trabalho que existem porque existe o Museu Cargaleiro.” “A questão da empregabilidade, por um lado, e depois a questão da requalificação da zona histórica”	“A equipa da Quinta da Cruz, se me diz assim, laboralmente, quantas pessoas é que trabalham na Quinta da Cruz? Não é um impacto significativo. São para aí seis ou sete pessoas, se contarmos com os jardineiros e com os seguranças, etc. Mas a criação de postos de trabalho ou de condições laborais paralelas, acho que é muito expressiva.” “Depende daquilo a que nós acreditamos, basicamente. Eu sou daquelas que acredito que a educação e a cultura são as	“Os recursos humanos afetos à Quinta da Cruz são recursos humanos com ligação direta ao município e, portanto, a questão da seleção de recursos humanos para o espaço Quinta da Cruz é sempre através dos recursos humanos do município, do departamento, neste caso do município.” “grande procura, e acredito que seja mesmo pelo espaço que é, há uma procura por parte da APBDA, da APCV, da AvisPT21, que são todas elas entidades que têm pessoas para integrar na

		“Sim, há algum elemento que promove o desenvolvimento social, pelas razões que já lhe disse, porque as pessoas visitam, porque as pessoas apreciam a arte, porque a partir da visita a estas exposições, são educadas nesse sentido, e porque cada uma das exposições é visitada pelas diferentes pessoas, ou por muitas das pessoas que, em outras ocasiões, já tinham visitado o Museu. Disse também que o local onde está o Museu se constitui, aproveitando também aquilo que é a própria construção, como um pequeno anfiteatro, que muitas vezes é usado para além daquilo que é o espaço museológico em si, é utilizado através da globalização do espaço exterior e a partir do anfiteatro, para recitas, sejam elas de poesia, sejam de outro tipo artístico, seja para a realização	ferramentas de mudança do mundo. Não tenho muitas.” “E por isso eu acho mesmo que os museus municipais podem mudar a educação, a maneira como uma comunidade também se identifica. Para além de que também acho outra coisa. Acho que bem trabalhados podem ser motivos de orgulho de uma comunidade.” “outras colaborações é que a Quinta da Cruz tem com outros equipamentos culturais e sociais tem muitos primeiro temos uma parceria com a AVIS-PT 21 e vamos ter outras parcerias com outras instituições em que recebemos funcionários com deficiência com algum tipo de isto para nós é importantíssimo porque estamos nesta luta de transformar todos os espaços municipais inclusive e, portanto, é muito importante para	sociedade por diversos motivos e que a Quinta da Cruz é um dos espaços que mais recebe esse tipo de pessoas que são propostos por essas instituições, e tem resultado muito bem, tem resultado muito bem, tem corrido muito bem” “no ano passado tivemos uma situação de um rapaz que veio da parte da Avis-PT21, o problema dele é a esquizofrenia, e ele era uma pessoa que ainda hoje ele vai para a Quinta da Cruz e está só 3, 4 horas de trabalho, que para ele é muitíssimo importante esse tempo que ele está. (...) numa das conversas, nós tivemos conhecimento que ele tinha alguns desenhos que fez numa dada altura da vida dele, quando começou a ter problemas, e nós pedimos-lhe para vermos esses desenhos, e resultaram numa
--	--	--	--	--

		de concertos, mas sempre numa interligação, numa relação muito próxima com o Museu, com as exposições que existem no Museu, e também às vezes com convidados, sejam eles nacionais, sejam internacionais, que visitam o Museu e que fazem conferências, fazem debates e fazem também uma presença e fazem acontecer uma vida social, que sem a existência do Museu naquele local e sem a existência dessa obra não existiria.” “Em termos daquilo que é a empregabilidade, que eu me recordo, não contribuiu para a inclusão social. Na igualdade de género, o maior número de trabalhadores no museu são do sexo feminino.” E o Museu teve o objetivo, também, de recentrar a cidade e recentrar	nós que aliás temos uma história linda que é um miúdo que é um homem feito que tem uma doença mental começou a trabalhar na Quinta da Cruz como receção, portanto recebeu o público e tal, sempre impecável e depois ele mostrou-nos os desenhos dele que ele escreve e pinta e organizou uma exposição que esteve na Quinta da Cruz numa sala pequenina claro que é sala do forno e eu acho que foi o dia mais feliz da vida daquele homem.”	exposição, em que isso foi bem impactante para ele” “Isto é um exemplo bastante atual que temos na Quinta da Cruz, obviamente que já passaram muitos outros, desde mais novos a mais velhos, integramos inclusivamente questões daqueles programas ligados ao IFP, que depois canalizam os estagiários, que são aquelas pessoas que já estão numa idade, que já não têm, se calhar, grandes chances no mercado de trabalho” “o espaço pode ser considerado multifacetado dentro daquilo que são as artes, não é? E, quando falamos de artes, falamos de muita coisa. Falamos de um mundo, falamos de artes plásticas, falamos da música, falamos da dança, falamos do teatro, falamos... Enfim, portanto,
--	--	--	--	--

		aquilo que são os locais de atratividade da cidade. Ora, isto também promove oportunidades sociais, porque também aqueles que não têm habitação ou que têm pequenas atividades, sejam elas artesanais, temos um artesão que continua a trabalhar a madeira, a fazer pequenos trabalhos de mercenaria, mas também outras atividades “contribui para a notoriedade do Conselho, para o reconhecimento do Conselho, e obviamente também para a geração de riqueza, porque também são impactos sociais. Porque muitas das pessoas que vêm visitar o museu tomam um pequeno-almoço em Castelo Branco, fazem conversas, seja no museu, seja noutros espaços da cidade, dormem em Castelo Branco e, portanto, de forma indireta, isso tem impacto na vida económica e na vida social,		há uma imensidade de fatores que nós podemos considerar e que podem ser utilizados naquele espaço, naquele ambiente, e que podem contribuir...”
--	--	--	--	--

		através da geração de empregos diretos, mas também através da promoção de atividades comerciais ou outras no Centro Castelo Branco.” “Sim. Contribui de forma direta ou contribui porque cada vez que se visita uma exposição no museu existe a possibilidade de fazer visitas guiadas, portanto, cada uma das pessoas que acompanha a visita ou que promove a visita acaba também por ser um agente de divulgação cultural e depois também de formação pública e de valorização do conhecimento deles” “o próprio museu está a trabalhar, ou está a fazer esforços no sentido de vir a ter os audioguias de modo a complementar e a durar ainda mais aquilo que é a explicação da obra exposta no museu. Depois tem o papel que eu à pouco lhe falava e		
--	--	---	--	--

		que valorizava da presença das escolas e dos alunos das nossas escolas que utilizam o museu e a obra presente no museu para aulas de História de Arte e para também a formação cultural e artística dos nossos jovens e dos nossos alunos, sejam eles dos mais novos aos alunos do ensino superior.”		
	Relação institucional	“o Museu de Cargaleiro parte de um objetivo que na altura foi comum à Câmara Municipal e também ao mestre de Cargaleiro. E esse objetivo é encontrar um espaço para que a sua obra tivesse um museu e tivesse um espaço permanente à disposição.” “foi aqui feita uma forte intervenção, no sentido de Castelo Branco acolher a obra do mestre de Cargaleiro e acolher aqui um espaço museológico.”	“Não havendo, como não há em nenhum museu municipal, um diretor específico da Quinta da Cruz. Portanto, há umas linhas de orientação do Poder Político para os técnicos e, depois, essas linhas são desenvolvidas. Nós, em termos políticos, e eu agora mais particularmente, defini que a Quinta da Cruz está mais relacionada com aquilo que são as manifestações de arte contemporânea e de artes visuais contemporâneas. Portanto, vai	“Isso tem a ver, primeiro, tem a ver com o que é que a administração do município, o que é que a administração pretende para o espaço, nomeadamente dentro daquilo que são os quatro anos de vigência, digamos que de um mandato. E dentro daqueles quatro anos nós recebemos as instruções para, não só a Quinta da Cruz como os outros espaços, o que é que se pretende fazer durante aquele

		“Vamos lá ver, a programação cultural e expositiva é feita pela equipa que trabalha no Museu. Não existe um diretor do Museu, essa figura ainda não foi considerada, mas existe uma equipa constituída por trabalhadores que estão afetos à Câmara Municipal e num protocolo de desenvolvimento da sua atividade, à Câmara Municipal é uma empresa, neste caso é uma empresa municipal que é o IBGEC, através de um protocolo de desenvolvimento da sua atividade no Museu e é entre esses técnicos que são também pessoas com formação ligada à arte, o Conselho de Administração, mas sempre com concordância e muitas vezes com a iniciativa do Mestre Cargaleiro que são definidas as exposições e também as intervenções que se fazem no Museu”	muito àquilo que nós definimos como a pós-modernidade ou a contemporaneidade, vai muito à questão das artes visuais, das artes performativas que, de alguma maneira, exijam ou possam ser representadas em lugares não convencionais e trabalham muito sobre os conteúdos que são os conteúdos da arte contemporânea, do significado, do sentido, da própria representação. Portanto, é isto que está na Quinta da Cruz.” “Serve. Serve em várias maneiras. Serve, como esta que contei há bocado, das férias. Que é claramente uma política social. É uma política de apoio às famílias. Portanto, utilizamos estes mecanismos para isso.” “Serve-se, porque utilizam os espaços, a Quinta da Cruz, para a promoção de uma série de	tempo. A partir daí nós temos de ter sempre em conta a questão financeira, que é sempre muito importante” “sim, sim, claro que sim, todos eles, não é? Eu acho que sim, até porque estamos a falar de um dos únicos espaços, e tendo em conta a amplitude daquele espaço, diria mesmo um dos únicos espaços na cidade, por exemplo, com esta vertente concreta da arte contemporânea, por exemplo. Portanto, acredito que sim, que seja usada quer a Quinta da Cruz, quer os outros espaços, dentro daquilo que são as áreas temáticas de cada um.” “questão das hortas comunitárias que falei há pouco. E que o município, porque neste caso é o município que faz essa gestão, e não o espaço Quinta da Cruz
--	--	---	---	---

		“não há nenhuma atividade que se desenvolva no Museu da qual ele não tenha conhecimento, ele é sempre informado e as exposições, quando nós temos uma exposição permanente, depois são feitas exposições temporárias a partir, portanto, do muito acervo que existe e cada uma das exposições conta com a sua opinião, com a sua participação e também com a sua validação.” “A Câmara Municipal desde o início foi grande responsável pela presença do museu, foi a Câmara Municipal que disponibilizou o Palácio do Cargaleiro, foi a Câmara Municipal que construiu o bloco, o espaço, digamos assim, o edifício 2 do Museu de Cargaleiro e é a Câmara Municipal que está disponibilizando um terceiro espaço para o espaço expositivo relacionado com a	eventos.”	Museu, que faz essa gestão das hortas comunitárias, mas está ligado automaticamente à Quinta da Cruz, não é? Portanto, julgo que aí temos essa política implementada.”
--	--	---	------------------	---

		cerâmica. Há também a partir da Câmara Municipal que é possível ter alocado um conjunto de trabalhadores que são sustentados, assim que posso dizer, do museu e a possibilidade de o museu estar a funcionar.” “Talvez pudesse fazer de uma forma mais consistente e mais continuada. Acredito que sim. Ou seja, não existe nenhum programa, existe nenhuma estratégia muito adjacente. Ou seja, nós vamos utilizar o museu como um fator de promoção social, de oportunidades sociais. Acredito que se possa valorizar mais o que é feito. Se calhar não é feito de forma, às vezes, muito planeada, é mais feito, ou pelo menos estrutural, não é feito de forma estrutural, é feito de forma mais conjuntural e mais pontual.”		
--	--	---	--	--

		“Quando nós temos representação, ou vamos fazer a promoção de Castelo Branco em feiras internacionais, fazemos um gol também considerando aquilo que é o Museu Cargaleiro.” “a obra do Manuel Cargaleiro e a presença aqui. E alguns dos materiais de divulgação do município utilizam temas, que são temas inspirados na obra do Manuel Cargaleiro. Existe, não é uma apropriação, é uma complementaridade entre aquilo que é o Museu e aquilo que é a Câmara, porque vamos lá ver, se nós não usámos em termos de promoção do território e em termos de valorização do território aquilo que o define”.		
--	--	---	--	--